

PRÉ-MILENISMO E PRÉ-TRIBULACIONISMO

Bruno Chaves

Pré-Milenismo
e
Pré-Tribulacionismo

Bruno Chaves

Copyright © 2015 Bruno Chaves

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-85-918414-6-2

INTRODUÇÃO

Sem dúvida, a profecia escatológica com a qual a maioria dos teólogos concorda é a vinda de Cristo. Nela está depositada a esperança de praticamente todos os cristãos. Por esta razão, é amplamente ensinada no Novo Testamento, onde os apóstolos levavam o Evangelho ao mundo, em busca de convencer todos da certeza da volta do Senhor.

A vinda de Cristo é o evento que separará o tempo atual do tempo do fim, profetizado pela Bíblia. A partir daquele dia, todo o tempo destinado a resolver as últimas coisas é chamado de “últimos dias”. Diz-se “últimos dias”, não por serem o fim da eternidade, mas por compreenderem o final de todas as obras e projetos de Deus para a Terra. É uma relação, portanto, entre o tempo que já passou, desde a criação da humanidade, e o tempo onde o destino da mesma será determinado.

Quanto ao evento em si, a volta de Jesus é uma certeza em, praticamente, todo o cristianismo. O que motiva dúvidas e discussões é o momento cronológico de Sua vinda. Esse assunto tem gerado grandes controvérsias nas religiões cristãs. Algumas acreditam que Jesus já voltou de forma simbólica,

outras marcam datas exatas para Sua vinda, outras acreditam que ninguém pode saber o dia certo.

Há uma divisão no meio evangélico concernente à existência, ou não, de um reinado de Jesus, chamado pela Bíblia de Milênio. Igualmente, há controvérsias sobre a existência literal de uma Grande Tribulação. O que uma escola teológica difere da outra é quanto ao dia da vinda de Cristo, se ocorrerá antes ou depois do Milênio, e antes ou depois da Grande Tribulação. E este é exatamente o tema desta obra: discutir sobre questões que favorecem, ou não, a informação de que a vinda de Cristo ocorrerá antes desses eventos.

Para tanto, a Bíblia foi tomada como pedra angular e como base incontestável de toda argumentação. Foram analisados textos bíblicos, minuciosamente, em conjunto com outros que estão coligados em toda a extensão das Escrituras Sagradas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
-----------------	---

VOLUME 1: PÓS-MILENISMO

CONCEITOS INICIAIS	11
--------------------------	----

Em que crê o pré-milenismo?.....	13
----------------------------------	----

Em que crê o pós-milenismo?	15
-----------------------------------	----

Em que crê o amilenismo?	19
--------------------------------	----

PRIMEIRA E SEGUNDA RESSURREIÇÃO	21
---------------------------------------	----

O DIA DE CRISTO.....	49
----------------------	----

Essência do Dia do Senhor	51
---------------------------------	----

Dia literal ou simbólico?	57
---------------------------------	----

A VINDA DE CRISTO SERÁ INESPERADA.....	71
--	----

SINAIS DA VINDA DE CRISTO	83
---------------------------------	----

COMO SERÁ A ATUAÇÃO DO DIABO?	111
-------------------------------------	-----

JÁ ESTAMOS REINANDO?.....	117
---------------------------	-----

QUEM REINA SOBRE QUEM?	125
------------------------------	-----

O AJUNTAMENTO DE ISRAEL E O MILÊNIO	133
---	-----

Promessas a Israel.....	135
-------------------------	-----

A IGREJA DEVE CONVERTER O MUNDO?	139
--	-----

A BESTA.....	143
--------------	-----

AS SETENTA SEMANAS	167
A PRISÃO DE SATANÁS	201
QUANDO SERÁ A VITÓRIA SOBRE A MORTE	233
MIL ANOS LITERAIS?	237
A DATA DO COMEÇO DO MILÊNIO	243
SOBREVIVENTES DA BATALHA DO ARMAGEDOM	251
OS ANIMAIS DURANTE O MILÊNIO	267
SIMBOLISMO OU LITERALISMO.....	269
CONCLUSÃO	279
VOLUME 2: PRÉ-TRIBULACIONISMO	281
COMO SERÁ A PRIMEIRA RESSURREIÇÃO?	283
O PRÉ-TRIBULACIONISMO É RECENTE?	293
O ARREBATAMENTO OCORRERÁ PRIMEIRO	299
JESUS VIRÁ NO COMEÇO DO MILÊNIO?	305
O DIA DO LADRÃO	309
Iminência ou sinais?	313
Imprevisibilidade	317
ARREBATAMENTO DE QUEM?	323
JESUS SÓ SAIRÁ DO CÉU APÓS A GRANDE TRIBULAÇÃO?	335
A TRIBULAÇÃO DOS SERVOS DE DEUS	337

A igreja será atribulada?	346
A igreja escapará da ira	351
ARREBATAMENTO PARCIAL?	367
DUAS FASES DA VINDA DE CRISTO	371
Os originais hebraicos da vinda de Cristo	379
CONCLUSÃO	385
VOLUME 3: MESOTRIBULACIONISMO	387
A PRIMEIRA METADE TAMBÉM É TRIBULAÇÃO	389
TROMBETAS	393
AS DUAS TESTEMUNHAS	399
A visão pós-milenista	409
LITERALIDADE OU SIMBOLISMO?	411
OS 144 MIL ISRAELITAS.....	413
CONCLUSÃO	415
BIBLIOGRAFIA	417

Volume 1:

Pós-Milenismo

CONCEITOS INICIAIS

O Milênio se constitui ponto de referência para demonstração do dia da vinda de Cristo.

A ideia de que este evento solene acontecerá depois do Milênio chama-se pós-milenismo. Os que creem que a vinda de Cristo se dará antes do Milênio chamam-se pré-milenistas. E estes se subdividem em: pré-tribulacionistas, mesotribulacionistas e pós-tribulacionistas.

O pré-tribulacionismo prega um arrebatamento antes da tribulação. O mesotribulacionismo crê que o arrebatamento ocorrerá no meio da tribulação. E o pós-tribulacionismo ensina sobre um arrebatamento após a tribulação.

E há também o ensino de que não haverá Milênio, nem antes, nem depois da vinda de Cristo. Este pensamento se denomina amilenismo.

Em que crê o pré-milenismo?

O pré-milenismo entende que o livro selado, que foi aberto pelo Cordeiro em Apocalipse, é o livro da Grande Tribulação. Todos os fatos narrados nele não refletem o histórico da humanidade, mas são fatos ocorridos depois do arrebatamento.

De acordo com a doutrina pré-milenista, Jesus virá fisicamente à Terra e reinará pessoal e literalmente sobre todo o mundo.

A volta de Jesus se dará em duas partes. Ele virá primeiramente para os santos e, posteriormente, com os santos. Em resumo, o pré-milenista/pré-tribulacionista crê que Jesus virá de forma invisível, ressuscitará os santos e os arrebatará juntamente com todos os cristãos vivos. Restarão na Terra somente os ímpios vivos e mortos.

Seguir-se-á a Grande Tribulação de sete anos sobre o planeta. Durante o período, converter-se-ão algumas pessoas. A besta apocalíptica surgirá e matará todas elas. O governo da Terra estará nas mãos da besta durante os sete anos.

Ao final da Grande Tribulação, Jesus voltará pela segunda vez, visivelmente, trazendo os santos que outrora foram arrebatados, derrotará a besta e matará seus exércitos. Depois ressuscitará os mártires que se converterem durante a Tribulação e começará o reino milenar.

No Milênio reinarão todos os salvos, dentro da cidade Nova Jerusalém, já com corpos glorificados. No restante do planeta, todas as nações ímpias, sobreviventes à Batalha do Armagedom, viverão em paz mundial, trazendo frutos do seu trabalho à Cidade Santa. Este pensamento não é unânime entre os pré-milenistas.

Durante esse reinado, Satanás permanecerá amarrado no abismo, impedido de enganar as nações. Quando terminar o Milênio, ocorrerá sua libertação e a consequente revolta dos ímpios vivos, que tentarão guerrear contra os santos. Após serem derrotados e mortos, os ímpios serão ressuscitados (juntamente com todos os outros ímpios que morreram durante a história da Terra), julgados e condenados ao Lago de Fogo.

Ao final do Milênio, a cidade Nova Jerusalém voltará e permanecerá para sempre no terceiro céu (isto também é controverso). E assim, segue-se a eternidade. Esse gráfico sofre algumas alterações, quanto à forma, de acordo com as diferentes denominações evangélicas.

Em que crê o pós-milenismo?

A doutrina pós-milenista prega que a segunda vinda de Cristo ocorrerá após o Milênio.

O livro selado do Apocalipse, que descreve os selos, as trombetas e as taças, não traz profecias futuras ao nosso tempo, mas informa coisas que estão acontecendo no presente. O pós-milenismo crê que vários fatos do livro de Apocalipse já se realizaram e que outros estão acontecendo no presente, cabendo ao intérprete associar as profecias aos fatos do mundo atual. Não haverá tribulação de sete anos, mas as tribulações já começaram.

Em síntese, o Milênio já começou desde a morte e ressurreição de Jesus, O qual reina do céu sobre a Terra, arquitetando a difusão do Evangelho por todo o mundo. Não é um reino político, mas espiritual, visando espalhar a oportunidade salvífica a todos.

A doutrina ensina que o Evangelho será pregado e crido em todo o mundo, e que o mundo caminha de forma gradual ao pleno reino de paz e de prosperidade anunciado pela Bíblia. Por fim, ao se aproximar do fim do Milênio, o globo terrestre

converter-se-á num lugar dominado pela paz e pelo Evangelho. O crescimento e a regeneração do reino ocorrem, portanto, de forma gradual. O mundo tende a melhorar, pouco a pouco. A violência diminuirá, e a quantidade de salvos aumentará gradativamente, até a plenitude.

Como a volta de Cristo ocorrerá apenas ao final do reinado, tal período não pode corresponder literalmente a mil anos, uma vez que a data da conversão global é imprecisa e já ultrapassou um milênio.

O aprisionamento de Satanás no abismo já ocorrera desde a morte de Cristo. Sua libertação se dará no dia da volta de Jesus, ao fim do Milênio. Assim, enganará os povos novamente, gerando uma apostasia. E esta é outra diferença entre o pré e o pós-milenismo, pois, para o pré-milenista, a apostasia ocorrerá antes da vinda de Cristo.

No dia da vinda de Cristo, ocorrerão vários fatos que se desenrolarão dentro de 24 horas literais. Haverá a Batalha Final, onde todos os ímpios morrerão, sem restar sobreviventes. Após isto, ocorrerá a ressurreição global de justos e injustos, de uma só vez. Seguir-se-á o julgamento e a condenação dos ímpios.

Para os santos, ocorrerá o arrebatamento, o julgamento e as Bodas do Cordeiro, também dentro do Dia de Cristo.

Deus separará os “cabritos” das “ovelhas” e os destinará para a eternidade.

Em que crê o amilenismo?

A doutrina amilenista, por sua vez, é aquela que defende a ausência do Milênio. Segundo ela, após a vinda de Cristo, segue-se imediatamente o Juízo Final e o encaminhamento dos homens à eternidade.

O ensino amilenista não é muito claro em sua essência. Destaca-se mais pelo ataque ao pré-milenismo do que à defesa de sua própria doutrina. Nesse ponto confunde-se com o pós-milenismo em seus artigos e argumentações. Para ambas as classes, o trecho de Apocalipse 20, que descreve a prisão e a libertação de Satanás, e as ressurreições, é simbólico e se refere a toda era neotestamentária, desde a primeira vinda de Cristo até o fim do mundo.

A diferença básica entre o amilenismo e o pós-milenismo é que, para aquele não há a necessidade de que o período presente compreenda um reino. Consequentemente, os amilenistas não pregam a conversão da humanidade, preparando o reino para o Dia de Cristo. A palavra Milênio é simbólica para eles.

PRIMEIRA E SEGUNDA RESSURREIÇÃO

Em Apocalipse 20 se registram duas ressurreições, denominadas primeira e segunda. Nelas reside o âmago da discussão entre as doutrinas “pós” e pré-milenismo. É nelas que se sustentam basicamente os pilares deste conflito.

O pós-milenismo crê que a ressurreição corporal dos justos ocorrerá no mesmo dia da dos injustos, baseado em versículos como:

“Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão” (Jo 5.28).

Para a teoria pós-milenista, a expressão “vem a hora” denota um único instante, enquanto que o pré-milenismo julga adequado considerar o termo como um resumo sem compromisso com a explanação de detalhes.

Para o pré-milenismo a ênfase está no versículo subsequente:

“Os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo” (Jo 5.29).

João parece estar diferenciando duas ressurreições separadas, que ocorrerão em dois estágios distintos. Essa diferenciação também se ilustra em:

“Tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos” (At 24.15). *“Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno”* (Dn 12.2).

Aqui tomam lugar duas ressurreições diferentes: uma de justos e outra de injustos. Elas podem muito bem estar separadas no tempo, coisa que não é pormenorizada no texto. Os versículos se atêm apenas ao resumo, sem detalhar quando ocorrerá cada ressurreição.

Mas a Bíblia apoia a ressurreição dos justos em separado:

“E serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos” (Lc14.14).

O texto bem poderia ter dito “no dia da ressurreição”. Mas não o fez. Antes especificou: “na ressurreição dos justos”, deixando margem para crermos que existem dois tipos de ressurreição, que são efetuados separadamente.

“Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” (1Ts 4.16).

Aqui também não houve generalização, afirmando que todos ressuscitarão ao mesmo tempo. No dia do arrebatamento serão ressuscitados apenas os mortos em Cristo.

“Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda” (1Co 15.23).

E os ímpios? O versículo afirma claramente que, na vinda de Cristo, somente os Seus serão ressuscitados.

O pré-milenismo, como acredita que o Milênio ocorrerá após a vinda de Cristo, visualiza as ressurreições em épocas distintas: a dos justos antes do Milênio, e a dos injustos após esse período.

Não é estranho às Escrituras conjecturar a ressurreição dos justos separada espacial e temporalmente da dos injustos. Veja que essa separação é tão evidente, que é como se apenas os justos ressuscitassem:

“Mas os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento” (Lc 20.35). “Para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos” (Fp 3.11).

Todos serão ressuscitados, mas os justos serão dignos de alcançar uma ressurreição diferenciada.

É interessante observar também que a ressurreição dos justos é taxada de ressurreição “**dentre** os mortos”, o que não ocorre com a ressurreição dos injustos. Ressuscitar dentre os mortos agrega o sentido de que sobrarão outros mortos no dia em que os primeiros ressuscitarem.

A palavra “dentre” é *ek*, preposição primária que denota origem. Seu significado é “de dentro de, de, por, fora de”. *Ek* é o ponto de partida, que informa de onde surge a ação. Desse modo, a tradução “dentre” é acertada e adequada.

Existem vários registros bíblicos em que *ek* se relaciona com a ressurreição:

Ressurreição de Jesus

“E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos” (Mt 17.9). “E lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia” (Lc 24.46). E também: Mc 6.14,16; 9.9,10; Lc 9.7; Jo 2.22; 20.9; 21.14; At 3.15; 4.10; 13.3,34; 17.31; Rm 4.24; 6.4,9; 7.4; 8.11; 10.7,9; 1Co 15.12,20; Gl 1.1; Ef 1.20; Cl 2.12; 1Ts 1.10; 2Tm 2.8; 1Pe 1.21.

A ressurreição de Jesus foi única e separada, deixando várias outras pessoas mortas em seus túmulos. Por isto se diz “dentre” os mortos.

Ressurreição com corpo mortal

“Abraão, porém, lhe respondeu: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (Lc 16.31). “Seis dias antes da Páscoa, foi Jesus para Betânia, onde estava Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos” (Jo 12.1). “Porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou” (Hb 11.19). Ver também: Jo 12.9,17.

Desta forma, qualquer pessoa que já tenha ressuscitado no passado, ressuscitou dentre os demais mortos. Sobraram outros mortos que ainda não foram ressuscitados.

Ressurreição dos justos

“Pois, quando ressuscitarem de entre os mortos, nem casarão, nem se darão em casamento; porém, são como os anjos nos céus” (Mc 12.25). “Mas os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento. Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição” (Lc 20.35,36). “Ressentidos por ensinarem eles o povo e anunciarem, em Jesus, a ressurreição dentre os mortos” (At 4.2).

O fato de existir ressurreição dentre os mortos, implica que restarão ainda outros mortos que não ressuscitaram. É uma ressurreição do meio dos demais mortos.

“Para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos” (Fp 3.11).

Neste versículo específico não há a preposição *ek*. Sua tradução literal é “ressurreição para fora dos mortos”, o que determina que há vários mortos que sobraram depois da primeira ressurreição. E assim, a Bíblia estabelece que a

ressurreição não é universal, mas parcial, restando ainda outros mortos repousando em suas sepulturas.

Ressurreição dos injustos

A ressurreição dos justos é dentre os mortos. Mas a dos **injustos** é chamada simplesmente de “ressurreição”. Exatamente **todos** os versículos que possuem a preposição *ek* relacionada com a ressurreição se referem aos justos, e não aos ímpios. Repito, não existe ressurreição dentre os mortos para os ímpios, em toda a Bíblia. Quando, finalmente, a ressurreição destes ocorrer, não poderá ser chamada de ressurreição “dentre” os mortos, pois eles serão os últimos a ressuscitarem.

Observe o quanto é específico o tratamento dado aos ímpios diante do Trono Branco:

“Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo” (Ap 20.13,14).

Primeiramente, convém lembrar que o juízo do Trono Branco é para julgar apenas os ímpios, a fim de receberem punição proporcional às suas obras.

Note que **todos** os mortos que havia no mar, na morte e no além foram entregues para serem julgados e lançados no Lago de Fogo. O mar, a morte e o *hades* entregaram tudo o que tinham para a condenação eterna. E isto implica em dizer que os salvos não estarão mais lá naquele dia.

Não existe mais a expressão “dentre os mortos”, pois todos os que restaram são ímpios e estão condenados. A sentença à segunda morte foi aplicada a todos. Porque a primeira ressurreição outrora separou os justos, deixando apenas os não-salvos para trás.

Nisto se reconhece que a ressurreição ocorrerá em dois estágios separados: um para os justos e um para os restantes.

Quanto ao fato do reino milenar fazer separação entre duas ressurreições, todas as correntes evangélicas, inclusive a doutrina pós-milenista, só passaram a conhecer a existência de um Milênio a partir da referência de Apocalipse 20.4-6. No entanto, os pós-milenistas se baseiam em quaisquer textos bíblicos mais do que nesta referência. Tal passagem bíblica lhes serviu apenas para informar que existe o Milênio, mas não é utilizada para fundamentar seus ensinamentos. E isto é compreensível, uma vez que o texto, se interpretado literalmente, é um forte argumento pré-milenista:

“Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos” (Ap 20.4-6).

Estes versículos, sozinhos, são capazes de fazer desmoronar toda a doutrina pós-milenista. Neles está a prova incontestável de que o Milênio terá início somente após a ressurreição. Vejam que o versículo 4 atesta que os mortos reviveram primeiro e, só depois, reinaram durante mil anos:

“... E viveram e reinaram com Cristo durante mil anos”.

Mortos não reinam! Uma vez que a ordem é viver, para depois reinar, significa que o Milênio só começará após a primeira ressurreição.

Os pós-milenistas não poderiam ficar inertes diante de tão evidente prova contra sua doutrina. Assim, passaram a

determinar que a primeira ressurreição é espiritual, e que já ocorreu no passado! Isso mesmo: ressurreição espiritual! Estamos acostumados com a ideia de que toda ressurreição é corporal, mas o pós-milenismo achou conveniente criar essa exceção. Uma ressurreição espiritual seria uma espécie de avivamento causado pela morte e ressurreição de Cristo. É naquele instante que o Milênio teria começado.

Para eles, ao final do Milênio, isto é, quando Jesus voltar, ocorrerá a segunda ressurreição, a qual será corporal, envolvendo justos e injustos. Assim, pretendem eles explicar as duas ressurreições narradas em Apocalipse 20. Quem teve parte na primeira ressurreição, que foi espiritual, terá garantia de vida eterna na segunda ressurreição. Então a distinção entre a primeira e a segunda ressurreição, não seria entre justos e injustos, como creem os pré-milenistas, mas entre ressurreição espiritual e corporal dos justos.

O pós-milenismo tenta justificar esse fato com uma comparação entre a primeira e a segunda morte. A primeira morte é corporal, enquanto que a segunda é espiritual.

No entanto, a comparação não foi bem sucedida, pois, para isto ter lógica, a primeira ressurreição deveria ser corporal, e a segunda, espiritual. E isto é o contrário do que

eles pretendem, ao afirmar que a primeira ressurreição é espiritual, enquanto que a segunda é corporal.

Outra diferença existente nessa comparação é que, para o pós-milenismo, os participantes da primeira ressurreição serão os únicos a fazerem parte da segunda ressurreição, enquanto que a participação da primeira morte não vincula a obrigatoriedade de passar pela segunda morte. Ora, todos morrem pela primeira vez, tanto os santos, quanto os ímpios, mas a segunda morte é apenas para estes, e não para aqueles.

E assim, a comparação foi ineficaz para ilustrar o pensamento pós-milenista de que a primeira ressurreição é espiritual e a segunda, corporal.

A interpretação de que a primeira ressurreição seja a conversão falha em sua aplicação prática nas Escrituras. É bom lembrarmos que a Bíblia nunca chamou algum avivamento espiritual de ressurreição. É regra bíblica inviolável que toda ressurreição seja corporal. Nas Escrituras não se encontra ressurreição de vivos, mas somente daqueles que tiveram seus corpos mortos.

Mas observe atentamente os seguintes versículos, nos quais o pós-milenismo se apoia, com o fim de justificar ressurreição espiritual:

“E, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (Ef 2.6). “Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus” (Cl 3.1). “Tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo, no qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos” (Cl 2.12).

As passagens bíblicas supracitadas, ao serem traduzidas para o português, induziram o sentido das frases a uma ressurreição espiritual, concedida a vivos fisicamente e mortos espiritualmente. Entretanto, faz toda a diferença enfatizar que nenhuma das palavras sublinhadas acima possui o original grego de ressuscitar, grafado em Apocalipse 20. O original delas é *sunegeiro*, cujo significado é levantar. O verbo ressuscitar foi uma alternativa de Almeida ao tentar traduzir as frases.

Note que o último versículo acima possui duas vezes o verbo ressuscitar. A primeira, *sunegeiro*, refere-se a nós, e a segunda, *egeiro*, refere-se a Jesus. Ambas possuem a mesma raiz, e sentidos semelhantes. A primeira se acopla com a preposição *sun*, que quer dizer “com”.

Existem apenas 3 passagens bíblicas para *sunegeiro*, que são as acima transcritas. Mas, para *egeiro*, são 135. Veja

algumas, para ter a noção do significado literal, que está sublinhado:

“Dispõe-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino” (Mt 2.20). “E não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão” (Mt 3.9). “Pois qual é mais fácil? Dizer: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te e anda?” (Mt 9.5). “Ao que lhes respondeu: Qual dentre vós será o homem que, tendo uma ovelha, e, num sábado, esta cair numa cova, não fará todo o esforço, tirando-a dali?” (Mt 12.11).

A partir dessa amostra, pode-se chegar à conclusão de que o significado literal de *egeiro* é “levantar”, e não exatamente “ressuscitar”. Entretanto, pode adotar este sentido, de acordo com o contexto:

“Curai enfermos, ressuscitai [levantai] mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai” (Mt 10.8). “Abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram [levantaram]” (Mt 27.52).

Segundo o que se averigua no Novo Testamento, o vocábulo em questão, quando se refere a vivos, significa avivar, despertar, levantar, dependendo do contexto. Quando dirigido

a corpos mortos, significa ressuscitar, pois fazer um morto se levantar é o mesmo que ressuscitá-lo. Indiretamente, o verbo levantar adquire o sentido de ressuscitar, pois está referindo-se a mortos.

Por conseguinte, os três versículos acima, nos quais Paulo afirma que já fomos levantados, não tratam de ressurreição, pois foram dirigidos a vivos.

Então, para constataremos se, em Apocalipse 20, a primeira ressurreição foi espiritual ou corporal, é relevante sabermos quem foi ressuscitado. Porque, se foram corpos físicos, trata-se de ressurreição corporal. Mas, se foram vivos que reviveram, seria apenas um avivamento.

“Vi ainda as almas dos decapitados”.

João não viu corpos de vivos, mas sim almas de mortos. Ele viu pessoas decapitadas. Há ali a palavra “alma”, que sugere ausência de corpo, e a palavra “decapitados”, a qual necessita de uma morte literal e corporal. João **não** viu “mortos espirituais”, pois nunca a Bíblia chamou os mortos espirituais de decapitados ou de mártires. Tais nomenclaturas só se adequam a mortos fisicamente.

Se são mortos, foram ressuscitados fisicamente, e não apenas avivados.

A palavra “mártir”, por sua vez, traduz um sentido literal ainda mais claro:

“... decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão”.

Eles morreram por causa do testemunho de Jesus e porque não receberam a marca da besta. Preferiram dar as próprias vidas ao abandonarem sua fé. Em outras palavras, são mártires. Para ser um “mártir” são necessárias duas coisas:

- 1) A conexão corporal envolvida.
- 2) A ligação da morte com a defesa de alguma causa, ou crença, ou trabalho.

Quem é morto espiritualmente não atende a nenhuma dessas condições, pelo que não existe “mártir espiritual”. Todo mártir arrisca seu próprio corpo, e não sua integridade espiritual.

Analisando a diferença entre mártir e morto espiritual, encontramos grande contraste. Mártir é alguém que morreu em defesa de uma causa, alguém que não nega sua fé, ainda que isto lhe custe a vida. Morto espiritual, ao contrário, é uma

pessoa que nunca teve compromisso com o Evangelho, isto é, que sempre foi morta, desde o nascimento. A morte de um mártir se deve à sua crença em Deus, enquanto que a morte de um morto espiritual se deve à sua servidão ao pecado. São duas posições exatamente contrárias! Por isto, se os mártires de Apocalipse 20 fossem espirituais, não poderiam ser chamados de mártires.

A morte corporal exige ressurreição corporal, enquanto que a morte espiritual exige ressurreição espiritual, a qual seria melhor chamada de conversão, ou de avivamento. Uma alma viva, com corpo morto, precisa de ressurreição corporal. Uma alma morta simbolicamente, com corpo vivo, carece de um “levantamento” espiritual.

Por estas razões, torna-se totalmente inapropriado considerar as pessoas de Apocalipse 20 como mortos espirituais, pois estavam defendendo sua fé ao morrerem fisicamente. Portanto, são mártires. Suas almas estavam vivas, mas seus corpos não. Então, suas ressurreições foram corporais.

Acima de tudo, não se pode qualificar a primeira ressurreição de Apocalipse 20 como avivamento espiritual porque o vocábulo original não é o verbo *egeiro* (levantar), e sim o substantivo *anastasis*. Em **todas** as referências bíblicas,

anastasis assume o significado literal de ressurreição. Seria impossível que, dentre 40 versículos, apenas os dois de Apocalipse 20 sejam simbólicos. A hermenêutica não aprova esta acepção. Os vocábulos que admitem simbolismo, de acordo com o contexto, são *sunegeiro*, *egeiro* e *anistemi*.

Se alguém quiser um aprofundamento, eis aqui todas as ocorrências de *anastasis* (ressuscitar):

Mt 22.23,28,30,31; Mc 12.18,23; Lc 2.34; 14.14; 20.27,33,35,36; Jo 5.29; 11.24,25; At 1.22; 2.31; 4.2,33; 17.18,32; 23.6,8; 24.15,21; 26.23; Rm 1.4; 6.5; 1Co 15.12,13,21,42; Fp 3.10; 2Tm 2.18; Hb 6.2; 11.35; 1Pt 1.3; 3.21; **Ap 20.5,6**.

E aqui, todas as referências de *egeiro* (levantar):

Mt 2.13,14,20,21; 3.9; 8.15,25,26; 9.5-7,19,25; 10.8; 11.5,11; 12.11,42; 14.2; 16.21; 17.7,23; 24.7,11,24; 25.7; 26.32,46; 27.52,63,64; 28.6,7; Mc 1.31; 2.9,11,12; 3.3; 4.27; 5.41; 6.14,16; 9.27; 10.49; 12.26; 13.8,22; 14.28,42; 16.6,14; Lc 1.69; 3.8; 5.23,24; 6.8; 7.14,16,22; 8.24,54; 9.7,22; 11.8,31; 13.25; 20.37; 21.10; 24.6,34; Jo 2.19,20,22; 5.8,21; 7.52; 11.29; 12.1,9,17; 13.4; 14.31; 21.14; At 3.6,7,15; 4.10; 5.30; 9.8; 10.26,40; 12.7; 13.22,23,30,37; 26.8; Rm 4.24,25; 6.4,9; 7.4; 8.11,34; 10.9; 13.11; 1Co 6.14; 15.4,12-14,20,29,32,35,42-44,52; 2Co 1.9; 4.14; 5.15; Gl 1.1; Ef 1.20;

5.14; Cl 2.12; 1Ts 1.10; 2Tm 2.8; Hb 11.19; Tg 5.15; 1Pe 1.21; Ap 11.1.

Existe ainda um verbo sinônimo de *egeiro*, que é *anistemi*, cujo significado também é “levantar”. E, quando se refere a mortos, significa ressuscitar fisicamente:

Mt. 9.9; 12.41; 17.9; 20.19; 22.24; 26.62; M 1.35; 2.14; 3.26; 5.42; 7.24; 8.31; 9.9,10,27,31; 10.1,34,50; 12.23,25; 14.57,60; 16.9; Lc 1.39; 4.16,29,38,39; 5.25,28; 6.8; 8.55; 9.8,19; 10.25; 11.7,8,32; 15.18,20; 16.31; 17.19; 18.33; 22.45,46; 23.1; 24.7,12,33,46; Jo 6.39,40,44,54; 11.23,24,31; 20.9; At 1.15; 2.24,30,32; 3.22,26; 5.6,17,34,36,37; 6.9; 7.18,37; 8.26,27; 9.6,11,18,34,39-41; 10.13,20,26,41; 11.7,28; 12.7; 13.16,33,34; 14.10,20; 15.7; 17.3,31; 20.30; 22.10,16; 23.9; 26.16,30; Rm 14.9; 15.12; 1Co 10.7; Ef 5.14; 1Ts 4.14,16; Hb 7.11,15.

Já vimos que a primeira ressurreição não pode ser simbólica, mas corporal. Agora comparemos a primeira com a segunda:

“... E viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos”.

Vale ressaltar que o original do verbo “viver” é igual, tanto para a primeira, quanto para a segunda ressurreição. Possui a mesma raiz, mas com o prefixo “re”, que denota reincidência. Assim, se interpretássemos que a primeira ressurreição é espiritual, seríamos forçados a admitir que a segunda também é.

O contexto até poderia alterar o significado dessas palavras, mas, uma vez que ambas as ocorrências estão juntas no mesmo texto, é impossível que o contexto possa moldar o significado de apenas uma delas, sem tocar na outra. Ora, o contexto é o mesmo para ambas. Assim, o sentido da palavra é exatamente igual nos versículos 4 e 5. Por isto, ou as duas ressurreições seriam espirituais, ou seriam ambas corporais. Qualquer interpretação que fuja dessa regra exegética é considerada uma deturpação. Se tivéssemos a liberdade de permitir tal manipulação tendenciosa de significados, estaríamos abrindo espaço para vastas possibilidades de criação de heresias.

A palavra “restantes” tem duas funções importantes:

- 1) Igualar o estado corporal entre a primeira e a segunda ressurreição.

- 2) Especificar que o grupo de pessoas que fará parte da segunda ressurreição é diferente do que fará parte da primeira.

Quando se diz “estes viveram, e os restantes viverão após mil anos”, subentende-se igual condição de ressurreição para ambas as classes. Tanto os que ressuscitarem antes dos mil anos, quanto os que ressuscitarem depois, terão caráter semelhante. Ou se trata de ressurreição espiritual, ou de corporal em ambos os casos. A palavra “restantes” garante essa igualdade. Tal conclusão pode ser extraída de mera interpretação gramatical. Nem precisa ser teólogo, para auferir tal significado do texto.

Por isto, não se pode aceitar que a primeira ressurreição seja um avivamento espiritual, enquanto que a segunda seja corporal, como projeta o pós-milenismo.

Considerando que as duas ressurreições são corporais, observe a expressão “até que”. Ela exprime que os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. A preposição existente assume, portanto, a função de determinar que os restantes dos mortos reviverão impreterivelmente após os mil anos. É a lógica gramatical, à qual se sujeita qualquer intérprete fiel. Assim, haverá espaço de mil anos entre as duas ressurreições corporais.

Outra questão que pode ser elucidada por qualquer professor de português é a distinção que a palavra “restantes” faz entre o primeiro e o segundo grupos. O que significa restante? Como a própria palavra diz, é o resto, a sobra. Isto equivale a dizer que, os que não forem ressuscitados na primeira vez, serão na segunda. Já o pós-milenismo assegura que as próprias pessoas que tiveram avivamento espiritual na primeira ressurreição, participarão da segunda ressurreição, que é corporal. A teoria está atropelando a palavra “restantes”, que exige diferenciação entre os grupos de ressurrectos.

Então, a princípio, o que fez tropeçar a doutrina pós-milenista foi mero equívoco de interpretação de texto. Se seus teoristas tivessem pedido auxílio a qualquer professor de português (ou de grego), ainda que seja ateu, não se teriam enveredado por tal heresia.

Conclui-se que o pós-milenismo nasceu de um simples erro de cálculo, e nada mais! Porque a questão nem precisava chegar ao âmbito da teologia, mas apenas da gramática. Observe o leitor que eu ainda nem toquei em teologia. Se formos partir para essa área, veja o que a Bíblia diz sobre quem afirma que a ressurreição já ocorreu:

“Estes se desviaram da verdade, asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo a fé a alguns” (Tm 2.18).

Paulo reprovava Himeneu e Fileto por ensinarem que a ressurreição já se realizou. Tal reprovação não teria sido pronunciada, se realmente tivesse ocorrido algum avivamento global que a Bíblia pudesse chamar de ressurreição. Em outras palavras, a ressurreição ainda não ocorreu.

Prosseguindo com a análise, vejamos que o pós-milenista tenta explicar duas informações de Apocalipse 20. O problema é que as duas explicações são conflitantes entre si. Desta forma, o pós-milenismo ataca a si próprio.

A primeira informação de Apocalipse é que quem reinará no Milênio são os mártires. A segunda é que quem reinará no Milênio são os participantes da primeira ressurreição.

O pós-milenista crê nestas duas informações. O embaraço é que, se juntarmos as duas, teremos uma igualdade matemática, que atesta que os mártires devem ser os mesmos participantes da primeira ressurreição. E, segundo a teoria pós-milenista, não são, pois os mártires não ressuscitaram (converteram-se no passado).

Para a referida teoria, os participantes da primeira ressurreição são os vivos, que receberam avivamento espiritual, ou conversão. Estes estariam reinando aqui na Terra. Já os mártires não receberam tal avivamento após a morte. Estes não podem estar reinando no céu, porque existe a terceira informação de Apocalipse 20:

“Primeiro foram mortos por amor a Cristo, depois viveram e depois reinaram”.

Se a ressurreição dos mártires foi espiritual, teria ocorrido antes da morte, ferindo assim a ordem ilustrada acima, a qual diz que primeiro morreram, e depois viveram. Por outro lado, se a primeira ressurreição for corporal, só acontecerá na volta de Cristo, destruindo a possibilidade do Milênio já ter começado. Então todas as saídas para escapar desse dilema estão bloqueadas.

O pós-milenismo tem que se decidir. Ou os mártires estão reinando, ou nós os vivos estamos reinando. Ou o reino é no céu, ou o reino é aqui na Terra. Porque, se ambos ocorrem ao mesmo tempo, a contradição bíblica fica insolúvel, como vimos acima. O tiro sai pela culatra!

A diferença entre o “pós” e o pré-milenismo é que o pós-milenismo crê que a primeira ressurreição é espiritual e a

segunda é corporal, enquanto o pré-milenismo crê que a primeira é dos justos e a segunda é dos injustos.

Aquele mesmo texto bíblico que estamos estudando nos fornece mais detalhes sobre isto:

“Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos” (Ap 20.6).

O texto afirmou que a morte não tem autoridade sobre os participantes da primeira ressurreição. Até aqui, está de acordo com ambas as correntes teológicas, pois o pós-milenismo acredita na salvação daqueles que receberam avivamento na morte de Cristo. E o pré-milenismo acredita na salvação dos que participarem da primeira ressurreição. Então, para todos os efeitos, quem fizer parte da primeira ressurreição, seja ela como for, será salvo.

Note, entretanto, que a expressão sublinhada acima requer, obrigatoriamente, um efeito negativo para os participantes da segunda ressurreição. Porque dizer que a segunda morte não tem autoridade sobre os primeiros ressurrectos é o mesmo que dizer que a morte terá poder sobre os segundos ressurrectos. É a lógica gramatical implícita.

Então significa que a segunda ressurreição é a dos ímpios, os quais serão submetidos à segunda morte.

Neste ponto, o pós-milenismo erra e o pré-milenismo acerta, porquanto o pós-milenismo acredita que a segunda ressurreição será também de justos. Mas um justo jamais ressuscitará para participar da segunda morte!

A diferenciação que Apocalipse 20 faz entre a primeira e a segunda ressurreição é estar sujeito, ou não, à segunda morte. Em outras palavras, é uma distinção entre justos e injustos, e não entre avivamento espiritual e ressurreição corporal.

Resumidamente, não se pode crer que a primeira ressurreição é espiritual porque:

- 1) As pessoas que estavam sendo ressuscitadas estavam mortas fisicamente. Eram mártires.
- 2) O vocábulo original grego de ressurreição não admite significado simbólico.
- 3) O vocábulo original grego de ressurreição é o mesmo, tanto para a primeira, quanto para a segunda ressurreição.
- 4) A primeira e a segunda ressurreição são iguais no aspecto corporal. Uma não pode ser espiritual, se a outra for física.

- 5) Os participantes da primeira ressurreição não podem ser os mesmos da segunda, pois os primeiros estão livres da segunda morte, enquanto que os segundos não.

Consequentemente, se a primeira ressurreição é corporal, só pode estar localizada no futuro, na vinda de Cristo, por duas razões. A primeira é que ainda não houve ressurreição corporal da igreja. A segunda é que os salvos necessitam ser ressuscitados no futuro.

E assim, se a primeira ressurreição é corporal, e se esta antecede o Milênio, segue-se que os mil anos só começarão após a vinda de Cristo. O Milênio só terá início após a ressurreição corporal.

A teoria pós-milenista, entretanto, apoia-se nos versículos abaixo, para afirmar que a ressurreição dos justos ocorrerá no último dia, e não antes do Milênio:

“E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia. De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6.39,40,44,54).

Esse texto é apresentado pelos pós-milenistas com a pretensão de mostrar que no último dia não será a ressurreição dos injustos apenas, mas também a dos justos.

Todavia, o que significa, na verdade, “último dia”? Seria o último dia da eternidade? É claro que não, pois a eternidade é infinita. Portanto, não podemos qualificar um dia como sendo o último, a menos que tenhamos outros dias para compararmos com ele. Assim sendo, o último dia representa o dia final deste século, ou seja, deste mundo tal como ele é agora. A partir daquele dia, o mundo tomará um curso diferente, pois ocorrerão diversos eventos sobrenaturais, cada um a seu tempo. O Dia do Senhor será uma linha de transição entre a época terrena e a época espiritual.

Se utilizarmos a expressão “último dia” em seu sentido absoluto, nem mesmo o dia da ressurreição dos ímpios poderia ser qualificado como último dia. Porquanto depois do dia da ressurreição dos ímpios haverá longo tempo de julgamento, com a revelação dos pecados de todos e com a conscientização. Após isto, todos serão lançados no Lago de Fogo e, nem assim, seria o último dia absoluto, pois se seguirá um conjunto infinito de dias, que é a eternidade.

Por isto, devemos considerar que, quando a Bíblia diz “Dia de Cristo”, refere-se ao começo do fim. Da mesma forma,

quando diz “virá o fim”, refere-se ao começo dos acontecimentos do fim. Mas que fim? O fim da eternidade? É claro que não, pois, mesmo depois do último dia, haverá vários outros dias, enquanto durar a eternidade. Sabemos que, como o tempo é infinito, não existe “último dia”, e que qualquer uso dessa expressão é simbólico e relativo a um período de tempo. Quando a Bíblia diz “último dia”, está subentendendo que o dia só será considerado literalmente o fim, se comparado com o tempo presente e passado. É uma demonstração do fim do mundo. E o fim do mundo é um conjunto de acontecimentos que não ocorrerão em apenas um dia literal.

Este assunto será abordado com mais detalhes no capítulo seguinte.

O DIA DE CRISTO

A Bíblia está repleta de referências sobre o Dia de Cristo, também chamado de Dia do Senhor.

A discordância entre as doutrinas escatológicas a respeito é que o pós-milenismo crê que o Dia de Cristo será um único dia de 24 horas. Assim, todos os eventos do fim dos tempos serão realizadas no mesmo dia.

Por outro lado, o pré-milenismo entende que o Dia de Cristo é apenas a marca do começo das últimas coisas. É a data de transição entre o mundo atual e mundo após a vinda de Cristo.

Essência do Dia do Senhor

Antes de prosseguirmos com o embasamento dessa discussão, é importante compreendermos o que realmente é o Dia do Senhor, para sabermos com o que estamos lidando.

Eis abaixo as referências bíblicas, onde se registra literalmente Dia de Deus, ou de Javé, ou do Senhor, ou de Cristo, ou de Jesus, como segue:

‘Adonay (Senhor): Jr 46.10.

YHVH (JAVÉ): Is 2.12; 13.6,9; Ez 13.5; 30.3; Jl 1.15; 2.1,11,31; 3.14; Am 5.18,20; Ob 15; Sf 1.7,14; Zc 14.1; Ml 3.2; 4.5.

Kurios (Senhor): At 2.20; 1Co 1.8; 5.5; 2Co 1.14; 1Ts 5.2; 2Pe 3.10.

Christos (Cristo): 1Co 1.8; Fp 1.6,10; 2.16; 2Ts 2.2.

Iesous (Jesus): 1Co 1.8; 5.5; 2Co 1.14; Fp 1.6.

Theos (Deus): 2Pe 3.12.

O Dia do Senhor, acima de tudo, significa o dia da volta de Jesus. Será o dia em que Deus destruirá Seus inimigos e salvará Seus servos. E, tanto os inimigos, quanto os servos, podem ser gentios, ou israelitas. O judeu, por ser judeu não escapará daquele dia, pois até mesmo Israel sofrerá, caso não esteja preparado. O Dia do Senhor trará vingança contra os perversos e redenção para os justos.

Mas o Dia do Senhor não tem data única. Representa simultaneamente qualquer dia em que Deus mostra Sua vitória de forma sublime e irresistível. Como exemplo, algumas profecias do Dia do Senhor já se cumpriram em dias anteriores, enquanto que outras não. Abaixo estão os versículos do Dia do Senhor relacionados com os respectivos eventos a que se referem:

Vitória da Média sobre a Babilônia: Is 13.6,9.

Vitória da Babilônia sobre o Egito: Jr 46.10; Ez 30.3.

Vitória da Babilônia sobre Jerusalém, em 586 a.C.: Ob 15; Sf 1.7,14.

Vitória da Assíria sobre Israel: Am 5.18,20.

Batalha do Armagedom: Ez 13.5; Jl 3.14; Zc 14.1.

Vinda de Cristo: 1Co 1.8; 5.5; 2Co 1.14; Fp 1.6,10; 2.16; 1Ts 5.2; 2Ts 2.2.

Referência concomitante ao nascimento de Jesus e à Sua volta posterior, na qual trará juízo: Jl 2.31; Ml 3.2; 4.5.

Grande Tribulação: Is 2.12; Jl 1.15; 2.1,11; 2Pe 3.10,12.

Malaquias 4.5 afirma que Elias virá antes do Dia do Senhor. Elias já veio, e era João Batista (Mt 7.12; 11.14; Mc 9.13; Lc 1.17).

Obadias 15 fala de profecias da ruína de Edom, por ter se voltado contra Israel. O Dia do Senhor é um dia de livramento prometido a Judá, o qual, de forma simbólica, aponta para o Dia de Cristo. Provavelmente o contexto fala da derrota de Jerusalém pela Babilônia, em 586 a.C.

Em Sofonias 1.7,14, há a profecia contra Judá, Amom, Moabe e todas as nações da Terra. O texto deixa transparecer que se trata do dia da vinda de Cristo, que trará juízo a todo o mundo, bem como a renovação de Jerusalém. O contexto é a destruição de Jerusalém pelos babilônicos, em 586 a.C.

Em Amós 5.18,20, o Dia do Senhor será o momento em que Ele virá para julgar Seus inimigos, como Rei, e abençoar

Israel. Mas esta nação também prestará contas por suas ações. Amós profetiza a destruição de Israel pela Assíria.

Em Joel, o Dia do Senhor será o dia da ira de Deus e também o dia da salvação daqueles que invocarem Seu nome. Joel 2,31 profetiza que aquele dia não chegará antes que o Espírito Santo Se manifeste ao mundo no dia de Pentecostes. É o que disse Pedro, quando tomou a palavra para defender seus irmãos da acusação de estarem bêbados por falarem em línguas estrangeiras:

“Estes homens não estão embriagados, como vindes pensando, sendo esta a terceira hora do dia. Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos [...] O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso Dia do Senhor” (At 2.15-17,20).

A citação afirma que o Espírito de Deus será derramado, sinais serão mostrados no céu e na terra, o sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o Dia do Senhor. Em outras palavras, a dispensação da graça, bem como a Grande Tribulação, antecederão o dia da volta de Cristo.

Em, praticamente, todos os versículos do Novo Testamento o Dia do Senhor demarca o dia da volta de Jesus. No Novo Testamento o Dia de Cristo é um dia de alegria, esperado ansiosamente pelos cristãos:

“Como também já em parte nos compreendestes, que somos a vossa glória, como igualmente sois a nossa no Dia de Jesus, nosso Senhor” (2Co 1.14).

E, geralmente, os versículos do Velho Testamento apontam para os dias da Grande Tribulação, ainda que de forma indireta. No Velho Testamento o Dia do Senhor era temido, por causa do juízo:

“Ai de vós que desejais o Dia do Senhor! Para que desejais vós o Dia do Senhor? É dia de trevas e não de luz” (Am 5.18).

Mas, como a Grande Tribulação começará exatamente no dia da vinda de Cristo, podemos considerar que todas as referências, tanto do Dia de Cristo, quanto do Dia do Senhor, descrevem a mesma data.

Em todos os casos, as referências do Dia do Senhor, não obstante se referirem a juízos de alguns reinos no passado, fazem analogia à Grande Tribulação e ao julgamento do mundo. Isto causou equívoco por parte dos Judeus, os quais

esperavam o surgimento de um Rei poderoso, que julgaria o mundo e destruiria Seus inimigos.

No entanto, o autêntico Dia do Senhor, em parte, já se cumpriu com o nascimento de Jesus. Tendo Este vindo em missão de paz, não foi reconhecido pelo Seu próprio povo (Jo 1.11).

Isto não quer dizer que Jesus veio em cada vez que houve esses juízos no passado, como se fossem várias vindas de Cristo. Significa apenas que as profecias fazem analogia entre tais juízos e a vinda de Cristo. São referências duplas, nas quais há cumprimento duas vezes. Deus usa uma nação para castigar outra, e compara aquele dia com o verdadeiro Dia do Senhor.

O Dia do Senhor, sumariamente falando, será o dia em que Deus virá, derrotará seus inimigos, fará justiça a Israel e reinará durante o Milênio. Jesus virá para reinar. Portanto, o Milênio não pode ter começado, pois o Dia do Senhor ainda não chegou.

Dia literal ou simbólico?

Uma vez conscientes do que realmente significa o glorioso Dia de Deus, estamos aptos a ingressar na reflexão da extensão daquele dia.

Será um único dia, onde todas as profecias se cumprirão de uma vez, como assegura o pós-milenismo? Ou será uma sequência de vários dias, para que haja separação entre a retribuição dos justos e a dos injustos, como prega o pré-milenismo?

No que diz respeito à sua duração, o Dia do Senhor não pode ser um único dia, pois várias coisas acontecerão nele:

“Tocai a trombeta em Sião e dai voz de rebate no meu santo monte; perturbem-se todos os moradores da terra, porque o Dia do Senhor vem, já está próximo; dia de escuridade e densas trevas, dia de nuvens e negridão! Como a alva por sobre os montes, assim se difunde um povo grande e poderoso, qual desde o tempo antigo nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração. À frente dele vai fogo devorador, atrás, chama que abrasa; diante dele, a terra é como o jardim do Éden; mas, atrás dele, um deserto assolado.

Nada lhe escapa. A sua aparência é como a de cavalos; e, como cavaleiros, assim correm. Estrondeando como carros, vêm, saltando pelos cimos dos montes, crepitando como chamas de fogo que devoram o restolho, como um povo poderoso posto em ordem de combate. Diante deles, tremem os povos; todos os rostos empalidecem. Correm como valentes; como homens de guerra, sobem muros; e cada um vai no seu caminho e não se desvia da sua fileira. Não empurram uns aos outros; cada um segue o seu rumo; arremetem contra lanças e não se detêm no seu caminho. Assaltam a cidade, correm pelos muros, sobem às casas; pelas janelas entram como ladrão. Diante deles, treme a terra, e os céus se abalam; o sol e a lua se escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor. O Senhor levanta a voz diante do seu exército; porque muitíssimo grande é o seu arraial; porque é poderoso quem executa as suas ordens; sim, grande é o Dia do Senhor e mui terrível! Quem o poderá suportar?” (Jl 2.1-11).

O Dia do Senhor é muito grande. Mesmo considerando que a única coisa que ocorra naquele dia seja a ira de Deus, ainda assim seria muito, para se consumir num lapso de 24 horas. Não que a palavra “dia” admita um significado de longo período, mas que o Dia do Senhor seja o dia em que começará o desenvolvimento dos fatos. Portanto, devemos entender que os fatos descritos acima não ocorrerão num único dia, mas a partir daquele dia.

É como usualmente falamos no idioma português:

“No dia em que eu ficar rico construirei uma casa”.

Ora, não se constrói uma casa num único dia. A palavra “dia”, portanto, representa um conjunto de dias que começará no momento em que o sujeito da ação ficar rico. Da mesma forma, devemos entender que é metafórica a maneira de dizer “Dia do Senhor”.

Comparemos as frases:

“No dia em que o Senhor voltar, mudará o mundo por completo”.

“No dia em que Fulano for eleito presidente, mudará o país por completo”.

Um presidente não muda um país num único dia. Mas nada o impede de proferir a frase acima, pois ela traz a ideia implícita de que o dia da eleição é apenas o começo do período que ele tem para mudar o país.

Entendamos que, nem todas as vezes que a Bíblia diz “fim dos tempos” ou “últimos dias” está se referindo ao fim absoluto, nem a um único dia. O Dia do Senhor é o dia do começo do fim. A partir daquele dia, tudo mudará e as pessoas

passarão a conhecer o mundo espiritual, diferentemente de agora.

A expressão “últimos dias” foi utilizada até mesmo para narrar a descida do Espírito Santo, que ocorreu há dois mil anos:

“E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos” (At 2.17).

Por isto, não há, de fato uma data certa para situarem-se os “últimos dias”, visto que até a descida do Espírito Santo ocorreu nos “últimos dias”.

O Dia de Cristo sugere uma vasta sequência de acontecimentos que se realizarão a partir da vinda de Jesus. Não dá para supor que todos estes fatos se darão no espaço de apenas 24 horas:

- 1) Ressurreição dos justos
- 2) Arrebatamento
- 3) Grande Tribulação
- 4) Batalha do Armagedom
- 5) Tribunal de Cristo
- 6) Bodas do Cordeiro

- 7) Milênio
- 8) Batalha Final
- 9) Ressurreição dos injustos
- 10) Juízo Final
- 11) Lançamento no Lago de Fogo.

Ficaria sem lógica se tudo isto acontecesse num só dia. Até mesmo se individualizarmos, cada um dos eventos acima necessitaria de vários dias, exceto a ressurreição e o arrebatamento.

Pedro, quando exortava e incentivava a igreja a estar sem mácula e irrepreensível no dia da vinda de Cristo, transmitiu algumas informações sobre o que aconteceria no tempo do fim. Tais informações foram interpretadas pelo pós-milenismo como sendo previstas para se realizarem num único dia.

“Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios” (2Pe 3.7).

Aqui está dizendo que os ímpios serão destruídos no dia do juízo, e não no Dia do Senhor. Depois Pedro prossegue dizendo que, para Deus, um dia é como mil anos (v. 8), e retoma o assunto dizendo:

“Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas. Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão. Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça” (2Pe 3.10-13).

Aqui está registrado o que ocorrerá no dia da vinda de Cristo.

Não é recomendável fazer uma mistura, afirmando que o “dia do juízo” é o mesmo dia chamado de “Dia do Senhor”. No primeiro caso, Pedro realmente se referia ao dia do julgamento dos ímpios. Porém, no segundo caso, ele tratava das coisas que ocorrerão depois da vinda de Cristo. Tais coisas terão lugar durante a Grande Tribulação, a qual, segundo a teoria pré-milenista, começará tão logo venha o Senhor.

Pedro afirma que os elementos serão abrasados. E isto é algo que não se realizaria em um único dia. Certamente acontecerá gradativamente, começando no período da Grande Tribulação. Note ainda que **não** está escrito que **no** Dia do

Senhor os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão. Antes está escrito que tais coisas acontecerão **por causa** do Dia do Senhor:

“Esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão” (2Pe 3.12).

Então o Dia de Deus é a causa de tais acontecimentos, o que não quer dizer que conterà todos eles dentro de um espaço de vinte e quatro horas.

Outro equívoco dessa natureza pode ser encontrado na epístola aos Romanos. O texto seguinte traz a mensagem de que Deus retribuirá a cada um pelas boas ou más obras que praticaram. Por isto, a teoria pós-milenista julga que a retribuição dos justos se dará no mesmo dia da dos injustos:

“Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade; mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça” (Rm 2.5-8).

Os versículos, na verdade, apenas afirmam que a ira está reservada para o dia **da ira**. Não há ligação entre o dia da ira e o dia da recompensa de vida eterna. O texto diz que haverá retribuição do bem e do mal, mas não especifica quando serão efetuadas. Não podemos esperar que, em todas as vezes que os autores bíblicos escreverem sobre o julgamento, sejam pormenorizados detalhes sobre datas, locais e procedimentos. Para isto tem o livro de revelações, que é o Apocalipse. Os detalhes estão lá, para quem quiser estudá-los.

Pelas regras da hermenêutica é preciso tomar em consideração o objetivo do texto tratado. E o teor do texto de Romanos, acima, não tem a finalidade de ensinar quais os fenômenos, cerimônias e solenidades ocorrerão no fim dos tempos. O contexto declara apenas a necessidade que o autor tinha de ensinar que os perversos receberão a paga pelas suas más ações, e que os justos receberão honra, glória e paz, independentemente de serem judeus ou gregos.

Vejamos mais um exemplo em que um único dia se parece com vários dias:

“Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia” (Jo 11.24).

Marta disse a Jesus que Lázaro ressuscitará no último dia, localizando assim, a ressurreição dos justos para depois do Milênio. Há algumas ressalvas importantes:

- 1) Não foi Jesus, mas Marta, quem disse que Lázaro seria ressuscitado no último dia. Devemos diferenciar o que é palavra de Deus do que é palavra de homens. Por exemplo, está escrito que “não há Deus”. Mas quem disse isto foi o insensato (Sl 10.4; 14.1; 53.1). Nem tudo o que está na Bíblia deve ser tomado como afirmações Divinas.
- 2) Marta não era teóloga letrada, nem ao menos boa ouvinte de Jesus. Portanto, não podemos tirar conclusões escatológicas a partir de seus ensinamentos.
- 3) Mesmo que contenha razão na frase dita por Marta, a expressão “último dia”, não diz respeito ao último dia literal. Há simbolismo na frase, pois não existe de fato um último dia.
- 4) Ainda que ela tentasse dizê-lo de forma literal, não seria compensativo, pois sua frase seria do tamanho de uma dissertação, para que pudesse esmiuçar os detalhes que localizariam com precisão o dia em que Lázaro ressuscitaria. Por isto, a Bíblia sempre diz “último dia” para resumir tudo, pois o que importa é a compreensão da mensagem principal.

E isto não entra em contradição com o Apocalipse. Porque, pelas regras da hermenêutica, quando dois textos bíblicos apresentam aparente divergência, deve-se levar em conta o mais detalhado. Por exemplo, quando Pedro negou Jesus, o galo cantou uma vez, segundo os evangelhos de Mateus, Lucas e João, enquanto que, no evangelho de Marcos, o galo cantou duas vezes. Houve contradição? Algum dos textos mentiu? De maneira nenhuma, mas um dos textos detalhou, enquanto que os outros resumiram. Devemos levar em consideração a passagem mais detalhada, ao invés da mais resumida.

Agora observe o simbolismo da palavra “dia”:

“Antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno” (2Pe 3.18).

Quando o versículo declarou “dia eterno” quis relacionar toda a eternidade, embora, o original grego da palavra “dia” significa um dia normal de 24 horas. Então não há a menor obrigação de entendermos que toda vez que aparece a palavra “dia” se trata de um único dia solar.

Certos versículos apresentam considerável grau de simbolismo com relação ao tempo do último dia. É curioso como os pós-milenistas interpretam literalmente a palavra

“dia”, já que assumem a posição de interpretar de forma simbólica praticamente tudo o que a Bíblia informa sobre a escatologia! Para eles, toda e qualquer profecia bíblica do futuro é simbólica, menos o Dia de Cristo. Observe:

“E a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho)” (2Ts 1.7-10).

Os pós-milenistas usam esse texto para tentar provar que o castigo dos injustos ocorrerá no mesmo dia da vinda de Cristo. A simbologia requer um significado de longo período, a começar a partir daquele dia.

Em Apocalipse está escrito que sairão três espíritos imundos da boca da besta, do falso profeta e do dragão, a fim de congregarem todos os reinos do mundo para lutar contra Jesus e Seu exército. Isto está ilustrado na Bíblia como sendo um acontecimento previsto para o Dia de Cristo. Mas, só este fato já necessita de vários dias para se concretizar. E Jesus os

matará com sua espada. Depois disso, Satanás será solto e reunirá todas as nações da Terra para guerrearem contra os santos. Como ele poderia fazer isso em apenas um restante de dia?

Antes de condenar os homens, Deus lhes mostrará seus pecados e lhes fará conscientes de todo o mal que praticaram, pelos quais estarão sendo julgados (Lc 12.2,3; Jd 15). E isto não será feito de supetão, em frações de segundo. Será compassadamente, para conscientizar cada um de que realmente merece a condenação. Será determinado também o grau de punição de cada um, para que todos cumpram a pena proporcional à que seus delitos merecem. Cada um desses eventos precisa de bastante tempo.

Por fim, é conveniente refletirmos sobre um ponto de vista que pode dar sentido à discussão. Deus programou todos os eventos em Seu glorioso plano para o universo, o qual foi traçado desde antes da fundação do mundo. Tudo ocorreu de acordo com o plano: a eternidade, a criação da Terra, dos anjos, dos homens, a queda de Satanás, o dilúvio, a dispensação da Lei e a da graça. Deus nos deu este planeta e esta vida terrena para que possa, de forma sublime, escolher os Seus e separá-los dos perdidos.

Após o Dia de Cristo, realizar-se-á mais outra série de eventos e de cerimônias, que celebrarão o fim dos tempos. Tudo isto de forma bem arquitetada para que, só depois, siga-se a eternidade na presença de Deus.

A criação demorou seis dias. Os outros fatos demoraram anos, séculos e milênios. Se, porventura, todos os acontecimentos futuros forem realizados num único dia, perderiam sua glória e fugiriam da harmonia com os eventos que já se realizaram no passado. Perderiam seus significados históricos e não ocupariam lugar na memória de todos, para que digam o quanto foi perfeito o plano de Deus para os anjos e para a humanidade.

Estas razões deixam evidente que o Dia do Senhor será uma data limítrofe, a partir da qual iniciarão todos os eventos do fim do mundo. Não consistirá um único dia de vinte e quatro horas.

A VINDA DE CRISTO SERÁ INESPERADA

Para o pós-milenismo, Jesus não voltará até que o reino da Terra esteja consumado. A igreja estará completando sua missão de salvar a humanidade, nada restando, portanto, de povos pagãos. Então somente após a vitória de conquistar a conversão global Jesus voltará.

Sendo assim, a predominância da igreja no mundo servirá como anúncio do dia da vinda de Cristo. Aquele dia pode ser previsto com facilidade, apenas observando se todo o mundo já se converteu, ou não, ao cristianismo. Deste modo, quando aquela época chegar, toda a humanidade estará cônica da data do retorno de Cristo.

Partindo por este caminho, o pós-milenismo desencarrilha sua teoria, desviando-se dos padrões bíblicos, os quais não possibilitam a previsão da chegada do Senhor Jesus. Começemos analisando as palavras do próprio Mestre:

“Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mt 24.36).

Ninguém conhece a data da vinda do Senhor. Nisto a doutrina pós-milenista não se enquadra, pois a data será evidente quando estiver próxima. O pré-milenista, por sua vez, não tem a ciência da data da vinda de Cristo, pois sabe que tal dia virá de surpresa, assim como o dia do ladrão. Jesus apenas nos deu algumas dicas, informando os sinais que precederão Sua vinda. Com estes sinais, temos a noção distante de em que época aproximada Jesus voltará. Não são sinais que nos permitem prever com precisão a data, assim como a previsão que têm os pós-milenistas.

E o erro dessa proposta é bilateral. O pós-milenista, além de conseguir identificar a data, quando estiver próxima, tem também a plena convicção de que ela não está iminente agora. Em outras palavras, Jesus, com certeza, não voltará nesta época.

Esta é mais outra divergência com o texto bíblico, que prossegue advertindo que o Dia do Senhor é imprevisível, e que pode acontecer a qualquer momento:

“Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor. Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso, ficai também vós apercebidos;

porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá” (Mt 24.42-44).

A Bíblia nos ensina que devemos esperar o Dia de Cristo, como se espera um ladrão, pois ambos virão em dia inesperado. Ou, qual o sentido de Jesus comparar Sua vinda com a de um ladrão? Qual o único objetivo possível que Ele poderia querer atingir fazendo essa comparação? Sabemos que nenhuma semelhança há entre Jesus e um ladrão, exceto naturalmente que a vinda de ambos é inesperada. O Dia de Cristo surpreenderá os menos preocupados e lhes será como um laço. A própria necessidade de vigiar já demonstra o quanto é inesperada a vinda de Cristo. Pelo que Jesus associou o verbo “vigiar” à prevenção da chegada do ladrão.

Mas, supondo que todos os ladrões avisassem antes de entrarem numa casa, ocorreriam alguns efeitos colaterais. O primeiro seria que todos se protegeriam e não permitiriam que fossem roubados.

Por outro lado, como nenhum ladrão avisa que vai arrombar uma casa, muitos não se previnem, e não protegem sua casa da chegada dele. É o que inegavelmente acontece com os adeptos do pós-milenismo. Eles têm a certeza de que o Senhor não voltará em breve, pois a paz mundial ainda não existe, nem houve conversão global.

“Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas” (2Pe 3.10). “Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algun em que hora virei contra ti” (Ap 3.3). “Eis que venho como vem o ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja a sua vergonha” (Ap 16.15).

Se o Senhor vem inesperadamente como o ladrão, temos que estar precavidos e preparados para qualquer momento. Como diz a Bíblia, devemos vigiar, e não dormir:

“Irmãos, relativamente aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu vos escreva; pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o Dia do Senhor vem como ladrão de noite. Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão. Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse Dia como ladrão vos apanhe de surpresa; porquanto vós todos sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas. Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios” (1Ts 5.1-6). “Acautelai-vos por vós

mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço. Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra. Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do Homem” (Lc 21.34-36).

No mesmo texto em que Jesus disse que ninguém sabe o dia de Sua vinda, e que Seu dia será como o dia do ladrão, fez também outra advertência:

“Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem” (Mt 24.37-39).

Os homens não perceberam quando Noé entrou na arca, e a chuva lhes caiu de surpresa. Assim também será a vinda de Cristo para os que estiverem dormindo.

Em Mateus 25.1-13 Jesus ensina estarmos preparados para a Sua volta repentina e inesperada. Para isto, ilustrou

com a parábola das dez virgens, das quais cinco eram prudentes e cinco néscias. No final Ele disse:

“Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” (Mt 25.13).

E outra parábola contou o Mestre, para reforçar essa ideia:

“Estai de sobreaviso, vigiai e orai; porque não sabeis quando será o tempo. É como um homem que, ausentando-se do país, deixa a sua casa, dá autoridade aos seus servos, a cada um a sua obrigação, e ao porteiro ordena que vigie. Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã; para que, vindo ele inesperadamente, não vos ache dormindo. O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai!” (Mc 13.33-37).

Só o fato dos versículos ilustrarem que existem pessoas dormindo, sem estarem preparadas para a vinda de Cristo, é o suficiente para contrariar a doutrina pós-milenista, a qual afirma que, na volta de Jesus, todos os vivos estarão preparados automaticamente, por causa do reino de paz e de conversão global. Ninguém estará dormindo, segundo o pós-milenismo.

Jesus virá para julgar vivos e mortos. Mas se, quando Ele vier, encontrar apenas pessoas purificadas, não poderá separar os bodes das ovelhas, nem trazer juízo aos desobedientes, uma vez que todos estarão convertidos. Por aí se nota o tamanho da disparidade que há entre a Bíblia e a teoria pós-milenista acerca da vinda de Cristo.

Os pós-milenistas têm disposição e muita habilidade para distorcer, moldar e deturpar os versículos bíblicos que não lhes apoiem. No entanto, o que poderão fazer diante de tamanho arsenal de textos e contextos, que confirmam a mesma coisa de forma congruente?

O erro de não crer na iminência da volta de Cristo produz sérias consequências. A mais importante é a não necessidade de vigiar. O pós-milenista, nem vigia, nem prega que o homem precisa se converter antes que seja tarde demais. Não ensina aos fiéis, nem aos pagãos, que o tempo está próximo, pois o dia da vinda de Jesus se aproxima. Não ensina que Jesus pode voltar a qualquer momento e que, por esta razão, devemos estar preparados para esse dia. Um pós-milenista nunca prega para ficarmos atentos à volta do Senhor. E isto os diferencia dos ensinamentos bíblicos gerais.

Pelo contrário, os estudiosos dessa teoria criticam os **pré**-milenistas, acusando-os de não fazerem planos para o futuro, como constituir família, trabalhar para garantir a herança para os filhos, construir escolas, hospitais, ou qualquer coisa que traga benefícios a longo prazo. Para o pós-milenismo, isto representa um defeito. De forma que acham que apenas eles fazem planos e projetos futuros, pois não estão preocupados com a vinda de Cristo na presente geração.

Há algumas respostas bíblicas para esses teólogos:

“Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?” (Lc 12.20).

Esta foi a resposta de Deus para o homem que se preocupava com projetos materiais.

Outro versículo:

“Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo. Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes

pretensões. Toda jactância semelhante a essa é maligna” (Tg 4.13-16).

Não sabemos se Deus nos permitirá colocar em prática os nossos projetos. Isto, embora não nos impeça de planejar nossa vida, torna-nos conscientes de que tudo está sujeito à permissão de Deus. Aquele, entretanto, que faz planos para o futuro e crê que os concretizará, possui jactância maligna!

“O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor” (Pv 16.1).

O **pré**-milenista também faz planos para o futuro. Porém, não tem a certeza de que os concretizará. No que se refere à vida material, o homem deve planejar-se para o futuro. Mas, quanto à vida espiritual, deve preparar-se para o presente.

“Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? [...] Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? [...] Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal” (Mt 6.25,31,34).

Jesus explicava que Deus conhece as nossas necessidades e as suprirá, assim como veste os lírios do campo melhor do que se vestia o próprio Salomão, e assim como alimenta as aves, as quais nem sequer trabalham. Disse também que são os gentios que se preocupam com essas coisas. Por esta razão, os pós-milenistas não podem exigir que façamos o mesmo.

Em suma, o pré-milenista não tem a previsão precisa do dia da volta de Cristo, como têm os pós-milenistas. Para estes, basta ficarmos atentos ao dia em que toda a humanidade se converter, que saberemos o dia exato, ou pelo menos, o mês exato. Enquanto isso não ocorrer, não temos necessidade alguma de vigiarmos, pois não há o risco de sermos surpreendidos pela vinda inesperada de Cristo.

A ideologia pregada pelo pré-milenismo é:

“Viva o dia de hoje como se ele fosse o último”.

Isto só traz benefícios para a alma e para todos os que nos rodeiam. Aquele que trata o seu próximo e seus familiares como se fosse o último dia, tem redobrado amor e dedicação. O pré-milenista teme cair no pecado e sucumbir diante vinda repentina de Cristo. Já o pós-milenista, que julga ser tardia a

vinda do Senhor, pode sentir-se à vontade para “espancar os empregados”, caso queiram:

“Quem é, pois, o servo fiel e prudente, a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim. Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens. Mas, se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se, e passar a espancar os seus companheiros e a comer e beber com ébrios, virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera e em hora que não sabe e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas; ali haverá choro e ranger de dentes” (Mt 24.45-51).

E não deixemos passar despercebida a pergunta que Jesus fez no início da parábola:

“Quem é, pois, o servo fiel e prudente, a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?” (Mt 24.45).

Quem é o servo fiel? Aquele que faz planos para o futuro, ou aquele que se prepara para o presente? Respondam os pós-milenistas.

Pudemos constatar, acima, que existem várias referências bíblicas que informam que ninguém sabe o dia da

volta de Jesus. Desta feita, está definitivamente provado que a conversão global não pode ser o sinal da vinda de Cristo, pois, neste caso, todos saberiam.

A data daquele dia continua sendo um mistério para nós, sendo-nos disponibilizado apenas o conhecimento de alguns sinais que nos dão vaga noção de proximidade. Este é o tema do próximo capítulo.

SINAIS DA VINDA DE CRISTO

É apropriado deixarmos que as palavras do próprio Jesus falem conosco e nos digam quais são os sinais de Sua vinda.

Ele nos lembrou de que, quando os ramos da figueira se renovam e suas folhas brotam, deduzimos que está próximo o verão (Mt 24.32). Noutro dia, quando os fariseus e saduceus Lhe pediram um sinal, Jesus respondeu:

“Chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está avermelhado; e, pela manhã: Hoje, haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos?” (Mt 16.2,3).

Então o Dia de Senhor pode ser previsto através da observação dos sinais, assim como podemos prognosticar se haverá bom ou mau tempo. Não é uma previsão precisa, pois o dia e a hora ninguém sabe, mas existem sinais bem claros que nos alertam sobre a proximidade da vinda de Cristo.

Jesus informou com clareza a seus discípulos que sinais seriam esses. E é exatamente sobre isto que se desenvolve o conflito entre as doutrinas pré e pós-milenismo.

O pré-milenismo sustenta que os sinais da vinda de Cristo são as tribulações e a depravação do ser humano.

O pós-milenismo apregoa que o sinal da vinda de Cristo é a paz mundial. O Senhor não voltará enquanto todo o mundo não se render ao cristianismo.

Esta doutrina não dispõe de provas bíblicas, exceto a necessidade de cumprir o organograma de sua teoria. Não obstante, foram encontrados alguns versículos, cujo sentido, aparentemente, apoia a ideia de que a paz mundial precederá a vinda de Cristo:

“Como está escrito: Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus” (Rm 14.11).

Paulo se referiu a Isaías 45.23, quando disse que todo joelho se dobrará diante de Deus.

Mas esse versículo não ilustra a suposta conversão global antes da vinda de Cristo. Primeiramente, porque não se trata de conversão, pois é notório que nem todos se

converterão. Os joelhos se dobrarão porque todas as pessoas reconhecerão que Deus é o Senhor, e isto não requer conversão. Segundo, porque o versículo não determina o tempo em que isto ocorrerá. E é muito provável que seja depois da vinda de Cristo, e não antes.

Outra passagem:

“E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mt 24.14).

Jesus voltará quando o Evangelho for pregado a todas as nações.

“Esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão” (2Pe 3.12).

Apressar a vinda do Senhor talvez tenha conexão com a pregação do Evangelho a todas as nações, pois é a única forma que nós teríamos para influenciar o dia de Sua vinda. Como diz o próprio contexto, o Senhor ainda não veio por ser longânimo. Ele está esperando as pessoas se converterem (v. 9). Mas não confundamos o que Deus quer com o que Ele tem prazer. Pois o Senhor não tem prazer na morte do ímpio, mas muitos

ímpios morrerão. Assim, nem todos se converterão, como seria o desejável para Deus.

Mas a verdade não muda: devemos pregar o Evangelho a todas as nações, para apressarmos a vinda de Jesus. Não sabemos, entretanto, qual exatamente é o critério dessa pregação, pois veja que o Evangelho já foi pregado em todo o mundo:

“Por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho, que chegou até vós; como também, em todo o mundo, está produzindo fruto e crescendo, tal acontece entre vós, desde o dia em que ouvistes e entendestes a graça de Deus na verdade” (Cl 1.5,6). “Se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro” (Cl 1.23).

Ninguém tem como se desculpar, pois todos têm a obrigação de conhecer a Deus, por meio das coisas que foram criadas:

“Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou, porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o

princípio do mundo, sendo percebidos por meio das cousas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis” (Rm 1.19-20). “Mas pergunta agora às alimárias, e cada uma delas to ensinará; e às aves dos céus, e elas to farão saber. Ou fala com a terra, e ela te instruirá; até os peixes do mar to contarão. Qual entre todos estes não sabe que a mão do Senhor fez isto?” (Jó12.7-9). “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo. Aí, pôs uma tenda para o sol” (Sl 19.1-4).

A própria criação já é uma prova consistente da existência de Deus, e é uma pregação. Ninguém pode se justificar dizendo que não crê em Deus por não ter ouvido falar dEle. Ninguém chegará como inocente diante do Trono Branco. O Evangelho é pregado de diversas maneiras, não só por palavras e não só pelos profetas.

“Pelo contrário, Deus fala de um modo, sim, de dois modos, mas o homem não atenta para isso” (Jó 33.14). “Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho” (Hb 1.1).

De uma forma, ou de outra, o Evangelho já foi pregado no presente. Ademais, em todas as partes do mundo, cada um segue seus princípios morais e de amor ao próximo, ainda que não conheça a lei:

“Porque os simples ouvidores da lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados. Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se, no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho” (Rm 2.14-16).

Mesmo os gentios, ou os que não conhecem a Deus, seguem algum tipo de lei, e responderão pelo bem ou pelo mal que tiverem praticado em vida. Nada passará sem a devida recompensa. E, como o Evangelho está sendo pregado de diferentes formas, Deus não precisa dar oportunidade a todos, mas apenas a muitos, dos quais, poucos são salvos.

“Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos” (Mt 22.14).

Aqui não diz que todos deverão ser chamados, mas apenas muitos.

“Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do Homem” (Mt 10.23).

O limite de tempo para que terminem de percorrer as cidades de Israel não é a duração da vida dos discípulos, mas o dia da volta do Senhor. Nem todas as cidades de Israel serão evangelizadas até que venha o Filho do Homem. Naquele dia, o mundo não estará completamente convertido, pois nem todas as cidades ouvirão o Evangelho.

Então a pregação a todas as nações, lavrada em Mateus 24.14, não implica em pregar a todos individualmente. A exigência do versículo se resume apenas em pregar a todas as **nações**.

Atualmente, dos 24 mil povos existentes no mundo, 8 mil ainda faltam ser evangelizados, os quais estão na famosa janela 10 x 40. Nesse passo, o mundo já deveria estar bem adiantado no quesito santidade, uma vez que está praticamente concluída a tarefa de pregar o Evangelho a todas as nações. A vinda de Cristo está próxima, ou distante? O pós-milenismo não pode responder esta pergunta. Porque, se se

basear no fato de que o Evangelho está alcançando o mundo todo, admitirá que a vinda está próxima. Porém, se considerar o fato de que a santidade mundial está muito longe de ser alcançada, precisará de milhares de anos pela frente antes de Jesus voltar.

E, mesmo assim, ouvir o Evangelho não é sinônimo de se converter. O versículo, além de não exigir individualidade, também não vindica conversão:

“E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mt 24.14).

O fim virá após o Evangelho ser pregado a todas as nações. Em nenhuma hipótese o texto reclama a conversão ou a paz mundial. Pelo contrário, os versículos anteriores atestam que o fim será precedido de tribulação:

“E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 24.12,13).

A iniquidade se multiplicará, e o amor se esfriará, obrigando o fiel a se esforçar para perseverar até o fim.

Um fato que não pode passar despercebido é que o fim, narrado no versículo 14, é o mesmo do versículo 13. Então, simultaneamente à pregação mundial, haverá tribulações e iniquidades. O amor se esfriará de quase todos. Estes, portanto, são os verdadeiros sinais da proximidade da vinda de Cristo. A paz mundial não antecederá Sua vinda. Jesus virá para trazer a paz, e não porque ela já tenha chegado.

Retrocedendo mais um pouco na leitura do mesmo capítulo bíblico, veremos que os discípulos perguntaram a Jesus:

“Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século” (Mt 24.3).

A pergunta deles é exatamente sobre a discussão que está em pauta aqui. Portanto, a resposta do Mestre corresponderá à solução que buscamos:

“E ele lhes respondeu: Vede que ninguém vos engane. Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos. E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém tudo isto é o

princípio das dores. Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros; levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.” (Mt 24.4-13).

A resposta de Jesus foi que, no tempo que antecede o fim, surgirão falsos cristos, ocorrerão guerras, fome, terremotos, tribulações, mortes, perseguição religiosa, ódio, escândalos e traições. Se estendermos a pesquisa para o livro de Marcos, veremos também que haverá filhos matando pais, pais matando filhos e irmãos matando irmãos (Mc 13.12; Mt 10.21). Em Lucas está evidenciado que haverá também epidemias (Lc 21.11).

Agora que já apreciamos a resposta de Jesus sobre quais sinais prenunciam Sua chegada, convém perguntarmos a nós mesmos:

“Ele disse paz mundial?”

Não! Não, apesar de que aquele momento era propício para dizê-lo. Os discípulos perguntaram sobre os sinais que antecederão a vinda de Cristo, e a resposta que revelaria uma conversão mundial deveria estar lá, caso fosse verdadeira.

Mas, certamente, ninguém pode dizer que leu tal informação nas palavras de Jesus, porque isto não está registrado lá. Dissequem todos os textos e tentem encontrar se Ele mencionou, ainda que simbolicamente, que toda a Terra se converterá. Será que, em Mateus 24, ou em Marcos 13, ou em Lucas 21, existe algum versículo assim:

“A humanidade caminhará rumo à paz e à conversão mundial. Então virá o fim” (Apócrifo pós-milenista)?

Existe este versículo? Não, nem nos evangelhos de Jesus, nem nas epístolas, nem nos livros históricos, nem nos profetas, nem nos provérbios, nos cânticos, orações, poesias! Não há nenhum vestígio dessa doutrina nas páginas da Bíblia.

Então o leitor já pode fechar este livro para mudarmos de assunto, pois não resta mais nada a ser discutido aqui! Se não existe defesa embasada, logo não há a necessidade de contra-argumentar. Em vão se esforça qualquer teólogo para combater uma doutrina que nem sequer existe. Afirmar por afirmar é fácil. Porém, não é útil, se não houver provas. E ninguém se obriga a acreditar em algum dogma que não esteja na Bíblia.

Todavia, os pós-milenistas alegam que os sinais catastróficos, acima expostos, referem-se à destruição de Jerusalém por Tito, no ano 70. De fato, Jesus comparou

simbolicamente alguns fatos de Mateus 24 com essa calamidade. Mas, em primeiro lugar, a ambiguidade existente tem lugar depois do versículo 14, e não no trecho que acabamos de ler. É a partir do versículo 15 que começa a Grande Tribulação, a qual foi comparada com a destruição de Jerusalém. Em segundo lugar, mesmo depois do versículo 15, o sentido não é exclusivo para os fatos do ano 70, mas tem dupla aplicação, reportando-se também ao fim dos tempos.

E observemos que os discípulos perguntaram sobre sinais da vinda de Cristo. Portanto, a resposta deve se enquadrar à pergunta, e esclarecer sobre os sinais de Sua volta. A vinda de Tito não pode ser confundida com a de Jesus, pois, acima de tudo, não podemos acreditar que o próprio Jesus destruiu Jerusalém, massacrou os judeus, derrubou o templo e estabeleceu a abominação desoladora. Seria o mesmo que comparar o Senhor com um imperador romano.

Desta forma, os sinais descritos acima são genuinamente os que antecedem a vinda de Cristo, como está literalmente grafado no próprio texto em questão:

“Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais [...] Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas

cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt 24.21,29-31).

Logo em seguida à Grande Tribulação virá o Filho do Homem sobre as nuvens do céu, de forma visível. As pessoas O verão descendo do céu naquele dia. O verbo “ver” garante que o próprio Jesus em pessoa aparecerá. Portanto, não se trata apenas da destruição de Jerusalém. Na ocasião, seus anjos reunirão os escolhidos de toda a Terra. Não são os pré-milenistas quem afirmam isto, mas o próprio Jesus, de forma literal e inerrante.

“Em verdade vos digo que não passará esta geração, sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão. Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço. Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra” (Lc 21.32-35).

Na continuação, Jesus falou que isto ocorreria ainda naquela geração. Quando disse isto, referiu-se à destruição de Jerusalém, que se deu, de fato naquela mesma geração.

No entanto, Ele concluiu dizendo que aquele dia há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra. Portanto, não é um evento apenas em Jerusalém, nem somente para os judeus, mas para o mundo inteiro. E isto significa que Jesus Se referiu a algo mais do que a mera destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Referiu-Se ao dia de Sua vinda gloriosa, a qual ocorrerá após a Grande Tribulação, envolvendo todo o globo terrestre.

Agora se pergunta: Jesus veio no ano 70 sobre as nuvens, cheio de glória, poder e com clangor de trombetas? Os povos da Terra se lamentaram quando Ele veio? Alguém O viu, como diz o versículo? Seus anjos já reuniram Seus escolhidos dos quatro ventos da Terra? Não, não, não e não!

Por estas razões, se Jesus não veio no ano 70, a Grande Tribulação autêntica não ocorreu naquela época. É a Lei de Referência Dupla, assim definida para profecias que são cumpridas mais de uma vez. As profecias de Jesus faziam referência à destruição de Jerusalém no ano 70 e também à Grande Tribulação, que ocorrerá imediatamente antes da verdadeira vinda de Cristo.

Porém, o pós-milenismo ensina que tudo aquilo que foi descrito acima já ocorreu de forma simbólica. Jesus já veio, na pessoa de Tito, já fez cessar o sacrifício, já juntou os escolhidos dos quatro cantos da Terra, e todos O viram descer em glória. O simbolismo é capaz de fazer a Bíblia dizer qualquer coisa! Estamos perdendo tempo aqui, tentando ilustrar trechos bíblicos para militar contra eles!

Alguns pós-milenistas, para desdizerem a parte do versículo que afirma que Jesus virá sobre as nuvens do céu, procuram associar a palavra “nuvens” com outras ocasiões em que Deus executou juízos no Velho Testamento. Dizem eles que, às vezes, tal palavra assume significado simbólico.

No entanto, às vezes, tem sentido literal. Lembremo-nos de que Jesus subiu literalmente entre nuvens no dia de Sua ascensão. E os dois anjos que estavam lá informaram aos discípulos que Jesus voltaria da mesma maneira que subiu:

“E lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir” (At 1.11).

Ninguém pode negar que Jesus subiu entre nuvens literalmente. Assim também, não é coisa excêntrica afirmar que Ele voltará de igual forma.

Mas o problema central nem é esse. O verdadeiro problema reside no fato de que o pós-milenismo luta para se defender de versículos bíblicos! Seu objetivo é unicamente tentar desdizer, contrariar e justificar trechos da Bíblia! A doutrina não apresenta um único texto coerente para se respaldar, que possa ser lido sem ressalvas! Tudo tem que ser remendado! Para o pós-milenismo, nenhum versículo pode ser lido como ele é! Nos livros pós-milenistas que pretendem combater as doutrinas pré-milenistas há pouquíssimo conteúdo da Bíblia e uma fartura imensa de explicações. A razão para isto é óbvia: a doutrina pós-milenista não é bíblica. Para se manter de pé necessita dar explicações e desculpas a um exército de referências bíblicas.

Quanto a Jesus ter vindo no ano 70, não adianta o pós-milenismo apoiar essa tese, uma vez que isto não o ajuda em nada, pois há consequências colaterais:

- 1) Segundo o pós-milenismo, o Milênio termina no dia da vinda de Cristo. Se tal fato ocorreu no ano 70, temos um Milênio de menos de quarenta anos!
- 2) Se Jesus voltou no ano 70, não encontrou o mundo completamente convertido, como planeja a doutrina pós-milenista.

- 3) Se Jesus voltou no ano 70, veio com juízo, tornando inválidas as palavras de consolo que os autores bíblicos associaram à vinda de Cristo.
- 4) Se Jesus já veio, não virá novamente, pois a Bíblia fala de um Dia de Cristo, e não de dois.
- 5) Onde estão a ressurreição e o arrebatamento, que deveriam ter ocorrido no dia da vinda de Cristo?

É isto o que acontece quando se inventa uma heresia. Na tentativa de explicar alguma coisa, acaba causando desordem em várias outras. A Bíblia é um conjunto de ideias concatenadas e harmonizadas. Todas estão atreladas em plena concordância. Quando se fere uma parte do esquema, todo o conjunto perde a estabilidade, gerando complicações.

Voltando ao tema dos sinais da vinda de Cristo, lemos que Jesus, ao ensinar sobre o dever de orar, concluiu dizendo:

“Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?”
(Lc 18.8).

Esta é uma prova de que a apostasia precederá a vinda de Cristo. Jesus quis dizer que a fé sofrerá uma grande diminuição no futuro.

Contudo, os pós-milenistas sustentam que a referida pergunta feita acima possui resposta ambígua. A justificativa deles se deve ao fato de que haverá fé na terra, pois até mesmo nós, os pré-milenistas, admitimos que restarão algumas pessoas com fé no Dia de Cristo. Então, segundo o entendimento deles, a pergunta admite duplo entendimento.

Entretanto, ressalta-se que nem os próprios pós-milenistas se convencem com essa desculpa. Apenas conseguem tempo para respirar um pouco, enquanto julgam ter encontrado uma saída plausível para a frase de Jesus. E, obviamente, se sua estratégia evasiva não consegue convencer nem a si próprios, nós também não nos podemos deixar ser ludibriados.

Sabemos que haverá crentes que guardam a fé, porém, serão poucos. Por esta razão, Jesus deixou a pergunta sem resposta, pois sabia que a fé, ainda que escassa, existirá na terra quando o Filho do Homem vier. A pergunta não possui resposta totalmente negativa, embora deixa margem para cremos que a fé será bastante pequena. Assim, o sentido da pergunta lhe confere uma resposta mais negativa do que positiva. É comum a Bíblia afirmar coisas em forma de pergunta, cujo sentido evidencia uma resposta óbvia. A pergunta é indutiva, e a resposta está intrínseca na própria pergunta. Não possui livre alternativa de resposta.

“Quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?”

Para o intérprete sério, que possui um mínimo de bom senso, a pergunta exige uma resposta negativa, ou seja, que negue a existência de fé na Terra. Se não for assim, digam-me: para que Jesus faria essa pergunta, se a resposta não fosse negativa? Se o objetivo fosse mostrar que o mundo estaria repleto de fé por toda a humanidade no momento de Sua vinda, ficaria totalmente sem sentido e sem necessidade fazer uma pergunta dessas.

Jesus, na ocasião, ensinava a perseverarmos na oração e na fé. Portanto, Sua pergunta soou mais como uma reclamação pela falta de fé dos homens, a qual se agravará no fim dos tempos.

Timóteo reforça esta ideia:

“Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios” (1Tm 4.1).

Será que Jesus encontrará fé na Terra? Aqueles que não a abandonarem de vez, terão sua fé reduzida. Nossa fé não é do tamanho de um grão de mostarda, e ainda diminuirá mais

no futuro. Quando Jesus vier, encontrará uma igreja fraca, cujo remanescente sobrevive com dificuldade.

Vejamos o texto completo:

“Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência, que proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos, com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade” (1Tm 4.1-3).

Ao contrário de uma conversão global, nos últimos tempos a apostasia terá parte na igreja, ceifando-lhe muitos membros.

Contudo, algumas pessoas poderiam talvez ter dúvidas ao interpretar estes versículos, e acreditarem que a referida apostasia pode acontecer depois da libertação de Satanás. Então seria o diabo o autor da perversão da humanidade, após a vinda de Cristo.

Antes de tudo, é bom deixar claro que isto é impossível. Em primeiro lugar porque o texto não atribui a Satanás a queda dos fiéis, e sim a homens religiosos:

“... pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência, que proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos”.

Trata-se de seitas, as quais se encarregarão de derrubar a fé no Deus verdadeiro. São homens que ludibriarão homens. Para que um homem engane outro, neste caso, é necessário que um deles seja hipócrita, mentiroso, de consciência cauterizada, que proíbe o casamento e exige abstinência de alimentos. E, quando Satanás for liberto, não haverá esse tipo de pessoas, pois todos estarão “convertidos, vivendo em paz, sob o reino de Jesus”.

Em segundo lugar, porque a criação e o estabelecimento de seitas requer muito tempo. Mais tempo ainda para persuadir a mente dos seguidores de Cristo e os fazer prosélitos. Em contrapartida, o diabo não terá muito tempo para enganar as nações. Porque, segundo a própria visão pós-milenista, ele disporá apenas de um dia de 24 horas, ou menos, que corresponde ao Dia do Senhor. Então não terá tempo para formar e fortalecer seitas, e para que estas consigam propagar suas heresias, e estas, finalmente, convençam toda a Terra a se perverter.

Por isto, a apostasia citada no texto ocorrerá antes da vinda de Cristo, e não depois da libertação de Satanás.

A segunda carta a Timóteo também traz a mesma mensagem:

“Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas” (2Tm 4.2-4).

Na época em que Paulo exortava Timóteo era possível pregar, pois as pessoas ainda suportavam a sã doutrina. Porém, ele profetizou que, num tempo futuro, ninguém mais quererá ouvir a Palavra.

Tal período consiste nas vésperas do fim dos tempos. A data em que isto ocorrerá não está especificada, mas já é suficiente para compreendermos que o mundo não caminha rumo à conversão mundial, e sim em direção à perversidade. A situação da humanidade tende a piorar com o tempo, e não a melhorar. Se não fosse assim, Paulo teria dito a Timóteo que no futuro as pessoas abraçarão a Palavra e a aceitarão com mais facilidade.

E ainda podemos encontrar mais trechos bíblicos que fundamentam isto:

“Tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões” (2Pe 3.3).

Está óbvio o que acontecerá nos últimos dias: os escarnecedores, e não a paz mundial, terão lugar na véspera da vinda de Jesus. E isto não tem semelhança alguma com um mundo convertido, como aquele pintado pelo pós-milenismo.

“Vós, porém, amados, lembrai-vos das palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo, os quais vos diziam: No último tempo, haverá escarnecedores, andando segundo as suas ímpias paixões. São estes os que promovem divisões, sensuais, que não têm o Espírito” (Jd 17-19).

No último tempo haverá escarnecedores e todo o tipo de pessoas depravadas. A Bíblia é clara. Não haverá a paz mundial, e sim o crescimento do mal. E Judas informa ainda que estas palavras não são apenas dele, mas também dos apóstolos de Jesus. Todos eram unânimes nesse conhecimento.

“Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avaros, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem

domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes. Pois entre estes se encontram os que penetram sorratoriamente nas casas e conseguem cativar mulherinhas sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões, que aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade. E, do modo por que Janes e Jambres resistiram a Moisés, também estes resistem à verdade. São homens de todo corrompidos na mente, réprobos quanto à fé; eles, todavia, não irão avante; porque a sua insensatez será a todos evidente, como também aconteceu com a daqueles” (2Tm 3.1-9).

O texto acima não diz que o Dia do Senhor será difícil. Diz que os dias, no plural, e os tempos serão difíceis. É uma clara referência a fatos que se cumprirão antes do Dia do Senhor. Além disto, tais coisas requerem longo prazo, e não podem ocorrer num dia de 24 horas. Por exemplo, penetrar sorratoriamente nas casas e conseguir cativar mulherinhas sobrecarregadas de pecados é algo que necessita de muito tempo para acontecer. Daí se conclui que os fatos acima expostos cumprir-se-ão antes da vinda de Cristo, e não depois da libertação de Satanás, num período de vinte e quatro horas.

Os tempos serão difíceis por causa da depravação da humanidade. Nos últimos dias os homens serão mais perversos

do que no princípio da era neotestamentária. E todo esse desvio de caráter descrito acima contrasta, de forma gritante, com a paz mundial.

E não serão joios disfarçados de trigo, isto é, não serão fingidores fazendo passar-se por membros da igreja. Porque, como diz o versículo, “sua insensatez será a todos evidente”. O mundo não camuflará a depravação que ocorrerá perto do tempo do fim.

E o texto prossegue, dizendo que haverá perseguições naquele tempo:

“Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos. Mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados” (2Tm 3.12,13).

A oração “irão de mal a pior” é clara, evidenciando que a situação não tende a melhorar, mas a piorar cada vez mais. E isto já está cumprindo-se, pois o mundo de hoje, ao contrário da cosmovisão pós-milenista, está muito pior do que antes. Aumentaram a violência, a homossexualidade, as doenças, os terremotos, a fome.

Tudo caminha em direção ao pior estado. A vinda de Cristo será antecedida por uma era de grande violência e depravação. O versículo é bem claro quando diz:

“... Os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados”.

Sempre haverá homens perversos e impostores. Eles não diminuirão com o passar do tempo, mas se multiplicarão e se espalharão por todo o globo.

Assim, não há espaço para um mundo dominado pela igreja, pela paz e pela religião. Se isto fosse realmente acontecer, já teríamos visto um começo, ou alguma ação nessa direção.

Nem ao menos faz sentido uma conversão mundial, pois isto não está nos planos de Deus. O mundo inteiro não se converterá, porque Jesus disse que os salvos serão a minoria:

“Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; E porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem” (Mt 7.13,14). “E alguém lhe perguntou: Senhor, são poucos os que são salvos? Respondeu-lhes: Esforçai-vos por entrar pela porta

estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão” (Lc 13.23,24).

Nós continuamos crendo que o caminho da salvação é estreito, e que poucos passarão por ele. Jesus respondeu exatamente isto à pessoa que Lhe perguntou se poucos serão salvos. Se Ele disse, está dito! Mas os pós-milenistas combatem o texto acima com este versículo:

“Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos” (Ap 7.9).

O propósito dos pós-milenistas com o presente versículo é provar que serão muitos os salvos, contrariando assim, as palavras de Jesus. Ao invés de explicarem o ensinamento dado pelo Mestre acerca da porta estreita, colocam um versículo contra o outro, como que para fazer a Bíblia lutar contra ela mesma, causando contradição. O que pretendem? Dizer que Jesus mentiu?!

Nem Jesus, nem João mentiram. Porque, dentro de 7 bilhões de pessoas, qualquer pequena fração que entrar pela porta estreita se constituirá em inumerável multidão. É bem provável que os eleitos compreendam um grupo de vários milhões. Por isto, nenhum dos dois mentiu. Porque os salvos

serão poucos em relação aos não salvos, mas serão muitos em relação numérica ao que podemos contar ou visualizar.

Então existem duas razões para entendermos que as tribulações, e não a paz global, precederão a vinda de Cristo. A primeira é que está escrito, em diversas partes da Bíblia, que a maldade e a perversão humana reinarão antes de Jesus voltar. A segunda é a falta total de algum argumento bíblico que concorde com a conversão mundial.

COMO SERÁ A ATUAÇÃO DO DIABO?

O impasse a ser resolvido aloja-se num trecho bíblico que está claro para muitos, mas obscuro para outros. É a narrativa da libertação de Satanás:

“Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a peleja. O número dessas é como a areia do mar” (Ap 20.7,8).

De acordo com a doutrina pré-milenista, as nações que participarão do Milênio não estarão convertidas. Estas correspondem aos ímpios sobreviventes da Batalha do Armagedom. Após essa guerra, Satanás será aprisionado, o que resultará em paz durante os mil anos. A paz, neste caso, não será fruto de supostas conversões, mas da falta de tentação do diabo.

Para o pós-milenismo, o Milênio já começou e o diabo já está preso. A Terra caminha em direção à conversão de toda a humanidade. Quando, finalmente Satanás for liberto, encontrará um mundo cheio de igrejas e de pessoas

regeneradas. Caberá a ele perverter a maioria dos homens e depois recrutá-los para a Batalha Final.

Isto está em desconexão com os versículos acima, os quais afirmam que Satanás irá seduzir e reunir as nações. Seu trabalho será fácil e rápido, uma vez que não necessitará perverter ninguém, mas apenas recrutar. Como as nações serão ímpias, a única razão para não se rebelarem precocemente será a falta de tentação demoníaca. Retornando esta à ativa, as nações voltarão ao seu estado original e se posicionarão contra os santos.

Mas o pós-milenista não vê desta forma, e assegura que o diabo irá literalmente perverter os corações dos salvos e torná-los pagãos. Isto é lógico, pois, se o mundo inteiro estiver convertido, a única maneira que terá o diabo para conquistá-lo será anulando sua conversão.

A teoria prega que a apostasia profetizada pela Bíblia será cumprida no dia da libertação de Satanás. Tenta assim, desviar a atenção dos versículos que informam que a apostasia será o anúncio da vinda de Cristo, e não a consequência.

Isto é sério! Veja que apostatar significa abandonar a fé em Deus, significa deixar de seguir a Cristo, por obedecer a espíritos enganadores e a ensinos de demônios (1Tm 4.1).

Há, pelo menos, três perguntas que o pós-milenismo necessita responder, pois são imprescindíveis para constatar a veracidade de sua doutrina.

A primeira pergunta é:

“Para que Deus teria interesse em perverter a humanidade, depois de tê-la convertido?”

A igreja teria passado todo o Milênio esforçando-se, dando até a própria vida para converter pessoas inutilmente, pois, ao final de tudo, elas seriam arrebanhadas novamente pelo mal! Qual o incentivo para igreja pregar o Evangelho, sabedora deste fato? E qual seria a utilidade de uma perversão mundial dentro do plano divino para a execução da história do universo? Não existe razão, nem lógica.

A segunda pergunta é:

“Como as pessoas obtêm a salvação e depois a perdem?”

Porquanto uma conversão implica em salvação, mas uma perversão implica na perda da salvação. Lembremo-nos de que o Livro da Vida não é um caderno de rascunho, onde Deus escreve e apaga o nome das pessoas, conforme forem convertendo-se e desviando-se. Uma pessoa salva, jamais volta a se perder. Aquele que volta para o mundo é porque nunca se

converteu realmente. E se, não se converteu, não cumpriu as promessas pós-milenistas de conversão global.

Mas o que torna esse fato ainda mais impossível é o que segue na terceira pergunta:

“Como o diabo conseguiria perverter aquele que tem o Espírito Santo no coração?”

As pessoas, uma vez convertidas, hospedam o Espírito Santo em seus corpos:

“E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção” (Ef 4.30). Ver também Ef 1.13.

Tendo sido selados, participarão da redenção. Jamais o diabo pode tocar-lhes.

“As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar” (Jo 10.27-29).

Se a igreja conquistou para Cristo várias ovelhas, elas não serão desprezadas, nem entregues às garras de Satanás. Ninguém pode arrebatar-las da mão de Jesus. Então, supondo que todas estarão convertidas, está fora de cogitação imaginar

que o diabo terá algum poder sobre elas. Jesus não quebraria Sua promessa de manter seguras todas as ovelhas que se converterem, permitindo que o lobo as arrebate.

“Ninguém pode entrar na casa do valente para roubar-lhe os bens, sem primeiro amarrá-lo; e só então lhe saqueará a casa” (Mc 3.27).

Isto disse Jesus quando fora acusado de expulsar demônios pelo espírito de belzebu. Somente o Espírito Santo poderia amarrar o demônio presente no corpo, para depois expulsá-lo. O inverso também segue a mesma lógica: Satanás necessitaria vencer o Espírito Santo, presente no corpo, para perverter a pessoa. E é claro que o diabo, ainda que esteja solto, jamais teria poder para invadir um corpo que é templo do Espírito Santo, pois, para fazer isso, teria que amarrar o Valente que habita na “casa”. Foi o que Jesus disse.

Toda essa argumentação, entretanto, é rebatida pela doutrina pós-milenista quando afirma que, no final do Milênio, haverá pessoas dentro das igrejas que não serão realmente convertidas. É o que a Bíblia chama de “joio no meio do trigo”.

Neste caso, o pós-milenismo tem que se decidir. Ou o mundo inteiro estará convertido, ou a maioria dos fiéis será composta de joio. A teoria pós-milenista, que prega que a vinda de Cristo será precedida pela conversão mundial, vê-se agora

obrigada a admitir que a maioria daquelas pessoas, na verdade serão ímpias, disfarçadas de santas. Serão lobos em peles de ovelhas.

Nisto entram em contradição com sua própria doutrina. O pós-milenista bate no peito e se vangloria por apostar na vitória da igreja em converter todo o mundo, e critica seus opositores por pregarem que o plano salvífico de Jesus falhará e não poderá salvar toda a humanidade.

Mas eu não sei que vitória é essa, que consiste em encher a igreja de joio. Seria uma falsa vitória camuflada! O pós-milenismo assegura que o mundo precisa ser totalmente salvo, para configurar a vitória do Evangelho. No entanto, perde totalmente o sentido se o mundo for aparentemente salvo, como “sepulcros caiados”. Isto é falsidade e não se constitui em vitória, de maneira nenhuma.

Então é mais coerente crer que o diabo, ao ser liberto, não encontrará um mundo cheio de convertidos, para fazê-los apostatar, mas cheio de ímpios, que outrora viviam em paz por causa, unicamente, da ausência de tentação. A missão do diabo não será criar uma apostasia, mas meramente recrutar aqueles que sempre foram seus desde o princípio.

JÁ ESTAMOS REINANDO?

De acordo com a doutrina pós-milenista, o Milênio já começou, desde a morte de Cristo.

“E da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!” (Ap 1.5,6).

O tempo do verbo “constituir” está no passado, mostrando que Jesus já nos constituiu reino. Isto nutre a doutrina pós-milenista da mesma forma em que uma isca que, presa a um anzol, alimenta um peixe.

Não devemos, entretanto, estar seguros de que o versículo afirma que já estamos reinando. Primeiramente porque “ser constituído reino” é diferente de “reinar”.

Em segundo lugar, nem toda as vezes que se lê “reino”, expressa-se o Milênio, pois existem vários reinos. Deus sempre reinou, reina e reinará, sobre o céu e a Terra, de todas as

formas. A Bíblia usa muito a expressão “reino dos céus”, que é o reino de Deus, do qual teremos parte após a conclusão das últimas coisas. Não se trata do Milênio, pois este será na Terra.

Além disto, o tempo no passado, muitas vezes, é empregado de forma metafórica. Comparemos com um versículo semelhante:

“E estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, pela graça sois salvos, e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (Ef 2.5,6).

O texto afirma literalmente que nós já ressuscitamos e já estamos assentados nos lugares celestiais. Contudo, sabemos que ainda não ressuscitamos, tampouco estamos no céu. Então, se adotarmos a mesma técnica de interpretação sugerida pelo pós-milenismo, estaremos admitindo que todas estas coisas já foram consumadas, quando, na verdade, apenas foram adquiridas. Por esta razão, não se pode dizer, baseado apenas em Apocalipse 1.6, que já estamos reinando no presente.

“Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte” (1Jo 3.14). “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida

eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida" (Jo 5.24).

João afirmou que não entramos em juízo, mas passamos da morte para a vida, antes mesmo de haver juízo e de partirmos desta vida para a próxima. O tempo bíblico admite sentido simbólico em algumas ocasiões.

Se o Milênio já tivesse começado, o mais racional seria concluirmos que já estamos reinando no presente, pois é o que os servos de Deus fariam no reino milenar.

No entanto, se olharmos em nossa volta, veremos que **não estamos reinando.**

Sob qual perspectiva, ou sob qual aspecto estamos reinando? No aspecto material? Não, pois não somos autoridades políticas. No âmbito espiritual? Não, pois ainda estamos presos nesta carne e sujeitos ao pecado. Ou Será que estamos reinando no céu? Creio que não, pois não estamos no céu. Estamos reinando na Terra? Dificilmente, pois aqui somos servos, somos os menores e os mais humildes, além de sermos atribulados pela nossa fé.

É difícil até mesmo visualizar uma forma, para a qual se admita que estamos reinando. Então como a mais criativa ou alucinada mente poderia supor que os servos de Deus já estão

reinando no presente século? Estes, após a partida de Jesus, foram perseguidos, torturados e mortos. Sofrem tribulações e angústias. Então como reinam?

Nós, os servos de Cristo, apenas estamos do lado vitorioso da “guerra”. Mas, transformar esse fato num reino seria uma deturpação bíblica desaforada e inescrupulosa! Vitória é uma coisa, e reino é outra. Leiam livros pós-milenistas, e encontrarão explicações descabidas e inconvincentes! Tentam inventar algumas desculpas para afirmar que já estamos reinando, mas não obtêm sucesso.

Por outro lado, a Bíblia não lhes dá espaço:

“Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens” (1Co 15.19).

Não estamos reinando neste mundo. Estamos aqui somente de passagem, enquanto aguardamos o dia de partirmos e estarmos com Cristo. Nesse ínterim, toleramos as aflições, tendo o mundo como inimigo, pois aquele que ama o mundo constitui-se inimigo de Deus (Tg 4.4).

“Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui” (Jo 18.36).

Nem Jesus estava reinando quando veio à Terra. E nós, que somos seus discípulos e andamos nas suas pisaduras, também não estamos reinando. Por enquanto, apenas adquirimos a vitória, mas ainda não entramos no reino, o qual não é deste mundo.

Se o Milênio já começou, então por que Jesus nos ensinou a orar assim: *“venha a nós o vosso reino?”* Tal ensinamento só serviria para ser aplicado antes da morte e ressurreição do Senhor, caso o Milênio tivesse começado naquela ocasião. Mas supõe-se que essa oração foi feita para servir de molde aos cristãos de todas as épocas, e não somente aos contemporâneos de Jesus.

O Milênio se caracteriza pelo reino de Jesus sobre a Terra. Ambas as doutrinas escatológicas adotam essa ideia. A diferença é que o pré-milenismo crê que tal reinado será literal e com a pessoa de Cristo presente, enquanto que os pós-milenistas creem que a presença física de Jesus não ocorrerá, e que Seu reino é do céu à Terra. Por conseguinte, como Jesus está assentado à destra de Deus, reinando, o Milênio já teria começado. Eles apresentam o seguinte versículo para demonstrar isto:

“Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós” (Mt 12.28).

As palavras de Jesus confirmaram que o reino já havia chegado no tempo presente dos discípulos. Mas, como se pode ver, o próprio versículo não afirma que estamos reinando, mas apenas que é chegado o reino de Deus sobre nós. Quem reina atualmente é Deus. E isto impossibilita que o Milênio já esteja vigorando, uma vez que, no Milênio, toda a igreja deverá reinará sobre as nações, e não somente Deus. Isto será ilustrado no próximo capítulo.

O texto também não especifica que o reino de Deus, alcançado pelos discípulos, é o Milênio. Então não serve como prova.

Eis agora outros versículos usados pelo pós-milenismo:

“Dizia-lhes ainda: Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus” (Mc 9.1). “Pois vos digo que, de agora em diante, não mais berei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus” (Lc 22.18).

O reino de Deus chegou com poder. Mas o fato dEle já estar reinando não implica em dizer que tal reinado é o milenar. O reino de Deus sempre existiu antes de toda a eternidade e sempre existirá. E isto não quer dizer que o único reino de Deus é o Milênio. Ora, o Milênio é apenas um período

predeterminado, com início e fim. Nem toda vez que a Bíblia diz “reino de Deus” está se referindo ao Milênio. Cabe a nós ter esse discernimento, para não nos perdermos na leitura bíblica.

Desta feita, fica insustentável a ideia de que os servos de Deus já reinam no presente. Embora Deus pessoalmente esteja reinando, tal reino não pode ser chamado de Milênio.

QUEM REINA SOBRE QUEM?

Ao se falar de reino, subentende-se que uma pessoa, ou grupo de pessoas, reina sobre outro grupo de pessoas. Alguém tem que reinar sobre alguém.

Quanto ao período milenar propriamente dito, os servos de Deus morarão na Nova Jerusalém, separados das nações ímpias, as quais habitarão fora dela. Dessa forma, os santos reinarão sobre os ímpios, o que é normal e bíblico.

O pós-milenismo, por sua vez, munido da compreensão de que toda a Terra se converterá, acredita que, no Milênio, os justos reinarão unânimes sobre eles mesmos.

Porém, o reino milenar **não** representa três coisas:

- 1) Um reino de alguns justos sobre outros justos.
- 2) Um reino de todos os justos sobre ninguém.
- 3) Um reino apenas de Cristo sobre todos.

Na verdade, o Milênio consiste em Jesus e os justos reinarem sobre os injustos. Qualquer variação deste esquema é extrabíblica.

“E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra” (Ap 5.9,10). “O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão” (Dn 7.27). “Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos” (Ap 20.4). Ver também: Dn 7.18,22; Mt 25.34; Lc 12.32; Rm 5.17; 1Co 6.2; 2Tm 2.12; Ap 1.6; 2.26,27; 3.21; 20.6; 22.5.

Os versículos acima, até mesmo os não transcritos, afirmam que reinaremos juntos com Cristo sobre as nações incrédulas.

Mas, se todos forem convertidos, como diz o pós-milenismo, logo todos terão que reinar. No entanto, se não tiver sobre quem reinar, não podemos chamar isso de reino. Não existe rei sem reino, ou sem súditos.

Vejamos também a informação dita por Paulo:

“Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-lo a juízo perante os injustos e não perante os santos? Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida!” (1Co 6.1-3).

Os santos julgarão o mundo inteiro e até os próprios anjos. Então é de se supor que tal reino ainda não começou. Pergunta-se: os santos estão julgando os anjos nos dias de hoje? Não! E, quanto ao mundo, está sendo julgado pelos santos? De maneira nenhuma!

Atente agora à outra razão por que ninguém reina nos dias de hoje. Porque o tempo verbal que Paulo empregou está no futuro:

“os santos hão de julgar o mundo”;

“o mundo deverá ser julgado por vós”.

Paulo escreveu isto décadas depois da morte e ascensão de Jesus. Portanto, o Milênio ainda não era presente no tempo da igrejas fundadas pelo apóstolo. A profecia de julgar o mundo

e os anjos ainda não se cumpriu, porque seu cumprimento se dará apenas depois da vinda de Cristo:

“Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos” (Ap 20.4).

A autoridade de julgar será dada aos que se assentarem no trono. E isto ainda não aconteceu, pois a igreja e os apóstolos não se assentaram em um.

“Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Lc 22.29,30). “Jesus lhes respondeu: Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19.28).

Os doze apóstolos julgarão as doze tribos de Israel, o que mostra que o reino de Jesus é literal e terreno. Os pós-milenistas interpretam simbolicamente esses versículos, assim

como interpretam toda a Bíblia. Tudo o que se registra nas Escrituras pode ser moldado e reformulado por eles através da interpretação figurativa.

No que diz respeito à promessa de reino dada aos apóstolos, ficaria sem sentido eles estarem reinando agora sobre as doze tribos de Israel, de forma espiritual no céu. Não dá para interpretar tal fato como um reino, tampouco conciliar isso com a forma literal que Jesus falou aos discípulos. Reinar é governar de forma ativa. Os doze apóstolos, entretanto, apenas observam passivamente do céu as coisas que acontecem aqui. Isso não é reinar, na concepção de qualquer dicionário, seja português ou grego.

“Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro” (Ap 2.26,27).

Estes versículos foram direcionados por João à igreja de Tiatira. Neles está contida uma promessa dada a todos os que vencerem.

Reinar, diferentemente do que a doutrina pós-milenista descreve, significa ter autoridade sobre as nações. Significa reger e, até mesmo, usar a força, se for preciso. Reinar não é simplesmente pregar o Evangelho, ou assistir passivamente o

mundo girar. Reinar não é uma ação produzida espiritualmente por nós no céu, a qual, de alguma forma, reflete na Terra. Isto não é governar o mundo. É apenas observar.

Note também que os verbos estão no futuro, embora João escrevera o Apocalipse bem depois da morte e ressurreição de Jesus:

“Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro” (Ap 2.26,27).

E quando será esse futuro? O texto evidencia que será depois do fim. Esse fim, tanto pode ser o dia da volta de Cristo, quanto o dia do fim de nossas vidas terrenas. Quem guardar as obras de Jesus até o fim terá essa autoridade.

Os versículos também mostram que o referido reino será sobre as nações. E isto responde à questão de quem reina sobre quem. Os vencedores regerão as nações. Mas o pós-milenismo, em sua essência, crê que todos serão vencedores, o que quebra de vez a hierarquia do reino. Os justos não podem reinar sobre eles mesmos, senão, descaracterizaria a palavra “reino”.

O versículo 27 é uma citação do salmo 2:

“Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro” (Sl 2.9).

Esta promessa foi dada por Deus a Jesus, em Salmos 2.9, e, posteriormente, dada por Jesus aos vencedores, em Apocalipse 2.27. Apenas aos vencedores, tornando obrigatória a existência de perdedores.

A Bíblia foi bem expositiva, reduzindo consideravelmente a margem de erros de interpretação. Vários versículos foram citados, os quais deixaram bem claro que o Milênio não é apenas o reino de Jesus sobre nós, mas dos vencedores sobre os não convertidos.

O AJUNTAMENTO DE ISRAEL E O MILÊNIO

O pós-milenismo acredita que a repatriação dos judeus só ocorrerá depois do Milênio.

Mas podemos observar, em Jeremias, que o Milênio será **precedido** pela volta dos judeus exilados. Assim que Israel for repatriado, gozará de paz sob o reino milenar:

“Porque eis que vêm dias, diz o Senhor, em que mudarei a sorte do meu povo de Israel e de Judá, diz o Senhor; fá-os-ei voltar para a terra que dei a seus pais, e a possuirão [...] Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, eu quebrarei o seu jugo de sobre o teu pescoço e quebrarei os teus canzais; e nunca mais estrangeiros farão escravo este povo [...] Não temas, pois, servo meu, Jacó, diz o Senhor, nem te espantes, ó Israel; pois eis que te livrarei das terras de longe e à tua descendência, da terra do exílio; Jacó voltará e ficará tranquilo e em sossego; e não haverá quem o atemorize” (Jr 30.3,8,10).

O capítulo 30 começa falando da Grande Tribulação, do retorno dos judeus exilados e, finalmente, do Milênio. A leitura dos versículos acima faz ligação direta com este, na qual Jerusalém e o templo serão reerguidos:

“Assim diz o Senhor: Eis que restaurarei a sorte das tendas de Jacó e me compadecerei das suas moradas; a cidade será reedificada sobre o seu montão de ruínas, e o palácio será habitado como outrora” (Jr 30.18).

Os fatos sublinhados acima foram profetizados para data muito distante da que foi predeterminada pelos pós-milenistas. No início do que eles consideram ser o Milênio, ocorreu exatamente o oposto do que disse o texto: Jerusalém foi destruída e os israelitas fugiram, espalhando-se pelo mundo, quando Tito invadiu a cidade.

Depois de dois milênios, os judeus retornarão e ingressarão no verdadeiro Milênio, como se vê na continuidade do texto de Jeremias:

“O seu príncipe procederá deles, do meio deles sairá o que há de reinar; fá-lo-ei aproximar, e ele se chegará a mim; pois quem de si mesmo ousaria aproximar-se de mim? —diz o Senhor” (Jr 30.21).

Como se pode ver, a continuação e a consequência do ajuntamento é o reino milenar. Jeremias informa que Israel será reunido de todas as partes do mundo, justamente para ter parte naquele reino. Isto diverge do pensamento pós-milenista, o qual imagina que o ajuntamento dos judeus só ocorrerá após o Milênio.

Promessas a Israel

Há outro conflito bíblico no que se refere a Israel, quando se tenta interpretar o Milênio de acordo com a forma pós-milenista. No Velho Testamento há várias profecias de prosperidade prometidas a Israel para se cumprirem no Milênio. Se tal reino já tivesse começado, e se estivesse crescendo gradualmente, não daria para se cumprirem tais promessas, uma vez que elas são de caráter sobrenatural e especificamente à nação de Israel.

O pós-milenista assegura que o reino crescerá sem a intervenção física de Deus. Assim, a humanidade, que supostamente caminha em direção à paz mundial, trará a prosperidade a todas as nações da Terra, sem o tratamento específico prometido pela Bíblia a Israel.

Para entender tais profecias, os pós-milenistas precisam vincular Israel com a igreja. Asseguram que todas as profecias para Israel a se cumprirem durante o Milênio tratam, na verdade, da igreja.

No entanto, o Velho Testamento não fala da igreja, nem mesmo de forma profética, posto que ela nem sequer existia na

época. A igreja é um mistério que não foi revelado no Velho Testamento. Jamais se deve confundir Israel com a igreja, pois são entidades distintas. Israel era, e sempre será, o povo escolhido de Deus. Portanto, seu tratamento será diferenciado.

Assim, quando a Bíblia diz “Israel”, de forma alguma está querendo dizer igreja. Pela regra geral, o Velho Testamento trata de Israel, enquanto que o Novo trata da igreja. É no Novo Testamento que está a retificação explicando que judeu é aquele que é circunciso de coração, e filho de Abraão é aquele que obedece a Deus. Esta comparação foi utilizada para falar de temas espirituais, como a salvação eterna do povo escolhido. Mas, quando se trata do reino material e terreno, essa regra não tira da nação israelita os direitos prometidos por Deus no Velho Testamento:

“Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus. Qual é, pois, a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão? Muita, sob todos os aspectos. Principalmente porque aos judeus foram confiados os oráculos de Deus” (Rm 2.28-3.2).

Paulo disse que há muita vantagem do judeu sobre o gentio, quando se refere ao quesito material. O Israel espiritual (que é circunciso de coração) tem o mesmo tratamento da igreja (Rm 3.9). Mas o Israel segundo a carne (circunciso literalmente) tem muita vantagem, sob todos os aspectos.

Todas as profecias de ordem material prometidas a Israel cumprir-se-ão, posto que Deus sempre cumpre o que promete. Deus não enganaria seu povo prometendo-lhes paz, reino e prosperidade, se de fato o propósito divino fosse cumprir secretamente todas elas na igreja, ao invés de cumpri-las na nação israelita. Por esta razão, o Deus que não mente não brincaria com a ingenuidade de Israel prometendo-lhe algo que jamais possuirá.

E assim, fica pendente a explicação pós-milenista sobre como Israel reinará de forma específica no futuro, pois ele não está reinando agora.

A IGREJA DEVE CONVERTER O MUNDO?

O Milênio é um período de paz e prosperidade mundial, as quais serão atingidas em decorrência da inatividade de Satanás após sua prisão no abismo. Este fato está de comum acordo com as teorias “pré” e pós-milenistas. A diferença é concernente ao tempo do cumprimento deste fato.

De acordo com o pré-milenismo, o Milênio ainda não começou. A paz surgirá repentinamente e perdurará por todo o período de mil anos, desde seu início até seu final. A falta da tentação do diabo será suficiente para proporcionar paz ao mundo, apesar das nações não serem convertidas. O Milênio, segundo esta teoria, será antecedido pela Grande Tribulação, a qual, por sua vez, será antecedita pelas tribulações menores.

No entanto, conforme o pós-milenismo, os “mil anos” já começaram desde a morte de Cristo. A paz do Milênio será alcançada gradativamente, resultante da conversão mundial. É tarefa da igreja converter o mundo inteiro, o que será feito aos poucos. O começo do Milênio é marcado por tribulações, mas no final a paz reinará até o dia em que Jesus voltar.

O pré-milenismo acredita que as tribulações atuais não diminuirão. Pelo contrário, aumentarão. Por esta razão, o pós-milenismo o acusa de pregar o fracasso da Igreja e da obra de Cristo, visto que não estabelece um reino próspero no mundo presente.

Mas por que chamaríamos isso de fracasso? O fracasso é obtido quando não se consegue atingir um objetivo. E o objetivo da igreja nunca foi converter toda a humanidade, mas sim separar os de Cristo para a salvação. E, como se sabe, Deus não salvará todos, mas uma pequena minoria. Seria considerado um fracasso se o objetivo da igreja e da pregação do Evangelho fosse transformar o mundo inteiro num reino de paz. Realmente cremos que a igreja não cumprirá esse papel.

Mas quem crê que o Milênio já começou são os “**pós**”, e não os **pré**-milenistas. De forma que, se o mundo inteiro não se converter no presente século, todo o fracasso do suposto Milênio será atribuído ao “pós”, e não ao pré-milenismo, visto que o objetivo do Milênio é trazer a paz mundial, a qual não ocorreu até hoje.

Alegam os pós-milenistas que, se a igreja não conseguir converter todo o mundo, terá fracassado. Restará a Cristo assumir o reino à força e coação, no futuro, ao invés de conseguir no presente, por intermédio da passividade e da

voluntariedade. Desta forma, acusam o pré-milenismo de pregar uma conversão por intermédio da força.

Mas, em nenhum momento, o pré-milenismo ensinou que a conversão será conseguida à força. Em primeiro lugar, o pré-milenismo nem sequer prega que haverá conversão mundial no Milênio. Muito menos, que tal conversão será coagida. Em segundo lugar, todos serão voluntários. Os santos habitarão de livre vontade na Cidade Santa, pois já estarão convertidos e ressurrectos. E as nações não precisarão ser dominadas à força, pois, como Satanás estará amarrado, elas voluntariamente aceitarão servir ao reino.

Então não seria honesto julgar o pré-milenismo por pregar o fracasso da igreja, uma vez que converter o mundo nunca foi missão dela. A teoria pré-milenista ensina que o mundo todo jamais se converterá, nem mesmo no Milênio.

A BESTA

Em Apocalipse 13 há um personagem que, segundo a Bíblia, deverá estar presente na Terra **antes** do Milênio. Ele terá que matar os santos e, posteriormente, ser derrotado por Jesus em Sua vinda. Essa pessoa é a besta, a qual representa verdadeiro incômodo à teoria pós-milenista.

A atuação da besta não está em conformidade com o tempo que o pós-milenismo determina para tal. A referida doutrina afirma que primeiro surgem as tribulações, depois a paz mundial e, por último, a vinda de Cristo.

Mas a presença da besta inverte a cronologia esperada, pois trará consigo a Grande Tribulação futura. Depois desta, Jesus voltará e vencerá a besta.

E assim, devido a tantas desconformidades, alguns pós-milenistas preferem afirmar que a besta não existirá literalmente. Como de costume, entendem que os respectivos textos bíblicos são simbólicos. Refutam, um a um, todos os versículos de Apocalipse e de Daniel que tratam da besta. E isto lhes é conveniente. Porque, para garantirem a integridade

de sua doutrina, necessitam abafar o caso, tornando a presença da besta o mais amena possível.

O pós-milenismo nega que a besta será uma pessoa que governará o mundo no futuro. Não crê que os dez dedos da estátua de Daniel, bem como os dez chifres de Apocalipse, significam dez reis. Não crê que a marca da besta é, de fato, uma marca. Para o pós-milenismo, nada do que está escrito significa coisa alguma. Tudo é simbólico. Nada é real.

Mas uma simples leitura desses textos seria suficiente para conscientizar qualquer um de que os dez chifres são dez reis contemporâneos à besta, e que sua marca será real e marcará de verdade. Nem precisa ser intérprete experiente para extrair essas deduções.

Esse vício de nunca interpretar nada literalmente abstém os pós-milenistas de usufruir de vários conhecimentos importantes, revelados pela Bíblia, acerca do fim dos tempos.

Para negar a existência do anticristo, o pós-milenismo cita que João fala de vários anticristos. Para a teoria em questão, isso já seria prova suficiente para não crer na besta futura. Nas epístolas de João há menções de falsos anticristos que surgiram na época dele e que ainda continuam surgindo (1Jo 2.18,22; 4.3; 2Jo 1.7). Todos os que não confessam a divindade Jesus Cristo são considerados anticristos.

Mas, primeiramente, o fato de existirem vários anticristos, não invalida o aparecimento do iníquo, que é o maior deles. Em segundo lugar, o tempo de João, no qual esses anticristos surgiram, foi muito posterior à morte de Cristo, ferindo a ordem cronológica das profecias pós-milenistas. Jesus deve vir depois da besta, e não antes.

O “homem da iniquidade” e o “iníquo”, que Paulo menciona, são a primeira besta, a qual aparecerá antes do segundo advento de Cristo, como segue:

“Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, nós vos exortamos a que não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de nós, supondo tenha chegado o Dia do Senhor. Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus. Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas?” (2Ts 2.1-5).

Pelo que se lê acima, a vinda de Cristo, a nossa reunião com Ele e o Dia do Senhor **não** acontecerão sem que primeiro

venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição. Repito, a apostasia e a besta precederão o Dia do Senhor. Essa informação faz despencar toda a estrutura pós-milenista, que acredita que uma suposta conversão global anunciará a vinda de Cristo.

Continuando a leitura, veremos que a besta não poderá manifestar-se enquanto o Espírito Santo não sair da Terra:

“E, agora, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria. Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda” (2Ts 2.6-8).

O iníquo só será revelado quando Aquele que o detém for afastado. Não está explícito quem é que pode deter o aparecimento do iníquo, mas é cabível supor que somente o poder de Deus possa fazê-lo. A maioria dos pré-milenistas aceita que o Espírito Santo seja a força que impede o surgimento do iníquo. Não poderia ser um anjo, por exemplo, pois não se ajustaria com o texto. Note também que a palavra “sabeis” (v. 6), demonstra que é uma pessoa conhecida e familiarizada com os cristãos da época (Jo 14.17b). Por isto, a besta ainda não

veio, pois o Espírito Santo ainda está aqui. E Nero não pode ter sido a besta, como alguns já propuseram.

Ressalva-se, que isto não fere a onipresença do Espírito Santo, mas apenas afasta Seu poder detentor. Recordemos que, antes daquele específico dia de Pentecostes, o Espírito Santo não estava aqui, embora sempre tenha sido onipresente.

Mesmo assim, isto gera certa polêmica entre alguns estudiosos, que afirmam que seria impossível haver conversões sem a presença do Espírito Santo. Certamente, durante a Grande Tribulação, a Terra voltará à condição do Velho Testamento, onde o Espírito Santo não habitava no corpo dos servos de Deus. Mas, devemos admitir que, mesmo naquela época, Ele descia, capacitava, fazia Seu trabalho e voltava. Jesus, antes mesmo do Pentecostes, disse a Nicodemos que era necessário nascer do Espírito (Jo 3.5,6).

E assim, não é difícil crer que o mundo possa ser assessorado pelo Espírito Santo, ainda que Ele esteja ausente. A conversão pode ser promovida pelo Espírito Santo, sem que seja necessário Ele habitar no corpo de Cristo, que é a igreja. O fato dEle não Se instalar definitivamente no coração humano não quer dizer que esteja inativo.

Na dispensação da Lei, os israelitas eram salvos por meio do sangue sacrificial de animais, tendo em vista a

esperança no verdadeiro e único sacrifício de Cristo. Sabemos que, sem derramamento de sangue, não há redenção (Hb 9.22). Mas há de se considerar também que todos os convertidos da Grande Tribulação, com exceção talvez dos 144 mil israelitas, morrerão martirizados. E temos experiência bíblica para concordar que qualquer que dê sua vida por amor a Deus será salvo (Mt 10.39; Jo 12.25; 15.13).

O malfeitor que foi crucificado ao lado de Jesus viveu antes da descida do Espírito no Pentecostes e, mesmo assim, optou por ser de Jesus. Ele foi beneficiado pela dispensação da graça, mesmo antes dela começar. Seria muito, pois, crermos que os santos da Grande Tribulação desfrutarão de alguma assistência do Espírito Santo para se converterem?

Conclui-se que, enquanto o Espírito Santo não for afastado, a besta não virá. E, se ela não vier, não matará os mártires. Se estes não morrerem, não serão ressuscitados para o reinado de mil anos. Tudo isto nos leva à inevitável dedução de que o Milênio ainda não começou.

Diante da dificuldade de ignorar a presença da besta nas profecias bíblicas, alguns teólogos pós-milenistas acham mais viável acreditar que ela é real, mas que foi protagonizada pelo o imperador romano Nero. Ele teria sido a besta que, neste caso, já veio ao mundo no passado.

Mas, elucidados pela argumentação acima, observemos que existe uma ordem cronológica que torna impossível que Nero seja a besta. Biblicamente, o Espírito Santo estará ausente, não por não ter chegado ainda, mas por já ter partido. Então, primeiro temos a presença do Espírito Santo, depois Sua saída e, por último, a chegada da besta. Por isto, não estamos falando da primeira vinda de Jesus, quando nasceu de Maria, pois, na ocasião, o Espírito Santo estava de chegada, e não de partida. As profecias da besta não tratam do começo da dispensação da graça, mas sim do final.

O capítulo 2 de 2 Tessalonicenses é muito claro ao afirmar que a apostasia precederá a vinda de Cristo. Compõe-se de riqueza teológica tal, que faz calar a maioria dos pós-milenistas. Muitos não se atrevem a sugerir interpretação para o texto.

Outros, por não terem saída, arriscam afirmar que o Dia do Senhor, aludido em 2 Tessalonicenses 2, é o dia da destruição de Jerusalém, que houve no ano 70. Com isto, procuram explicar a apostasia e o aparecimento do iníquo, associando-os aos imperadores romanos.

Isso não faz sentido, uma vez que nenhuma das várias referências de Dia do Senhor apontam para o dia da assolação de Jerusalém. Pela regra geral, o Dia do Senhor é o dia da volta

de Cristo. Mas, de forma ambígua, pode se referir também a alguns juízos de Deus sobre nações do passado, como: vitória da Média sobre a Babilônia, vitória da Babilônia sobre o Egito, vitória da Babilônia sobre Jerusalém, vitória da Assíria sobre Israel, conforme já estudamos acima. O que importa no momento é que a vitória de Tito sobre Jerusalém não foi mencionada em nenhuma ocorrência do Dia do Senhor.

Mas o pós-milenista julga que o dia do massacre feito por Tito é um Dia do Senhor, baseado no versículo:

“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça” (Mc 13.30).

Jesus ilustrava os sinais de Sua vinda, quando disse que tais coisas se cumprirão naquela mesma geração.

É de acordo geral da doutrina pré-milenista que alguns daqueles sinais precederão a vinda de Cristo, enquanto que outros têm duplo sentido, descrevendo duas coisas: a Grande Tribulação e a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Mas isto não faz desta data o Dia do Senhor, pois veja a continuação do texto:

“Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão. Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai” (Mc 13.31,32).

Se ninguém sabe, certamente Jesus se referia ao dia de Sua volta à Terra, e não a uma data determinada e catalogada, que é o ano 70.

Quanto ao texto de 2 Tessalonicenses, lá está registrado que o próprio Jesus virá literalmente. Trata-se, portanto, da vinda de Cristo, e não de qualquer vitória configurada pelo Dia do Senhor no passado.

Além disso, há fortes contestações, pois afirmar que Jesus veio julgar Jerusalém no ano 70 seria o mesmo que dizer que:

- 1) Jesus é o iníquo que haveria de aparecer.
- 2) Jesus matou os judeus, incluindo os fiéis, com exceção dos que fugiram.
- 3) Jesus profanou e destruiu o templo e a cidade de Jerusalém.

A quarta contestação encontra-se no próprio contexto, que são os versículos imediatamente anteriores aos da discussão. Eles informam claramente que Paulo está falando da vinda de Cristo, e não da assolação de Jerusalém:

“E a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra

os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho). Por isso, também não cessamos de orar por vós, para que o nosso Deus vos torne dignos da sua vocação e cumpra com poder todo propósito de bondade e obra de fé, a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós, nele, segundo a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo. Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, nós vos exortamos...” (2Ts 1.7-10 a 2Ts 2.1).

O versículo 7 diz que Jesus se manifestará do céu. A palavra “céu” especifica que Ele virá das alturas, e a palavra “manifestar” informa que Ele virá de forma visível e clara.

Veja que Paulo diz que os tessalonicenses receberão alívio de suas tribulações quando Jesus se manifestar do céu com Seus anjos. O Dia do Senhor não pode ser uma referência ao aparecimento de Tito sobre Jerusalém, mas à vinda literal de Jesus para os escolhidos. Tito não trouxe alívio, mas sim exatamente o oposto.

O versículo 10 fala que Jesus virá em glória naquele dia. Jesus, e não o filho do imperador romano Vespasiano. É uma blasfêmia confundir duas pessoas tão diferentes.

E o versículo 1 também fala da futura vinda de Cristo. Por que razão pensaríamos que a continuação da frase, no verso seguinte, estaria se referindo a outro evento? O versículo primeiro grafa literal e explicitamente “Senhor Jesus Cristo”, afirmando que é Ele quem virá.

Agora pergunta-se: Jesus veio no ano 70? Ele se manifestou visivelmente do céu à terra? De maneira alguma. Não adianta tentar encontrar uma forma de dizer que Jesus veio naquele dia, por mais simbólica que seja, pois nenhuma faz sentido.

O versículo também diz que nos reuniremos com Jesus, em Sua vinda. Mas nós nos reunimos com Jesus no ano 70, como diz o versículo? Ou melhor, a igreja de Tessalônica se reuniu com Cristo no ano 70? É óbvio que não. O texto em análise foi escrito para os tessalonicenses. Mas Tessalônica é uma cidade da **Grécia**, e não tem a menor ligação com a derrota dos judeus por Tito.

A leitura dos referidos versículos é autossuficiente, mas também tem apoio no contexto. O tema abordado induz justamente a igreja a perseverar na doutrina, preparando-se

para a volta do Senhor. O texto não permite a introdução de um assunto tão desconexo, como o da destruição de Jerusalém por Tito. O que levaria Paulo a tocar nesta pauta em uma carta de avivamento espiritual e incentivo à perseverança? Isto seria uma brusca mudança de assunto.

E com que objetivo Paulo falaria da destruição de Jerusalém para a igreja de uma longínqua cidade grega? Não surtiria efeito algum. Pela regra da hermenêutica, um texto não pode significar aquilo que nunca poderia ter significado para seu autor ou seus leitores. Se Paulo escreveu aos tessalonicenses, deveria fazer sentido para eles.

E assim, podemos concluir que o Dia do Senhor, mencionado em 2 Tessalonicenses 2.2 não é o juízo de Deus sobre Jerusalém no ano 70, mas o dia da vinda literal de Cristo à Terra.

Outros pós-milenistas, entretanto, preferem dizer que o dia de Pentecostes, no qual o Espírito Santo desceu, equivale ao Dia do Senhor descrito em 2 Tessalonicenses 2.2. É mais uma tentativa improdutiva de desviar o tempo da apostasia e do iníquo para uma data que não seja a da véspera da volta de Jesus.

Esta data é impossível, pois o dia de Pentecostes ocorreu pouco depois da ressurreição de Jesus, enquanto que

a carta de 2 Tessalonicenses foi escrita entre os anos 51 e 52 d.C. E o texto é profético, e não histórico:

“Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto. Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição” (2Ts 2.2,3).

Paulo disse que o Dia de Cristo ainda não ocorrera e que nem sequer estava próximo de chegar. Mas os pós-milenistas afirmam que já aconteceu no Pentecostes.

Em Joel, o Dia do Senhor ocorre depois de alguns eventos, sendo que o derramamento do Espírito Santo é um deles:

“E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias. Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor” (Jl 2.28-31).

O pós-milenismo procura estabelecer semelhanças entre o Dia do Senhor, de 2 Tessalonicenses, e o Dia do Senhor, de Joel. Mas não é possível fazer essa ligação. O Dia do Senhor é diferente em ambas as passagens bíblicas, por várias razões:

- 1) Porque o dia de Pentecostes era passado em relação à data em que a carta de Paulo foi escrita, enquanto que os verbos utilizados para a vinda de Cristo estão no futuro.
- 2) O objetivo do capítulo 2 foi exatamente corrigir a falsa crença de que o Dia do Senhor já havia chegado. E Paulo afirmou literalmente que aquele dia ainda não tinha chegado (2Ts 2.2).
- 3) Porque no Pentecostes não foi Cristo Quem veio, mas o Espírito Santo. Jesus até avisou que, se Ele não subisse, o Espírito Santo não desceria (Jo 7.39; 14.16,17,26; 15.26; 16.7).
- 4) Porque o assunto tratado por Paulo naquela ocasião não tinha nada a ver com a vinda do Consolador, nem com os dons do Espírito. Tratar disto no texto seria fugir do tema, mudando de assunto.
- 5) Porque, dizer que o Dia do Senhor de 2 Tessalonicenses ocorreu no dia de Pentecostes, não ajuda a explicar a apostasia, nem o aparecimento do iníquo. Pelo contrário, atrapalha, pois as formas verbais para a apostasia e para o

iníquo também estão no futuro. Além disso, ambos não estiveram presentes nos dias da descida do Espírito Santo.

- 6) O dia de Pentecostes não é considerado um Dia do Senhor. A referência de Joel não diz tal coisa. Apenas confirma que o Espírito Santo será derramado antes do Dia do Senhor, e não depois. Além disso, lá está registrado que o Sol se converterá em trevas, e a Lua, em sangue antes do Dia do Senhor. Como tais fenômenos ainda não ocorreram, aquele dia ainda não chegou até o presente momento.
- 7) Mesmo que o dia de Pentecostes seja considerado um Dia do Senhor, não possui relação com 2 Tessalonicenses.

Outro fator importante, que não deve ser esquecido é que, para cumprir a profecia da referida epístola, o iníquo necessitará ser derrotado por Cristo no Dia do Senhor.

“Então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará [analisko] com o sopro de sua boca e o destruirá [katargeo] pela manifestação de sua vinda” (2Ts 2.8).

Jesus derrotará a besta quando vier ao mundo. Mas, o significado de *katargeo* não é exatamente “destruir”. Significa, na verdade: paralisar; separar; tornar impotente, ineficaz. Podemos ver isso em outras referências bíblicas. Abaixo estão relacionados os 26 versículos que contêm a palavra *katargeo*:

Lc 13.7; Rm 3.3,31; 4.14; 6.6; 7.2,6; 1Co 1.28; 2.6; 6.13; 13.8,10,11; 15.24,26; 2Co 3.7,11,13,14; Gl 3.17; 5.4,11; Ef 2.15; 2Ts 2.8; 2Tm 1.10; Hb 2.14.

Além da palavra “*katargeo*”, há outra com suposto sentido de aniquilação, que é: “*analisko*”, ora traduzido como “matar”, na versão de Almeida Atualizada. Outras versões traduzem como “desfazer”, ao invés de “matar”. De acordo com o Léxico de Strong, *analisko* significa: “consumir, gastar, destruir”. Além do versículo acima mencionado, só existem mais duas ocorrências bíblicas: Lc 9.54; Gl 5.15.

Sem nos atermos muito ao significado dos originais, para não consumir tempo, foquemos no objetivo do texto, que é mostrar que Jesus, quando vier, vencerá a besta. Isto está em plena harmonia com a narração apocalíptica. Observe como será o desfecho da Grande Tribulação:

“Então, vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs; porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso [...] Então, os ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom” (Ap 16.13,14,16).

Os exércitos do mundo serão congregados no Armagedom para guerrear contra os santos de Deus. E o resultado será este:

“E vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo e contra o seu exército. Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre. Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes” (Ap 20.19-21).

Portanto, ao contrário do que espera o pós-milenismo, quando o Senhor voltar não encontrará um mundo de paz, mas sim o reino da besta e seus exércitos. Ele, depois de a aprisionar, lançá-la-á no Lago de Fogo.

Levando a história para a época da destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., acharemos incongruências, pois Tito não foi derrotado por Cristo. Aliás, nem sequer foi derrotado, mas venceu os judeus, ao fazer aquele massacre. O Dia do Senhor, caso tenha sido aquele, teve como saldo a vitória do mal, na qual Jesus não veio do céu (como disse a

profecia) para destruir aquele que assolou Jerusalém. A vitória de Jesus sobre Tito se dará nos últimos dias, e não no ano 70 d.C.

Alguns pós-milenistas afirmam que Nero era a besta, a qual já veio ao mundo. Isto localizaria o personagem para quase o início do Novo Testamento.

Todavia, Nero também não foi derrotado por Cristo no ano 70. Ele morreu no ano 68, antes da destruição de Jerusalém, e foi por suicídio. Um de seus sucessores foi Vespasiano, pai de Tito.

Há três incompatibilidades da ideia de Nero ter sido a besta profetizada por João:

- 1) Nero foi posterior a Cristo, o que difere da profecia, que afirma que Jesus virá depois da besta. E Jesus não voltou no tempo do imperador.
- 2) Nero não foi derrotado por Cristo, como está escrito que Este derrotará a besta na Sua vinda.
- 3) Nero não foi lançado vivo no Lago de Fogo, como ocorrerá com a autêntica besta.

Quando Jesus veio ao mundo, não destronou Nero, nem Vespasiano, nem Tito. Nero governou do ano 54 ao 68. Em outras palavras, seu governo começou décadas depois partida

de Jesus deste mundo. Tampouco, Jesus derrotou o Império Romano quando veio à Terra. Este império durou até o ano 476 d.C.

Ademais, derrotar Nero, Tito, ou o Império Romano não era a intenção de Jesus em sua peregrinação terrena, pois Ele mesmo disse que Seu reino não era deste mundo. O reino de Jesus só será desse mundo quando vier derrotar a besta, pois, a partir dessa data, implantará o Milênio.

A Bíblia diz que a besta será lançada **viva** no Lago de Fogo. Mas os imperadores romanos já **morreram**. Portanto, não podem ser lançados no Lago de Fogo antes da morte.

E o Lago de Fogo só será inaugurado depois da Grande Tribulação. Se, porventura, tal tribulação já ocorreu através do Império Romano, a ida de Nero ao Lago de Fogo não pode ter ocorrido, pois a queda do Império foi muito posterior a Nero.

Outra premissa que não pode ser esquecida é que a autêntica besta será adorada por todos os não eleitos:

“E adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13.8).

Para que Nero ou Tito sejam considerados a besta apocalíptica, esse quesito acima deveria ter se cumprido. Todos os habitantes da Terra, com exceção dos não salvos, deveriam ter adorado esses imperadores. No entanto, naquela época, o mundo estava lotado de pessoas não salvas que não adoraram Nero, nem sequer o conheciam.

Desta feita, o versículo acima é outra impossibilidade de associar Nero, ou Tito, à besta. Quando a verdadeira besta aparecer, todos a verão e todos os não salvos a adorarão. O mundo possui sistema globalizado de internet, televisão e outros meios de comunicação. Tudo o que acontece pode ser compartilhado com todos os habitantes da Terra. E isto não existia na época dos imperadores romanos.

Vejamos agora outro ponto importante para descrever a cronologia das profecias. O texto abaixo mostra que a besta matará os mártires:

“E lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta. A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a fronte, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o

número do seu nome” (Ap 13.15-17). “Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos” (Ap 20.4).

Aqueles que não adorarem a besta não poderão comprar, nem vender. Consequentemente, se não forem decapitados antes, morrerão de fome. Mas, por fim, serão ressuscitados na volta de Jesus, e reinarão por mil anos.

Segundo o gráfico pré-milenista e pré-tribulacionista, inumerável quantidade de pessoas se converterá durante a Grande Tribulação. A besta matará todas elas, tornando-as mártires. Sete anos depois, Jesus virá novamente e lançará a besta e o falso profeta vivos no Lago de Fogo. Finalmente, ressuscitará os mártires e reinará com eles. No caso, o Reino acontecerá por último.

De acordo com a cronologia imposta pelos versículos que acabamos de ler, **a Bíblia** determina a seguinte ordem:

- 1º) Grande Tribulação.
- 2º) Chegada da besta.
- 3º) Morte dos mártires pela besta.

- 4º) Segundo advento de Cristo.
- 5º) Ressurreição dos mártires.
- 6º) Reino dos mártires.

O gráfico pós-milenista, porém, não se harmoniza com a ordem estabelecida acima:

- 1º) Vinda da besta (no começo da era neotestamentária).
- 2º) Reino dos mártires (no começo da era neotestamentária).
- 3º) Tribulações.
- 4º) Paz mundial.
- 5º) Vinda de Cristo.

Enquanto os versículos supracitados localizam o Reino por último, o pós-milenismo o aloca em primeiro lugar. Por causa disto, a besta é uma figura bíblica que deve ser evitada ao máximo pelo pós-milenismo, visto que fere a cronologia exigida pelas Escrituras.

A Bíblia está repleta de textos que ensinam que a apostasia e a besta precederão a vinda de Cristo. Mas o pós-milenismo se aventura na perigosa jornada de contrariar todos eles. Não é seguro galgar um caminho tão tortuoso e cheio de “obstáculos”, como o de enfrentar versículo após versículo, para teorizar a conversão mundial antes daquele dia, uma vez que não há sequer uma linha bíblica que o apoie. De onde vem tanto ânimo e coragem dos pós-milenistas? Em que estão

firmados para fazerem frente a essa artilharia? Não vale a pena. O mais seguro seria reconhecerem a clareza das Escrituras e se renderem a ela.

AS SETENTA SEMANAS

Este tema possui duas vertentes bem diversificadas, de acordo com a apreciação “pré” ou pós-milenista. O pré-milenismo associa a última semana de Daniel à destruição de Jerusalém e à Grande Tribulação. O pós-milenismo se atém ao ministério de Jesus na Terra.

O anjo Gabriel deu a Daniel uma profecia para instruí-lo acerca de alguns fatos futuros.

“Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos” (Dn 9.24).

A palavra semana, no grego, é *shabuwa*. Segundo Strong, significa “sete, período de sete (dias ou anos), sétuplo, semana”. As setenta semanas são semanas de anos, ou seja, setenta vezes sete, o que equivale a quatrocentos e noventa anos.

Os dias dessas semanas são equivalentes a anos, como nos exemplos abaixo:

“Decorrida a semana desta, dar-te-emos também a outra, pelo trabalho de mais sete anos que ainda me servirás” (Gn 29.27). “Contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos, de maneira que os dias das sete semanas de anos te serão quarenta e nove anos” (Lv 25.8). “Segundo o número dos dias em que espiastes a terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniquidades quarenta anos e tereis experiência do meu desagrado” (Nm 14.34). “Quarenta dias te dei, cada dia por um ano. Voltarás, pois, o rosto para o cerco de Jerusalém, com o teu braço descoberto, e profetizarás contra ela” (Ez 4.7).

Quanto a Daniel 9.24, acima citado, trata-se de um resumo dos objetivos da profecia. Segundo o pré-milenismo, a profecia tem sua consumação efetiva na volta de Cristo para o reino milenar. E, de acordo com o pós-milenismo, a profecia já terminou com o ministério terreno de Jesus, e o Milênio já começou.

De qualquer forma, as setenta semanas antecedem o Milênio.

O verso 24 informa os objetivos a serem atingidos durante as setenta semanas:

- 1) fazer cessar a transgressão;
- 2) dar fim aos pecados;
- 3) expiar a iniquidade;
- 4) trazer a justiça eterna;
- 5) selar a visão e a profecia;
- 6) ungir o Santo dos Santos.

De acordo com o pré-milenismo, alguns desses objetivos ainda não se cumpriram. Isto significa que as setenta semanas ainda não terminaram.

Fazer cessar a transgressão.

Jesus possibilitou cessar a transgressão para os que não vivem pela lei:

“Porque a lei suscita a ira; mas onde não há lei, também não há transgressão” (Rm 4.15).

No entanto, ainda existem muitas pessoas que se baseiam pela lei.

Dar fim aos pecados.

Jesus perdoa nossos pecados, mas eles ainda existem. As pessoas continuam pecando, até mesmo os próprios convertidos.

“Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós” (1Jo 1.8).

O pecado só terá fim quando tivermos nosso corpo glorificado.

Expiar a iniquidade.

Jesus expiou a iniquidade dos eleitos, mas ela ainda existe no meio não evangélico:

“E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos” (Mt 24.12).

A iniquidade se multiplicará no futuro.

Trazer a justiça eterna.

Ainda existe muita injustiça. Até mesmo aqueles que são chamados de justos cometem injustiças às vezes. Trazer a justiça eterna só se cumprirá quando de fato não existirem mais injustiças, no fim dos tempos.

Selar a visão e a profecia.

Muitas profecias ainda faltam serem cumpridas. Ainda há visões e profecias sendo feitas nos dias de hoje:

“A outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las” (1Co 12.10).

Selar a visão e a profecia significa que as visões e as profecias não serão mais necessárias.

Ungir o Santo dos Santos.

Significa consagrar o Santo Lugar no templo futuro, que se tornará o centro de culto e adoração no Milênio. Isto também ainda não se cumpriu.

O fato da profecia de Daniel 9.24 não ter se cumprido integralmente nos obriga a entender que as setenta semanas ainda não terminaram.

O pós-milenismo, por sua vez, assegura que todos esses objetivos já foram alcançados. Mas o interessante é que **Israel**, que é alvo da profecia, não se beneficiou com exatamente nenhum deles! O pós-milenismo, utilizando o método alegórico/simbólico de interpretação, consegue dar justificativas de que todos os requisitos acima já tenham se cumprido de alguma forma.

Todavia, se eu também utilizar o simbolismo, como de fato usei um pouco, igualmente é possível enquadrar todos

esses objetivos no futuro. O simbolismo pode fazer qualquer coisa!

Na verdade, os três primeiros quesitos descritos no versículo já tiveram seu cumprimento na primeira vinda de Cristo. Os três últimos se cumprirão apenas na Sua volta. Releiam e verão que empreguei linguagem simbólica para desviar o sentido dos três primeiros quesitos, fazendo o leitor pensar que faltam serem cumpridos. Fiz isto de forma tão sutil, que muitos não o perceberam.

Então, deixando de lado o método simbólico, que para nada serve, senão para engodar, camuflar e se esquivar, passemos a estudar as datas. As primeiras sete semanas começam com a saída da ordem para restaurar Jerusalém:

“Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos” (Dn 9.25).

Quando de fato saiu ordem para edificar Jerusalém? Há três possíveis datas para isto.

538 a.C.

Nesse ano, surgiu o decreto do rei Ciro para edificar o templo. Foi justamente no ano em que Daniel recebeu a profecia das setenta semanas. Isto foi logo após terminarem os setenta anos do cativeiro babilônico (Ed 5.13; 6.3; Dn 9.1,2).

O templo foi reconstruído por Zorobabel, predecessor de Esdras, desde 536 a.C. até 516 a.C. (Ed 3.8; 6.14-16). Coincidentemente, a data da conclusão foi setenta anos depois da destruição do templo (Jr 39.2; 52.12; 2Rs 25.8,9).

Mas a data do decreto do rei Ciro para edificar o templo, feito no ano 538 a.C., não é bem aceita como a data da profecia. Há duas razões bíblicas para isto. A primeira é que estamos falando da construção apenas do templo, e não da cidade:

“Porém, no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, por boca de Jeremias, despertou o Senhor o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá; quem entre vós é de todo o seu povo, que suba, e o Senhor, seu Deus, seja com ele” (2Cr 36.22,23). “Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus

dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém de Judá” (Ed 1.2). “No segundo ano da sua vinda à Casa de Deus, em Jerusalém, no segundo mês, Zorobabel, filho de Sealtiel, e Jesua, filho de Jozadaque, e os outros seus irmãos, sacerdotes e levitas, e todos os que vieram do cativeiro a Jerusalém começaram a obra da Casa do Senhor e constituíram levitas da idade de vinte anos para cima, para a superintenderem” (Ed 3.8). “Perguntamos aos anciãos e assim lhes dissemos: Quem vos deu ordem para reedificardes esta casa e restaurardes este muro? [...] Esta foi a resposta que nos deram: Nós somos servos do Deus dos céus e da terra e reedificamos a casa que há muitos anos fora construída, a qual um grande rei de Israel edificou e a terminou [...] Porém Ciro, rei da Babilônia, no seu primeiro ano, deu ordem para que esta Casa de Deus se edificasse [...] E lhe disse: Toma estes utensílios, e vai, e leva-os ao templo de Jerusalém, e faze reedificar a Casa de Deus, no seu lugar. Então, veio o dito Sesbazar e lançou os fundamentos da Casa de Deus, a qual está em Jerusalém; e, daí para cá, se está edificando e ainda não está acabada. Agora, pois, se parece bem ao rei, que se busque nos arquivos reais, na Babilônia, se é verdade haver uma ordem do rei Ciro para edificar esta Casa de Deus, em Jerusalém; e sobre isto nos faça o rei saber a sua vontade” (Ed 5.9,11,13,15-17). “O rei Ciro, no seu primeiro ano, baixou o seguinte decreto: Com respeito à Casa de Deus, em Jerusalém,

deve ela edificar-se para ser um lugar em que se ofereçam sacrifícios; seus fundamentos serão firmes, a sua altura, de sessenta côvados, e a sua largura, de sessenta côvados, com três carreiras de grandes pedras e uma de madeira nova [...]

Não interrompais a obra desta Casa de Deus, para que o governador dos judeus e os seus anciãos reedifiquem a Casa de Deus no seu lugar. Também por mim se decreta o que haveis de fazer a estes anciãos dos judeus, para que reedifiquem esta Casa de Deus, a saber, que da tesouraria real, isto é, dos tributos dalém do rio, se pague, pontualmente, a despesa a estes homens, para que não se interrompa a obra [...]

Os anciãos dos judeus iam edificando e prosperando em virtude do que profetizaram os profetas Ageu e Zacarias, filho de Ido. Edificaram a casa e a terminaram segundo o mandado do Deus de Israel e segundo o decreto de Ciro, de Dario e de Artaxerxes, rei da Pérsia. Acabou-se esta casa no dia terceiro do mês de adar, no sexto ano do reinado do rei Dario. Os filhos de Israel, os sacerdotes, os levitas e o restante dos exilados celebraram com regozijo a dedicação desta Casa de Deus. Para a dedicação desta Casa de Deus ofereceram cem novilhos, duzentos carneiros, quatrocentos cordeiros e doze cabritos, para oferta pelo pecado de todo o Israel, segundo o número das tribos de Israel [...]

Celebraram a Festa dos Pães Asmos por sete dias, com regozijo, porque o Senhor os tinha alegrado, mudando o coração do rei da Assíria a favor deles, para lhes fortalecer as

mãos na obra da Casa de Deus, o Deus de Israel” (Ed 6.3,7,8,14-17,22).

Construir o templo não satisfaz a profecia das setenta semanas, a qual requer a construção da cidade de Jerusalém.

A segunda razão para desconsiderarmos que o decreto de Ciro seja o da profecia é que o ano 538 a.C. coincide com a data em que Daniel recebeu a profecia (Dn 9.1,2). Se é uma profecia, seu cumprimento deve ser futuro, e não presente.

458 a.C.

A data do decreto do rei Artaxerxes I, expedido em 458 a.C., dado ao sacerdote Esdras, é a mais considerada pelos teólogos como a data correta da profecia. Esta data localiza a chegada de Jesus exatamente no final da 69ª semana de Daniel. Basta somarmos a idade de Cristo, que nasceu no ano 5 a.C. (um ano antes da morte de “Herodes, o Grande”: Mt 2), e considerarmos que Seu ministério terreno durou aproximadamente três anos, visto que participou de três páscoas (Jo 2.13; 6.4; 13.1), a começar no décimo quinto ano do reinado de Tibério César (Lc 3.1). Jesus começou seu ministério com 30 anos (Lc 3.23).

Este cálculo atente às perspectivas “pré” e pós-milenistas, posto que ambas as teorias acreditam que a chegada do Messias ocorrerá no final da 69ª semana.

Há, porém, uma lacuna que necessita de explicação. A carta de Artaxerxes não ordenava a reconstrução de Jerusalém, mas apenas a ornamentação do templo, bem como a restauração do culto:

“Bendito seja o Senhor, Deus de nossos pais, que deste modo moveu o coração do rei para ornar a Casa do Senhor, a qual está em Jerusalém” (Ed 7.27).

Ornar, pelo léxico de Strong, significa glorificar, embelezar, adornar. E não nos baseemos somente no versículo 27, mas uma leitura do capítulo 7 inteiro seria bastante elucidativa, para constatar que não se trata da reconstrução de Jerusalém. Pelo menos, não de maneira literal.

445 a.C.

Esta é outra possibilidade para a data do início da profecia. Nela, Artaxerxes I deu a Neemias a ordem para restaurar Jerusalém:

“E disse ao rei: se é do agrado do rei, e se o teu servo acha mercê em tua presença, peço-te que me envies a Judá, à

cidade dos sepulcros de meus pais, para que eu a reedifique" (Ne 2.5).

É recomendável a leitura completa do capítulo 2 para se ter a certeza de que foi nesta data o decreto oficial para a reconstrução de Jerusalém e de seus muros.

Retomando a análise do início da profecia, Deus dividiu as primeiras sessenta e nove semanas em dois grupos: um de sete e um de sessenta e duas. O final das primeiras sete semanas provavelmente indica o término da reconstrução da cidade. Algum motivo teve para essa divisão.

Agora, um fato muito importante: o final 69ª semana se refere ao aparecimento do Messias:

"Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos" (Dn 9.25).

O versículo indica o momento em que Jesus se manifestou ao mundo. Cronologicamente, o cálculo matemático aponta para isto.

Mas a controvérsia não está nas primeiras semanas da profecia, e sim na última.

“Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas. Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele” (Dn 9.26,27).

Há aqui infindáveis provas de que existe um intervalo entre as duas últimas semanas. Começemos observando que o versículo 27 afirma que o Ungido morrerá depois da 69ª semana, mas não necessariamente na 70ª semana. Isto não é exigido pelo texto. Senão estaria escrito que o Ungido morreria durante última semana, e não depois da penúltima.

Podemos localizar o começo da 70ª semana na frase:

“... e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário” (Dn 9.26b).

Em qual momento da época de Jesus alguém destruiu alguma cidade? Em nenhum! Somente muito simbolismo teria o poder de alocar a frase acima ao ministério terreno de Jesus.

A única cidade que foi destruída foi Jerusalém, várias décadas depois da 69ª semana. Se foram várias décadas, não se enquadra dentro de sete anos. E é por isto que não se pode afirmar que a última semana está unida à penúltima. Há um intervalo entre a 69ª semana e a destruição de Jerusalém.

Na verdade, a última semana se cumpriu na primeira Guerra Judaico-Romana (66 d.C. a 73 d.C.). Nela Tito destruiu a cidade e o santuário.

Daniel profetizara fatos que já aconteceram no nosso passado. As mesmas profecias tratam simultaneamente de outros fatos que se repetirão no futuro. É a Lei de Referência Dupla, que define profecias que são cumpridas mais de uma vez. Há uma analogia da destruição de Jerusalém com a Grande Tribulação de sete anos.

O Apocalipse, do mesmo modo, profetiza estes acontecimentos. São eles basicamente: a aparição da besta e a vinda de Cristo. A besta representa simbolicamente o Império Romano, que surgiu há dois mil anos e voltará a dominar o mundo no futuro. Cristo também veio há dois mil anos, e virá novamente depois da aparição da besta.

Se observarmos o restante do livro de Daniel, na passagem do capítulo 11 para o 12 acontece a mesma coisa. O profeta começa narrando fatos já ocorridos no passado, como a

vitória da Grécia sobre a Pérsia, as batalhas gregas, e termina descrevendo fatos do fim dos tempos. E isto ajuda a comprovar que existe uma ponte que liga o Império Romano com a besta do futuro, deixando um intervalo de dois milênios.

O final do capítulo 11 narra fatos sobre Antioco Epifânio e a besta. Na sequência, o texto diz:

“Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro. Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno” (Dn 12.1,2).

“Nesse tempo”, isto é, no tempo de Antioco Epifânio, levantar-se-á Miguel (1Ts 4.16a), ocorrerá a Grande Tribulação e também a ressurreição dos mortos. Sabemos que nada disto ocorreu no tempo de Epifânio. Portanto, são profecias que tomarão lugar no futuro.

No que diz respeito ao fim dos tempos, quando Daniel teve a visão do carneiro, do bode e do chifre que cresceu até atingir o exército dos céus, Gabriel lhe explicou que isto se referia ao tempo do fim:

“Veio, pois, para perto donde eu estava; ao chegar ele, fiquei amedrontado e prostrei-me com o rosto em terra; mas ele me disse: Entende, filho do homem, pois esta visão se refere ao tempo do fim [...] e disse: Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira, porque esta visão se refere ao tempo determinado do fim [...] A visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira; tu, porém, preserva a visão, porque se refere a dias ainda mui distantes” (Dn 8.17,19,26).

De maneira alguma podemos entender que a época de Antíoco IV Epifânio é o tempo do fim. Por isto, a profecia aponta para a besta apocalíptica. O pós-milenismo afirma que o ministério terreno de Jesus marca o tempo do fim. Afirmar por afirmar é fácil! Porém, falta provar. A época de Jesus não tem nada de fim. É ali que as coisas começam, não terminam.

Por isto é importante compreendermos que existe uma ponte temporal no cumprimento das profecias de Daniel, atinentes à besta. Tal elo faz analogia entre a destruição de Jerusalém e a Grande Tribulação.

O príncipe do versículo 26 (das setenta semanas) é Tito, que destruiu Jerusalém no ano 70 d.C. Nesse ano ele ainda não era imperador. Por isto foi chamado de príncipe. Era filho do imperador Vespasiano e recebeu o comando do exército,

dirigindo o cerco de Jerusalém. Recebeu ordem de seu pai para destruir a cidade.

E, no versículo 27, tal príncipe passa a protagonizar a besta futura. De acordo com o versículo 27, o príncipe enganará muitos judeus durante três anos e meio, que são exatamente a metade de uma semana de anos. Esta é a septuagésima semana, ou seja, a Grande Tribulação de sete anos. Ao chegar na metade da semana, o príncipe se revelará como a besta, fará cessar o culto a Deus e perseguirá os servos do Senhor.

O pós-milenismo nega a presença de Tito na última semana. Também substitui a figura da besta pela de **Jesus**, em Daniel 9.26!

“Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas” (Dn 9.26).

“Ungido” é a forma hebraica de “Messias”. Porém, surge um príncipe **depois** da morte de Cristo. É Tito, figura da besta. Tal príncipe não é o mesmo do versículo anterior. Sabemos disto porque ele aparece depois da morte do Ungido. Além disso, ele destruirá a cidade e o santuário na primeira metade

da semana. Haverá guerras e desolações. Estas obras não foram feitas por Jesus.

Ainda em tempo, vejamos que o versículo 26 afirma a que o povo de um príncipe destruirá a cidade. Mas que príncipe? Jesus, ou Tito?

Se fosse Jesus, o verso 26 deveria estar assim:

“Será morto o Ungido e já não estará; e Seu povo destruirá a cidade e o santuário”.

Mas a verdadeira grafia do versículo é esta:

“Será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário”.

Então a análise gramatical não permite que o príncipe seja Jesus, mas um personagem posterior.

Além disso, pela averiguação histórica, percebemos que Jerusalém foi destruída pelos romanos, e não pelos judeus. Portanto, o povo de um príncipe que destruiu a cidade é o povo de um imperador romano, e não o de Jesus, que é judeu.

Vejamos agora o último versículo:

“Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele” (Dn 9.27).

Alguém fará aliança com muitos por sete anos, mas a quebrará na metade do período. Essa pessoa é chamada pelo pronome “ele”. Quem é “ele”? Há quatro alternativas:

- 1) O Ungido.
- 2) O povo do Ungido.
- 3) O príncipe.
- 4) O povo do príncipe.

Tal pronome deve se referir ao sujeito mais próximo. Sintaticamente, pode ser o príncipe, ou o povo do príncipe. Mas, jamais poderia ser o Ungido ou o povo do Ungido. Trazendo o significado para o pensamento do autor, o pronome “ele” se refere ao príncipe, o qual fará uma aliança de sete anos, e a descumprirá na metade do período.

Tendo o conhecimento disto, sabemos que quem fez cessar o sacrifício foi o príncipe, através da força, e não o Ungido, através de Sua morte expiatória. O Ungido foi mencionado nos versículos 24 - 26a. Mas é gramaticalmente impossível que Ele tenha participação nos versículos 26b - 27.

Além disto, os sacrifícios não cessaram no ano da morte de Jesus, mas continuaram até o ano 70 d.C. Portanto, está provado que a 70ª semana se refere a fatos futuros em relação ao tempo de Jesus.

Oportunamente, ressalta-se que o versículo 27 afirma que o assolador terá seu fim ainda na 70ª semana.

“... sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele” (Dn 9.27).

Esse assolador, que veio sobre a asa das abominações, **não** encontrou sua destruição na época de Jesus. Porque isto não se refere, nem a Cristo (pois Ele não é assolador, tampouco foi destruído), nem aos que O mataram (pois todos continuaram impunes, não foram destruídos naquela época). Não se refere nem mesmo aos imperadores romanos, pois Nero, Vespasiano e Tito não foram derrotados no final da 70ª semana. Por isto se conclui que o cumprimento da profecia das setenta semanas se prolonga para a Grande Tribulação. E quem derrotará o assolador é o próprio Jesus Cristo:

“Nos dias destes reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo

subsistirá para sempre” (Dn 2.44). Sonho de Nabucodonosor sobre a estátua gigante.

“Eu olhava e eis que este chifre fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles, até que veio o Ancião de dias e fez justiça aos santos do Altíssimo; e veio o tempo em que os santos possuíram o reino” (Dn 7.21,22). Sonho de Daniel sobre os quatro animais.

“Por sua astúcia nos seus empreendimentos, fará prosperar o engano, no seu coração se engrandecerá e destruirá a muitos que vivem despreocupadamente; levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrado sem esforço de mãos humanas” (Dn 8.25). Visão de Daniel sobre o carneiro e o bode.

“Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com ele” (Ap 17.14). *“E vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo e contra o seu exército. Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre”* (Ap 19.19,20). Batalha do Armagedom.

“Então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda. Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos” (2Ts 2.8-10). Batalha do Armagedom.

Então o cumprimento da 70ª semana só chegará à sua plenitude quando Jesus destronar a besta futura. Isto não ocorreu na época de Cristo, nem durante a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Voltando ao texto base, não se pode atribuir à Pessoa de Cristo os atos de Daniel 9.27. Jesus não quebrou aliança com ninguém, nem na metade da 70ª semana, nem nunca! Todas as alianças feitas pelo Messias com Israel são eternas.

E, se observarmos mais atentamente a natureza das obras praticadas pelo príncipe, seríamos irresponsáveis, se ousássemos dizer que são de Cristo: destruir a cidade e o santuário, transformando-os num dilúvio, fazer guerras, trazer desolações, quebrar aliança, fazer cessar o sacrifício e a oferta de manjares, ser abominável e assolador. Dizer que Jesus fez tudo isto é blasfêmia!

Os teólogos pós-milenistas canalizam esforços para encontrarem uma forma de afirmar que todas as coisas citadas acima são obras de Jesus, ou referentes ao apedrejamento de Estêvão. Apela para a interpretação simbólica. Estrebucham os versículos, distorcem a Bíblia toda e não conseguem satisfazer essa busca.

Mas, se as primeiras 69 semanas tiveram seu cumprimento literal, obrigatoriamente a última também necessita ser literal. Por que deveríamos atribuir tanto simbolismo à 70ª semana, se as outras 69 tiveram seu cumprimento literal?

Portanto, é frívola a tentativa de encontrar simbolismo no texto, a fim de atribuí-lo a Cristo. Sobretudo, é muito perigoso manipular as Escrituras até o ponto de confundir Jesus com a besta, unicamente para defender uma teoria!

Voltando à análise das 70 semanas de Daniel, observe que, na metade da última semana, a aliança será quebrada e será instituído o abominável da desolação:

“Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele” (Dn 9.27).

Jesus também explicou sobre este fato:

“Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes” (Mt 24.15,16).

Jesus citou as palavras e o nome de Daniel, contando os fatos como profecia. Em outras palavras, o tempo do cumprimento é futuro em relação àqueles dias. Na ocasião, Jesus respondia à pergunta dos discípulos sobre os sinais de Sua vinda, e não de Sua partida. Portanto, não se refere ao ministério terreno de Jesus, mas sim à assolação de Jerusalém no ano 70 e à Grande Tribulação.

Além disso, o abominável da desolação é uma referência nata à segunda metade da Grande Tribulação. Acompanhe a continuação da explanação de Jesus:

“Quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado; porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais. Não tivessem aqueles dias

sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados” (Mt 24.17-22).

O período descrito acima menciona tempos difíceis, nos quais a Grande Tribulação se desenvolve. Foi o próprio Mestre quem disse que o abominável da desolação corresponde à Grande Tribulação. De maneira alguma podemos pensar que os tempos difíceis e o abominável da desolação tratam da atuação de Jesus aqui na Terra, após João Batista. Também não é possível teorizarmos que o ministério de Jesus faz analogia com a vinda de Tito. Este trouxe juízo de Deus e a destruição de Jerusalém. Mas Jesus trouxe o evangelho do amor e da fé para o mundo todo.

Ainda falando do abominável da desolação, se repararmos bem, veremos essa ideia nitidamente explícita abaixo, o que prova que a tirada do sacrifício diário **não** tem relação com a substituição do sacrifício de Cristo. É, antes, uma obra diabólica, através da proibição dos sacrifícios feitos pelos judeus. Por favor, leiam todo o texto, e não apenas a parte sublinhada:

“Então, o homem vil tornará para a sua terra com grande riqueza, e o seu coração será contra a santa aliança; ele fará o que lhe aprouver e tornará para a sua terra. No tempo determinado, tornará a avançar contra o Sul; mas não será

*nesta última vez como foi na primeira, porque virão contra ele navios de Quitim, que lhe causarão tristeza; voltará, e se indignará contra a santa aliança, e fará o que lhe aprouver; e, tendo voltado, atenderá aos que tiverem desamparado a santa aliança. **Dele** sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora. Aos violadores da aliança, ele, com lisonjas, perverterá, mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo” (Dn 11.28-32).*

Antioco IV Epifânio, protagonista do texto acima, é figura da besta. A aliança será quebrada na metade da semana, e instituída a abominação desoladora. A abominação desoladora não é da parte de Cristo. E o sacrifício diário será tirado por força demoníaca, após a quebra da aliança com os Judeus, e não por Jesus. O personagem em questão é um homem vil, que se indignará contra a santa aliança. Repare no texto acima que a pessoa que tirará o sacrifício é a mesma que profanará o santuário e estabelecerá a abominação desoladora. E tudo isto está na mesma frase. É impossível que as obras da 70ª semana tenham cumprimento no ministério terreno de Jesus!

No capítulo 8 de Daniel também encontramos informações sobre isto:

*“Sim, engrandeceu-se até ao príncipe do exército; **dele** tirou o sacrifício diário e o lugar do seu santuário foi deitado abaixo. O exército lhe foi entregue, com o sacrifício diário, por causa das transgressões; e deitou por terra a verdade; e o que fez prosperou. Depois, ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quando durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados? Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (Dn 8.11-14).*

O texto assegura que o sacrifício diário foi tirado **do** Príncipe **pela** besta. Não foi Jesus quem aboliu o sacrifício diário, por meio do sacrifício de Seu próprio corpo na cruz. Foi aquele que se engrandeceu até ao Príncipe do exército, deitou o santuário abaixo, cometeu transgressões e deitou por terra a verdade.

O pós-milenismo quer desfazer a crença de que a Grande Tribulação durará especificamente sete anos, e que ainda se cumprirá no futuro. Mas Daniel, como profeta, afirmou que a última semana representa sete anos literais, e que, na metade dela, a ordem será alterada. A última metade da semana corresponde à pior parte da Grande Tribulação. É nela que a besta manifestará sua verdadeira face ao mundo.

Há outros textos, além de Daniel e Mateus 24, que comprovam isto:

“E adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta; também adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela? Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias e autoridade para agir quarenta e dois meses” (Ap 13.5).

Quarenta e dois meses equivalem a três anos e meio, que é a metade de uma semana de anos. Está óbvio que a besta, a personificação do diabo, reinará na 70ª semana.

“Proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade dum tempo” (Dn 7.25).

Cada tempo corresponde a um ano, perfazendo a soma de três anos e meio (Dn 4.32; 11.13). A pessoa presente no texto, embora finja apoiar os judeus na primeira metade, posicionar-se-á contra o Altíssimo e Seus santos na segunda metade da Grande Tribulação. Isto não ocorreu no ministério terreno de Jesus. Não podemos confundir nosso Senhor com o personagem da 70ª semana.

A Bíblia ainda foi bem expressiva, quando separou os três tempos, falando um de cada vez. De acordo com a maneira judaica de calcular, três anos juntos precisariam do acréscimo de um mês, o que tornaria o período total de 1290 dias, ao invés de 1260. Por isto, foi mencionado um tempo separado de dois tempos, a fim de ser categórico e exato.

“Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro [...] Ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a mão direita e a esquerda ao céu e jurou, por aquele que vive eternamente, que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão” (Dn 12.1,7).

Mais uma vez, encontramos acima a duração de três anos e meio para a Grande Tribulação, tempo de angústia, qual nunca houve, desde que existe nação.

“Mas deixa de parte o átrio exterior do santuário e não o meças, porque foi ele dado aos gentios; estes, por quarenta e dois meses, calcarão aos pés a cidade santa. Darei às minhas

duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco” (Ap 11.2,3).

Os gentios calçarão a Cidade Santa por três anos e meio. E as duas testemunhas profetizarão por este mesmo tempo, antes de serem mortas pela besta.

“A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias. Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos [...] E foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse até ao deserto, ao seu lugar, aí onde é sustentada durante um tempo, tempos e metade de um tempo, fora da vista da serpente” (Ap 12.6,7,14).

A mulher, que muitos teólogos julgam ser Israel, fugirá para um abrigo onde terá sustento por três anos e meio. Lembremo-nos de que, quem não tiver a marca da besta não poderá comprar, nem vender, por todo o período de atuação deste anticristo. Sem poder comprar, nem vender, morrerá de fome qualquer que não tenha alimentos estocados. A visão de João fala da Grande Tribulação, além de outros assuntos. Só não fala da missão terrena de Jesus, nem de Tito. Não houve marca da besta na atuação de nenhum destes dois.

“Ele respondeu: Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim. Muitos serão purificados, embranquecidos e provados; mas os perversos procederão perversamente, e nenhum deles entenderá, mas os sábios entenderão. Depois do tempo em que o sacrifício diário for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá ainda mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias” (Dn 12.9-12).

O dia em que o sacrifício diário for tirado marcará o início da segunda metade da última semana de anos. Cada mês tinha uma duração de 30 dias no calendário hebraico. Desta forma, 1260 correspondem a três anos e meio. Mas bem aventurado o que permanece até a soma de 1335 dias. Depois da Grande Tribulação, alguns dias serão gastos para o desfecho de outras coisas, como, provavelmente, a duração da Batalha do Armagedom.

O mais curioso sobre a 70^a semana é a referência que ela faz a Antíoco IV Epifânio, o qual está localizado fora de tempo. A 69^a semana termina com a chegada do Messias, enquanto que o reinado de Epifânio (175 a 164 a.C.) ocorreu entre a 40^a e a 42^a semana.

No entanto, esse rei tem as características da besta, e é comparado a ela. Isto se nota lendo os dois últimos capítulos

de Daniel. O conteúdo desse trecho, a partir de 11.21, começa se referindo às batalhas e ações de Epifânio, e termina narrando a atuação da besta.

Foi o próprio Epifânio quem fez aliança e a quebrou (Dn 11.22,23,28,30), estabeleceu a abominação desoladora, destruiu Jerusalém (Dn 11.28,31) e se engrandeceu como um deus (Dn 11.36-38). Epifânio é uma referência simbólica à besta futura, embora não esteja na 70ª semana, nem em Roma.

Em todo o caso, o cálculo desse período de 42 meses, ou de 1260 dias, serviu para ilustrar que a 70ª semana tem aplicação na Grande Tribulação.

Mas aproveito a deixa para mostrar que essa contagem de dias também é útil para tirar o mérito de um certo cálculo seguido por alguns **pré**-milenistas, os quais substituíram o ano de 360 dias pelo de 365.

Foi adotado o ano 445 a.C. como data de início da profecia, fazendo a 69ª semana terminar no ano 32 d.C.

Porém, não podemos esquecer que o ano da profecia realmente possui apenas 360 dias. Isto pode ser observado associando Gn 7.11,24 com Gn 8.3,4. Além disto, a própria Grande Tribulação não é contada com anos de 365 dias, mas

sim de 360, como se observa acima. Então, se a 70^a semana possui anos de 360 dias, as outras 69 também. Deus escreveu a profecia para os hebreus da época. Portanto, ela deve ser compreendida segundo os parâmetros do calendário vigente no ano em que Daniel recebeu a profecia.

A despeito dos erros cometidos por vários teólogos “pré” e pós-milenistas e, diante de todas as premissas discutidas acima, convém concluir que o pré-milenismo mantém firme sua posição de que a 70^a semana faz referência a Tito, à besta e à Grande Tribulação futura, mas não a Jesus, nem ao apedrejamento de Estêvão.

A PRISÃO DE SATANÁS

Biblicamente falando, o diabo será (ou já está) aprisionado no abismo. Sabemos que não se trata de grades físicas. Não é preciso muita explicação para esclarecer que tal abismo é o próprio inferno, haja vista que a descrição do abismo em toda a Bíblia aponta tão somente para aquele lugar, quando admite significado simbólico. Porque, quando o significado de abismo é literal, refere-se a oceanos, rios, lagoas, ou até mesmo lençóis freáticos. E não é este o caso.

Um fato que auxilia na identificação do Milênio é a data da prisão de Satanás. Como a Bíblia afirma que ele permanecerá preso durante os mil anos, é crucial entendermos quando se dará essa prisão, para identificarmos a data do começo do reino milenar. Se Satanás for aprisionado somente após a vinda de Cristo, estará de acordo com o pré-milenismo. Se, porém, ele já está aprisionado, concorda com o pós-milenismo.

Primeiramente, é interessante observarmos que a prisão do diabo ocorrerá depois da vitória sobre a besta, a qual,

já foi inferido acima que é um personagem futuro, que se revelará no fim dos tempos:

*“Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre. Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes. **Então**, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos” (Ap 19.20 – 20.2).*

Exatamente depois que a besta foi lançada viva no Lago de Fogo, o anjo aprisionou Satanás. O texto não sofre interrupção entre a narrativa dos dois fatos. Considere também que, na época em que a Bíblia foi escrita, não existia a divisão de capítulos. Nem ao menos a pontuação fora inventada, o que reforça ainda mais a ligação entre os versículos.

Outro fato importante a ser apreciado é que, além das frases não estarem separadas por um ponto, ou por capítulos, estão unidas pela a palavra “então”, que faz uma ponte entre elas. No grego o vocábulo é *kai*, que funciona como uma conjunção. Conjunção é a palavra que liga duas orações ou

termos de mesma função na oração. Segundo Strong, *kai* é uma partícula primária, que tem uma ação aditiva e, algumas vezes, também uma força acumulativa. *Kai* também foi traduzido por “e” em outras versões bíblicas, as quais estão corretas. Desta forma, é seguro afirmar que a palavra “então” une a narração da derrota da besta com a da prisão do diabo, como sendo fatos sequentes.

Tendo consciência disto, podemos concluir que a prisão do diabo só ocorrerá depois da atuação da besta, a qual já foi provado acima que ainda não veio.

E, mesmo que consideremos a improvável possibilidade da besta já ter vindo (na pessoa de Nero, ou Tito), ela surgiu depois da ressurreição de Cristo. Isto significa que a data da suposta besta é posterior ao dia em que o diabo foi aprisionado pela ascensão de Jesus. Isto fere a ordem cronológica do próprio pós-milenismo, que afirma que a prisão de satanás ocorreu antes do aparecimento de Tito. E o texto bíblico assegura exatamente o contrário: que Satanás só será preso após a manifestação da besta.

Agora identifiquemos a pessoa que prende o diabo:

“Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil

anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo” (Ap 20.1-3).

De acordo com o versículo, quem prenderá o diabo será um anjo. Segundo a teoria pós-milenista, entretanto, essa pessoa seria o próprio Jesus, cuja ressurreição teria aprisionado o diabo no abismo. A teoria justifica essa tese a partir da informação de que o anjo “carcereiro” tem a posse das chaves do *hades*. Para ela, o simples fato do anjo portar as chaves, é sinal claro de que ele seja Jesus, uma vez que é dEste a autêntica posse das chaves. Mas isto não é base suficiente para dizermos que o anjo seja Jesus.

E, se analisarmos bem, não é necessário que o anjo seja o dono das chaves. Ora, anjos são servos e cumprem ordens. A chave será dada ao anjo que cumprirá o simples papel de abrir a porta do abismo. Tal abertura será autorizada por Aquele que lhe dará a chave. Então segue-se que a real posse das chaves é de Deus e de Jesus, e não do anjo “carcereiro”, o qual será meramente o portador da chave.

Se observarmos o versículo anterior ao da sequência acima, lá está o verdadeiro Jesus.

“Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça [...] Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes” (Ap 19.11,21).

Os versículos que falam de Jesus e do anjo são vizinhos. Portanto, se fosse intenção do autor dizer que Jesus prendeu o diabo, ele poderia ter feito conexão com o versículo anterior e chamado tal anjo pelo mesmo nome que está lá, ou, até mesmo, usado o pronome “Ele”, para dar continuidade à narrativa. Mas, se não o fez, é uma prova de que queria mesmo retratar duas pessoas diferentes.

Note ainda que, enquanto Jesus estava na Terra terminando de lançar a besta no Lago de Fogo, o anjo carcereiro descia do céu.

“Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente” (Ap 20.1).

Se fossem a mesma pessoa, não faria sentido estarem na terra e no céu ao mesmo tempo. E assim, como não foi Jesus quem prendeu o diabo, tal prisão não ocorreu no dia da crucificação. O Apocalipse 20 não trata da crucificação de Jesus, mas de uma época totalmente diferente.

Resta apenas respondermos à questão: “O diabo já está preso no presente?” Vejamos o que a Bíblia diz sobre onde realmente ele está hoje:

“Nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência” (Ef 2.2). “Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6.12).

A carta aos Efésios foi escrita muito depois da ascensão de Jesus.

O príncipe deste século (o diabo) está nos ares, nas regiões celestes. Ele ainda possui a mesma liberdade de rodear a terra, assim como no tempo em que acusava Jó diante de Deus. Portanto, não está aprisionado no abismo ainda!

“E o Deus da paz, em breve, esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás. A graça de nosso Senhor Jesus seja convosco” (Rm 16.20).

Essa é uma profecia a ser cumprida no tempo do Milênio. Notem que o sentido do versículo é futuro ao tempo em que Paulo escreveu a carta aos Romanos. Tal tempo

ultrapassa ao prescrito pelo pós-milenismo para o dia do início do reino milenar. Para o pós-milenismo o anjo maligno deveria ter sido aprisionado desde a ressurreição de Jesus, e não em um tempo futuro ao de Paulo. Como assegura o versículo, Satanás ainda não está debaixo de nossos pés.

Provavelmente, o versículo mais usado para tentar provar que o diabo já está preso no abismo é este:

“Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós. Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo? E, então, lhe saqueará a casa” (Mt 12.28,29).

O versículo é muito vago e subjetivo em relação ao assunto tratado, mas é o melhor que o pós-milenismo tem sobre isto. De acordo com a interpretação sugerida, o diabo já está preso no abismo.

É inacreditável a falta de senso apresentada por esta interpretação! Eu pensava que já tinha visto de tudo nessa teoria, mas ainda me aparece mais esta!

Para situar o leitor, ilustremos o ocorrido naquele dia. Jesus estava curando muitos enfermos. Então algumas pessoas Lhe levaram um endemoninhado, cego e mudo.

Quando Jesus expulsou o espírito, o homem passou a falar e a ver. Mas os fariseus, ouvindo aquilo, acusaram Jesus de expelir demônios pelo poder de Belzebu.

Foi então que Jesus, para se defender, respondeu o que lemos acima, que um demônio necessita ser amarrado (vencido) para poder ser expulso. Por isto, não pode ser expelido por Belzebu, uma vez que são ambos da mesma equipe, e Belzebu não amarrará um dos seus. Em outras palavras, demônio não expulsa demônio, senão seu reino estará dividido (v. 26 e 27).

A frase do Mestre, portanto, deve ser entendida à luz da acusação feita pelos fariseus nos versículos anteriores. Mas, se alguém lê um trecho bíblico e ignora o contexto, está vedando os próprios olhos e tropeçando como um cego.

Além disso, há ainda mais duas outras observações importantes. A primeira é que o verbo “amarrar” está tratando de um simples **exorcismo**, e não de uma sentença de prisão milenar. E o exorcismo foi de um único espírito ou casta, e não de todos os demônios do inferno, incluindo Satanás.

A segunda observação é que Jesus não estava ensinando que o demônio seria amarrado para perder o poder de enganar as nações. A expulsão de um demônio não o deixa incapacitado de enganar e tentar o ser humano. Um demônio

expulso pode muito bem voltar e possuir outro corpo, ou até o mesmo corpo anterior. E esta informação pode ser encontrada no próprio capítulo do texto acima:

“Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra. Por isso, diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada. Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração perversa” (Mt 12.43-45).

O texto é claro e afirma que um demônio pode voltar a possuir o mesmo corpo, depois de expulso. E isto não demora mil anos. Pode acontecer no mesmo mês.

Considera-se, portanto, fracassada essa tentativa pós-milenista de crer que um simples exorcismo corresponde ao aprisionamento de Satanás no abismo até a volta de Cristo. Quando um demônio é expulso, tem a total liberdade de voltar a possuir corpos, assim que encontrar a oportunidade.

E o objetivo do aprisionamento de Satanás, que é impedi-lo de enganar as nações, não foi alcançado até o momento:

“Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo” (Ap 20.2,3).

Então a razão do aprisionamento não é impedir os demônios de possuírem corpos, mas impedi-los de enganarem as nações pelo período de mil anos. Quando um demônio é expulso, ele não deixa de enganar as nações. Assim, não atinge o objetivo predeterminado pela profecia.

E não tem nem lógica supor que o anjo do abismo aprisionou Satanás para que ele não possua corpos. Qual seria a importância ou relevância disto? Pelo amor de Deus, parem de crer que expulsar demônios equivale à prisão de Satanás no abismo! Deixem as infantilidades para as crianças das classes da escola bíblica dominical!

Como se pode ver, o diabo está bastante solto e, não só continua possuindo corpos, mas também enganando as nações, tanto os perversos, quanto os próprios filhos de Deus. Nem sequer os santos escapam de serem tentados pelo diabo. Como, pois, ousam dizer que ele está aprisionado, impedido de enganar as nações?

“Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5.8).

O diabo está solto, andando ao nosso derredor. E sua atuação é perigosa como a de um leão que procura alguém para devorar. Isto é tão grave que Pedro recomendou que sejamos sóbrios e vigilantes. Se realmente o diabo estivesse preso, Pedro teria dito:

“O diabo quer devorar-vos, mas não vos preocupeis, pois ele está preso e completamente inofensivo agora!”

Desta maneira, se o diabo não representasse perigo, o referido versículo nem precisaria estar na carta do apóstolo. Observe ainda que tal epístola foi escrita muito depois da ascensão de Cristo, data em que o diabo já deveria estar preso, se fosse verídica a teoria pós-milenista.

Aliás, a informação do versículo foi até óbvia, uma vez que todos sabemos que o diabo está solto, seduzindo os povos. A eficácia e o poder que o diabo possui para enganar as nações não sofreu nenhuma alteração após a morte de Cristo. A simples progressão na pregação do Evangelho pelo mundo não implica na necessidade de estar o demônio aprisionado. O Evangelho está se expandindo simplesmente pelo esforço da

igreja, a qual não existia antes da primeira vinda de Cristo. Mas, quanto ao poder do diabo, não houveram alterações.

Para tentar provar que a prisão de Satanás ocorreu desde a morte de Cristo, os pós-milenistas têm ainda um versículo bíblico:

“Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18).

Segundo eles, a Igreja não será detida pela mão de Satanás, pelo motivo dele estar amarrado. No entanto, a palavra inferno (*hades*), não faz referência ao diabo. Este é um personagem que não participou, nem de longe, da frase de Jesus. Com certeza, o Mestre nem se lembrava do diabo, quando pronunciou essa frase.

As portas do *hades* não devem ser entendidas como “os poderes do diabo”, como pressupõe a teoria pós-milenista. Elas significam a “morte”. A frase de Jesus é uma promessa de ressurreição. O diabo não tem poder algum sobre o *hades*. A interpretação correta do versículo é que a igreja não será detida pela morte, pois lhe está prometida a ressurreição e a vida eterna. As portas do “mundo dos mortos” não poderão segurar a igreja, pois ela ressuscitará. Deus é O autor da vida e, quem está com Ele, não teme a morte.

Sempre que a Bíblia faz menção às portas do hades, ou à vitória sobre a morte, está se referindo à ressurreição corporal, e não ao poder do diabo, como provaremos nos versículos abaixo. A ressurreição de Cristo tornou-O vencedor da morte. Em seguida, Jesus nos deu também parte nessa vitória, prometendo-nos a ressurreição.

“E Aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno [hades]” (Ap 1.18). “Ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela [...] porque não deixarás a minha alma na morte [hades], nem permitirás que o teu Santo veja corrupção” (At 2.24,27). “E manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho” (2Tm 1.10). “Sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele” (Rm 6.9).

Observe que, sempre que há a expressão “destruição da morte”, nos versículos acima, há também menção da ressurreição. É a ressurreição que se constitui vitória sobre a morte. E o mesmo sucede com os versos abaixo:

“Eu os remirei do poder do inferno [sheol] e os resgatarei da morte; onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno [sheol], a tua destruição? Meus olhos não veem em mim arrependimento algum” (Os 13.14). “E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1Co 15.54,55). “Tragará a morte para sempre, e, assim, enxugará o Senhor Deus as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a terra o opróbrio do seu povo, porque o Senhor falou” (Is 25.8).

A derrota da morte é a **ressurreição**. Por isto, quando se diz que as portas da morte não prevalecerão sobre a igreja, significa que ela ressuscitará. Não tem nada a ver com o diabo. Este nunca teve o poder de controlar quem entra ou quem sai do *hades*. O diabo não pode impedir ninguém de ser ressuscitado. Pelo que as aberturas das portas da morte não têm conexão com a prisão de Satanás.

A teoria pós-milenista, entretanto, lança um contra-argumento, o qual visa mostrar que o diabo está preso desde a morte de Cristo:

“Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para

que, por sua morte, destruisse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo” (Hb 2.14).

A pretensão pós-milenista é mostrar que o diabo foi destruído desde a morte de Jesus, e que possuía o poder da morte.

Analisando por partes, lembremo-nos que a teoria pós-milenista prega que a prisão de Satanás ocorreu em decorrência da ressurreição de Jesus, e não de Sua morte. Notamos aí a primeira divergência, pois o versículo acima afirma que a destruição do diabo se deu pela morte de Jesus. É bom ter uma data certa para cada coisa. O pós-milenismo tem que se decidir.

É sempre recomendável entendermos o objetivo do texto e do contexto, antes de tirarmos conclusões precipitadas. O autor de Hebreus fez questão de especificar que foi a morte de Jesus, e não Sua ressurreição, que destruiu o diabo. Porque foi pela morte que Ele se sacrificou e espiou nossos pecados. Assim atingimos a redenção, e assim não podemos morrer.

A palavra “morte”, constante no versículo, refere-se à morte espiritual, aquela que o diabo tem o poder de induzir. Porque nós vamos morrer fisicamente. Mas, quanto a morrer espiritualmente não, devido ao preço pago pela morte de Cristo. Então, assim como a ressurreição de Cristo nos traz a

possibilidade de ressurreição, Sua morte nos trouxe o livramento da morte espiritual.

E quanto à afirmação do versículo de que o diabo foi destruído? A palavra destruir é *katargeo*, cujo significado não é exatamente “destruir”. Significa, na verdade: paralisar; separar; tornar impotente, ineficaz. Portanto, o verbo “destruir”, empregado na tradução do texto, não implica em aniquilação. Trata-se de uma ação que não é corretamente traduzida pelo verbo destruir, uma vez que o diabo não morreu quando foi crucificado o corpo de Cristo.

Quanto a isto, estão conformes o pós-milenismo e o pré-milenismo. Ambas a teorias sabem que o diabo foi “destruído” no sentido de perder alguns poderes. Ele se tornou inoperante em algo, embora ainda esteja vivo.

O que difere nas duas teorias é qual poder ele perdeu quando foi “destruído” neste texto bíblico. Para o pós-milenismo, o diabo perdeu o poder de enganar as nações, concordando com a profecia de seu aprisionamento no abismo. Para o pré-milenismo o poder que ele perdeu foi o da morte. E isto está estampado no próprio versículo:

“... *destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo*” (Hb 2.14b).

Veja ainda, na continuação do versículo, que o poder da morte consiste unicamente na escravidão a que os homens estavam sujeitos pelo pavor da morte:

“E livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida” (Hb 2.15).

O poder do diabo, que foi destruído, é o de escravizar o homem pelo pecado, que leva à morte. O contexto está tão perto! Como eles não o perceberam? O poder que o diabo possui é o de influenciar os homens, através de tentações, para pecarem e, conseqüentemente, morrerem espiritualmente.

Antes da morte de Jesus, o homem estava sujeito ao diabo, ou seja, à escravidão do pecado. Mas agora a redenção de Cristo nos alcançou, tornando-nos livres do pecado e da morte. Isto, porém, apenas aos que creem, pois os incrédulos continuam sendo servos daquele a quem obedecem: o pecado (Rm 6.16).

Então a morte de Jesus não resultou no aprisionamento de Satanás no abismo, tornando-o incapaz de tentar o ser humano e de enganar as nações. O poder de enganar as nações ele ainda tem e continuará tendo até o dia em que o anjo do abismo o aprisionar de verdade. O que lhe foi tirado na ocasião da crucificação de Cristo foi o poder de

escravizar o homem pelo pecado, conduzindo-o à morte espiritual.

Sabemos que a ressurreição de Jesus representou a vitória sobre a morte, pois esta não O pôde conter por mais que três dias. O versículo seguinte traz esta ideia, e ajuda a explicar Hebreus 2.14:

“E manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho” (2Tm 1.10).

O verbo destruir, acima, também é *katargeo*. Seguindo essa lógica de pensamento, comprovamos que o que Jesus destruiu foi o poder da morte que tinha o diabo, e não o poder de enganar as nações. Assim, trouxe Jesus a vida e a imortalidade, cumprindo sua missão de salvar o ser humano. Mas o diabo ainda continua enganando as nações.

A mesma explicação pode ser dada a versículos como este:

“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3.15).

Trata-se de outro versículo manipulado para tentar defender o aprisionamento de Satanás durante a crucificação de Jesus.

É óbvio que, na cruz, Jesus foi vitorioso sobre Satanás. Mas daí a dizer que essa vitória significa que o diabo perdeu o poder de enganar as nações é um salto muito distante no entendimento de qualquer teólogo sério.

Os pós-milenistas se explicam dizendo que o reino de Jesus sobre a Terra é espiritual, e não político. Mas, mesmo que seja de forma espiritual, quem reina neste mundo é o diabo, o qual eles mesmos afirmam que está amarrado. O diabo reina espiritualmente hoje na Terra, e só reinará politicamente no futuro, por sete anos, pelas mãos da besta.

Não há razões lógicas para crermos que o reinado de Cristo já é presente, pois o mundo está claramente sendo governado por Satanás. Olhem em sua volta e vejam a impiedade, a maldade, as guerras, os homicídios e outros crimes hediondos que atestam o domínio de Satanás sobre a humanidade. E não é só pelo que vemos, pois a Bíblia também afirma a mesma coisa:

“Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o

mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus” (Ap 12.10).

“Agora veio o reino de Deus”. Isto significa que antes o reino não existia. O reino da Terra fora dado temporariamente ao diabo. Mas, tendo ele sido expulso, começa o reino de Deus.

“Agora, é o juízo deste mundo; agora, será expulso o príncipe deste mundo” (Jo 12.31). “Já não falarei muito convosco, porque aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em mim” (Jo 14.30). “Do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado” (Jo 16.11).

O diabo já está julgado, mas continua sendo o príncipe deste mundo.

“Nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência” (Ef 2.2). “Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6.12).

Sempre que a expressão “este século” (*aion*) é encontrada na Bíblia, refere-se a todo o tempo presente até a vinda de Cristo. E o versículo acima diz que o diabo (trevas) é o

príncipe deste século. E isto, mesmo após a ascensão de Cristo, momento em que o diabo deveria estar amarrado, segundo o pós-milenismo. A epístola foi escrita pelo apóstolo Paulo, décadas depois da ressurreição.

“Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (2Co 4.4).

Satanás é o deus deste século, e isto significa que é ele quem reina no presente tempo.

Doravante atentemos outro argumento pós-milenista, que tenciona provar que o diabo já está preso:

“Agora, é o juízo deste mundo; agora, será expulso o príncipe deste mundo” (Jo 12.31).

Jesus falou que agora será expulso o diabo, que é o príncipe deste mundo. É comum a Bíblia utilizar essa forma de expressão, narrando fatos futuros, como se fossem se realizar agora. E isto aconteceu inclusive no próprio versículo acima, o qual diz:

“Agora, é o juízo deste mundo”.

Eu pergunto: o mundo já foi julgado? Não! O julgamento ocorrerá apenas no fim dos tempos. A palavra “agora” é relativa ao tempo que já passou, desde a fundação do mundo, em comparação com o tempo que falta para essas coisas acontecerem.

Vejamos mais exemplos:

“Eis que vem a hora e já é chegada, em que sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só; contudo, não estou só, porque o Pai está comigo” (Jo 16.32).

Esta afirmação foi dita muito antes do momento em que os discípulos abandonaram Jesus, deixando-O só, ao ser preso. No entanto, relativamente ao tempo em que Jesus passou com eles, era propício dizer que a hora já era chegada, não obstante ainda estar longe.

“Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia” (Hb 12.22).

Ainda não chegamos à Jerusalém celestial e aos anjos. Apenas conquistamos o direito de fazê-lo.

“Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à

direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Mt 26.64).

Isto foi dito quando Jesus estava diante de Caifás, o sumo sacerdote, para ser julgado. O Mestre falou que desde agora os homens O veriam assentado em Seu trono, e vindo sobre as nuvens. É uma clara referência à vinda de Cristo, a qual ainda não se realizou. Jesus nem tinha morrido ainda.

“E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos” (Rm 13.11).

Era o momento de despertarmos do sono, por estar a salvação mais próxima daquele tempo do que antes. Todavia, já passaram dois mil anos em relação ao tempo em que Paulo fez essa advertência, e tal salvação ainda não chegou. Quando se diz salvação, refere-se à consumação da mesma, pois Paulo estava falando com pessoas salvas. E, mesmo assim, disse que a salvação delas ainda não chegara.

Em suma, se adotarmos uma interpretação literal às afirmações acima, obteremos uma resposta confusa com relação ao tempo. E esta regra vale também para a afirmação de Jesus, quando disse: *“agora, será expulso o príncipe deste*

mundo”. Satanás não fora expulso naquela época, e nem ainda hoje.

Em suma, o pós-milenismo necessita convencer seus adeptos de que o diabo está preso, para poder continuar afirmando que o Milênio já começou. Se ninguém acreditar que Satanás está aprisionado no abismo, conseqüentemente, todos saberão que o reino milenar ainda não teve início.

Mas é uma tarefa muito difícil encontrar alguma maneira de demonstrar tal prisão na prática, uma vez que o diabo está fazendo a festa aqui na Terra. Ele não está colaborando nenhum pouco com a tentativa de crermos que ele está preso. Se a violência, a depravação e a atuação de seitas continuam operantes, sob qual aspecto o diabo está preso? Se dissermos que a violência está diminuindo, veremos que é uma mentira, pois o mundo nunca esteve tão violento. Se pensarmos que a depravação está menor hoje, também é um equívoco, porque há orgias, prostituições, homossexualismo, assédios, estupros, tal qual em Sodoma e Gomorra. Se apostarmos no crescimento do cristianismo pelo mundo, veremos também que as demais seitas crescem à mesma velocidade. Então nada mudou, e não existe nenhuma maneira de dizermos que o diabo está preso.

A condição bíblica de Satanás estar preso é cumprir o objetivo de não enganar as nações durante mil anos:

“Lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos” (Ap 20.3a).

O pós-milenismo tentou adequar sua teoria dizendo que, depois da morte de Jesus, o Evangelho passou a ser pregado a todo o mundo. Dessa forma, como antes a pregação salvífica era exclusiva ao povo hebreu, e como agora todos os gentios podem ouvir o Evangelho, significa que Satanás está amarrado e que não pode mais enganar as nações com suas mentiras. Segundo o entendimento pós-milenista, a verdade de Deus agora pode ser transmitida a todo o mundo, desmascarando a mentira. Com esta desculpa, tentam explicar o fato do diabo estar amarrado no início do Milênio, o qual, segundo eles, já começou.

É sério isso?! Não é todo dia que se encontra um argumento tão desconexo e insano como este! Quer dizer que, no Velho Testamento, o que impossibilitava a pregação do Evangelho a todo mundo era o poder do diabo, que sobrepujava o poder de Deus?! Coloquemos a mão na consciência e respondamos a nós mesmos com franqueza: o Evangelho não era pregado aos gentios porque o diabo não

permitia?! Então todos os profetas do Velho Testamento tentavam afoitamente anunciar o reino de Deus aos gentios, mas eram impedidos pelo diabo?! Mas é claro que não! Satanás nunca teve poder para fechar portas para Deus. Basta pensarmos um pouco, que veremos com clareza que o motivo da não propagação do Evangelho pelo mundo era porque Deus não queria. Não estava no plano dEle que isso acontecesse durante a dispensação da Lei.

Na verdade, o Evangelho não era propagado pelo motivo de Deus não ter enviado missionários, e não porque eles iam e voltavam fracassados, de mãos vazias. Quando Jesus, enfim, ordenou aos discípulos para pregarem por todo o mundo, o diabo não pôde contê-los, como nunca conteve antes. Por esta razão, não havia a menor necessidade de prender o diabo, a fim de que este não impeça a pregação do Evangelho. Porque o diabo nunca foi a causa da não difusão do Evangelho antes do aparecimento da igreja.

Resumidamente, não é que os profetas tentavam propagar o Evangelho a todo o mundo, mas não conseguiam. O motivo de não conseguirem é que nunca tentaram, porque nunca foram enviados antes.

E, analisando agora o mundo depois da morte de Cristo, não significa absolutamente que o diabo está de mãos atadas,

enquanto os missionários tentam anunciar o nome de Jesus pela superfície da Terra. Tentem pregar o Evangelho na Coreia do Norte, Somália, Iraque, Síria, Afeganistão, para ver se não sofrerão repressão! Afora estes, ainda há outros quase cinquenta países que não dão liberdade de credo e de religião.

Não que o poder diabo seja grande o suficiente para impedir a propagação do Evangelho nos dias de hoje, mas isto é uma prova de que ele está solto e de que tem forças para lutar contra isto. Pelo que exige a preparação prévia dos evangelistas para garantir que o Espírito Santo vá com eles. Assim, o motivo de um eventual fracasso está na falha humana, e não na suposta vantagem do poder do diabo sobre o poder Divino. De fato, os missionários conseguem pregar o Evangelho nos lugares mais perigosos do mundo, pois têm o amparo de Deus. Só não lhes é garantida a vida depois de fazerem isso, pois o diabo continua tentando matar os missionários. E assim, o diabo está solto e oferecendo muita resistência à pregação do Evangelho.

Então essa história de que o diabo está amarrado para possibilitar a propagação do Evangelho não passa de uma balela ridícula, inventada para tentar justificar a teoria de que o Milênio já começou desde a morte de Jesus.

O fato de o cristianismo estar crescendo não se constitui, de forma alguma, em prova de que o diabo está amarrado. O avanço da igreja por todo o mundo só começou no Novo Testamento porque, só então, o Evangelho passou a ser pregado.

“Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?” (Rm 10.14).

Logo, a única razão para o Evangelho estar sendo ouvido agora é que ele está sendo pregado (coisa que não acontecia antes), e não porque o diabo está hoje impossibilitado de resistir. Em primeiro lugar, ele resiste bastante. Em segundo, foi apenas no Novo Testamento que Jesus fundou a igreja, deu-nos o Espírito Santo e ordenou *“ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”*. Se Ele tivesse feito isso no Velho Testamento, certamente o Evangelho teria se expandido desde aquela época, independentemente de estar o diabo preso ou não.

E, se de fato o diabo está preso para não mais enganar as nações, seria coerente supor que as outras religiões pagãs não mais progridam, dando espaço à verdadeira religião, que é o cristianismo autêntico. Mas, tanto esta, quanto aquelas

religiões crescem em proporções equivalentes. O hinduísmo cresce, o budismo, o islamismo e até o catolicismo crescem.

Então que espécie de prisão é essa? A mentira ainda cresce e continua enganando as nações. Se o diabo não deixou de difundir as seitas, nem de possuir corpos, nem de propagar a violência, nem de promover depravações, orgias, sexualidade, que prisão é essa? Se o diabo ainda resiste ferozmente ao trabalho dos missionários, e ainda promove o crescimento de religiões pagãs, está diante de nossos olhos a prova cabal de que ele permanece tão solto quanto antes! A menos que se queira entender que esse amarrar seja gradativo: a cada mil anos, o anjo dá um nó na corda, até que, um dia, o diabo esteja completamente amarrado.

Ou então, digam-me o que mudou, pois eu não percebi nada! Em relação ao diabo, nada, nada mudou! O que mudou foi a atitude da igreja, a qual passou a existir e a pregar o Evangelho a toda criatura. O que mudou foi a descida do Espírito Santo. Isso sim, podemos considerar que foi a causa da expansão do Evangelho, e não o aprisionamento daquele cujo poder não se compara ao de Cristo.

E, quanto às possibilidades do diabo, voltemos ao âmago da questão. Permitir a propagação do Evangelho não é sinônimo de não enganar as nações. São duas coisas

completamente diferentes, pretensamente enredadas em um único contexto com o fim de mascarar a fraqueza da doutrina de um milênio antes da vinda de Cristo. O pós-milenismo não consegue explicar a prisão de Satanás de maneira convincente e fica dando respostas que, na verdade, não passam de desculpas camufladas de argumentos lógicos. Repito, permitir a propagação do Evangelho não é sinônimo de não enganar as nações!

A prisão de Satanás ocorrerá da exata forma em que foi descrita na Bíblia: ele ficará preso no abismo, impedido de enganar as nações. Não haverão tentações demoníacas, nem influências diabólicas às atitudes humanas. Desta forma, os pecados que houver durante o Milênio serão de proporções minúsculas.

A paz reinará plenamente em todo o mundo, não de forma gradativa, mas repentinamente, a partir do dia do aprisionamento. A Bíblia não ensina uma prisão parcial ou gradativa do diabo, como essa proposta pelo pós-milenismo, a qual passa ao nossos olhos imperceptivelmente. Quem viu alguma diferença na humanidade entre o dia em que o diabo estava solto e o dia em que supostamente foi preso? Ninguém! Não há diferença alguma. Nada mudou na violência, na crueldade e na perdição dos homens.

A única coisa que mudou em dois mil anos foram as leis mais racionais, impostas pelo sistema globalizado de informações. Tais leis garantiram melhor senso de justiça. Mas, até o século XIX, nenhuma diferença havia, desde dois mil anos atrás. O mundo continua afogado na perversidade e na promiscuidade. Ainda existem orgias, bebedices, assassinatos, violência, prostituição religiosa, em proporções até maiores do que antes.

O anjo não amarrará progressivamente o diabo ao longo de todo o Milênio. Este será completamente amarrado desde o início, pois será um ato instantâneo. E, quando isto finalmente ocorrer, automaticamente todos os ímpios cessarão repentinamente suas maldades. Ninguém mais roubará, nem cobiçará a mulher do próximo. Não haverá homicídios, nem ódio.

Não se enganem! Quando o diabo for realmente amarrado nós saberemos, independentemente de vermos chegado o dia predestinado, ou não. Isto será claramente visível, pois será repentino e notório a qualquer percepção humana. A diferença entre o diabo estar amarrado ou solto é imensa! O mundo notará claramente quando de fato Satanás for aprisionado, assim como notará quando o mesmo for solto.

Veja bem que os próprios pós-milenistas admitem que a libertação de Satanás ocorrerá em menos de 24 horas. Sua libertação causará um impacto repentino. Não será um acontecimento gradual, como o crescimento da igreja durante o suposto Milênio, o qual demorou dois mil anos e ainda demorará Deus sabe o quanto, para atingir a perfeição e a paz mundial.

A soltura de Satanás não demorará três mil anos para perverter a humanidade ao estado em que era. Será imediata a rebelião causada por ele em proporção mundial. Se relermos os versículos que narram sua soltura, veremos que, instantaneamente, ele congregará todo o mundo para rodear a Cidade Santa aparelhado para a guerra.

Então, se sua libertação terá efeitos imediatos, sua prisão também. Dessa forma, fica ilustrado o quanto é grande a diferença do poder do diabo, estando ele solto ou preso. E esta é uma forte evidência de que o mesmo ainda não foi amarrado, pois que nada mudou desde aquele dia.

QUANDO SERÁ A VITÓRIA SOBRE A MORTE

A teoria pós-milenista encontrou um fato que julga ser uma falha do pré-milenismo: a destruição da morte ocorreria antes do Milênio pré-milenista:

“Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda. E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés. O último inimigo a ser destruído é a morte” (1Co 15.23-26).

Os pós-milenistas afirmam que, após texto acima, a única coisa que acontecerá será a ressurreição e a eternidade, na qual a morte não terá domínio. Para eles, o pré-milenismo erra ao tentar alocar um milênio na sucessão dos referidos versículos, pois, como haveria Milênio sem morte?

Em outras palavras, o pós-milenismo afirma que a morte será destruída no dia da vinda de Cristo, o que antecederia o Milênio dos pré-milenistas. E isto seria inadequado, pois as pessoas não poderiam passar mil anos

sem morrer. Como o reinado se realizaria na Terra, é natural que os homens morram, o que não poderia acontecer se a morte já estivesse inoperante.

Mas, se lermos novamente os versículos, veremos que o texto não diz que a morte será destruída no exato dia da vinda do Senhor. Não há conexão entre o dia da vinda de Cristo e o dia da destruição da morte. Muito pelo contrário, lá está escrito que a morte será o último inimigo a ser destruído. E isto, segundo a Bíblia, ocorrerá depois do Juízo Final e depois que os ímpios forem lançados no Lago de Fogo:

“Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo” (Ap 20.13,14).

Então até o pré-milenismo crê que a morte será o último inimigo a ser destruído. Depois de todas os eventos do fim dos tempos, finalmente a morte será lançada no Lago de Fogo, onde não mais ameaçará a vida de ninguém.

Os pós-milenistas erram ao supor que o texto bíblico diz que a morte será destruída no dia da vinda de Cristo. Não é o que está escrito lá. Erram também quando imaginam que a expressão “então virá o fim” refere-se ao mesmo dia.

Essas alegações, ou se tratam de interpretações forçadas, para atender aos interesses de sua doutrina, ou realmente se tratam de ingenuidade. Observe que os versículos 22 e 23 dizem que, no dia da vinda de Cristo, haverá somente a ressurreição! Já o fim, retratado no versículo 24, dar-se-á depois que Jesus tiver entregado o reino a Deus e quando houver destruído todo principado. Em nenhum momento, o texto faz ligação entre o dia da ressurreição com o dia da derrota dos inimigos. A expressão “e então”, além de abrigar um espaço de tempo entre as duas frases, liga o momento do fim com o dia da derrota dos inimigos, e não com o dia da vinda de Cristo. Apenas no fim absoluto é que a morte será destruída, pois ela é o último inimigo a ser vencido.

O pós-milenismo insiste nesse argumento, quando lê o seguinte versículo:

“E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória” (1Co 15.54).

Segundo a interpretação pós-milenista, o versículo acima afirma que a morte já não existirá no momento do arrebatamento, onde os santos receberão corpos incorruptíveis. É verdade. Mas o texto deixa evidente que a morte já não mais

existirá unicamente **para os que receberem corpos imortais!** E isto não significa que não haverá mortes de outras pessoas depois daquele dia. Aqueles que forem ressuscitados terão vencido a morte. Os demais não!

A morte já fora vencida primeiramente por Jesus, quando ressuscitou. Mas, ninguém mais morreu depois da ressurreição de Jesus? É óbvio que sim. Significa que a vitória sobre a morte foi exclusiva dEle, que ressuscitou. Os outros que não ressuscitaram morreram e permanecem mortos até hoje, isto é, cativos pela morte. Outrossim, aqueles que forem ressuscitados e arrebatados também vencerão a morte, a seu tempo.

O que se quer enfatizar aqui é que os restantes continuarão morrendo, até o fim, pois a morte ainda não será destruída. A morte só ficará inoperante depois de todos os julgamentos. Mas a confusão reside no fato de o pós-milenismo entender que o Dia de Cristo abrigará todos os eventos do fim dos tempos. Mas isto já foi esclarecido em seu respectivo capítulo.

MIL ANOS LITERAIS?

Para o pós-milenismo, o Milênio não corresponde literalmente a mil anos, e sim ao tempo decorrido entre a ascensão de Jesus e Sua vinda, o qual pode demorar vários milênios.

Mas o que a Bíblia quer dizer com a expressão “mil anos”? Por que as Escrituras repetiriam tantas vezes tal expressão, se ela não fosse literal?

“Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo. Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a

primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos. Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão” (Ap 20.2-7).

Há de se convir que no próprio texto estão expostas figuras literais, como: anjo, Satanás, abismo, céu, almas, Jesus, nações, ressurreições e outros. Por que supor que a expressão “mil anos” não poderia ser igualmente literal? Qual regra da hermenêutica aprovaria a interpretação literal de todos os elementos do texto menos o da mensuração do tempo?

E, mesmo se isolássemos a expressão “mil anos”, não há permissão bíblica para interpretarmos simbolicamente tal número. Este é um recurso erroneamente utilizado pelos pós-milenistas para se desviarem dos textos bíblicos, cuja interpretação literal fere sua crença.

Entretanto, é necessário que existam vários exemplos bíblicos de que o número mil seja simbólico por essência, para que o intérprete tenha o direito de atribuir simbolismo aos mil anos do Milênio. Além disso, ainda que houvesse vários exemplos na Bíblia demonstrando a não-literalidade do número mil, as referências de Apocalipse não se enquadrariam

nestes casos, pois que repete de forma clara e lúcida o número mil. Que outro recurso os escritores teriam para mencionar um espaço de tempo de mil anos literais, caso a palavra “mil” não satisfaça essa condição? De forma que, ainda que os autores bíblicos quisessem relatar mil anos, não lhes seria possível, se partirmos do pressuposto de que a palavra mil nunca é literal.

Quanto à palavra “ano”, há 712 vezes a palavra ano/anos na Bíblia:

644 vezes: *shaneh*, hebraico.

7 vezes: *sh@nah*, aramaico.

14 vezes: *eniautos*, grego.

2 vezes: *perusi*, grego.

47 vezes: *etos*, grego, que é o mesmo vocábulo de Apocalipse 20.

A palavra “anos”, quando usada com um número, seja ele ordinal ou cardinal, **nunca** tem sentido simbólico em toda a Bíblia! Então é improcedente a tentativa de metaforizá-la somente no capítulo do Milênio.

Em vão procuram os teólogos pós-milenistas justificar o simbolismo dos mil anos através de outras partes simbólicas

do livro de Apocalipse. Enumeram vários fatos, descritos nas Revelações, que não podem ser interpretados literalmente, para tentar ridicularizar quem se atreva a interpretar os mil anos como mil anos. A exemplo, citam a aparência da besta, a visão do dragão no céu, o fato da besta surgir do mar e outros.

Mas o que importa isso? O que tem a ver o Milênio com a aparência simbólica da besta? Considerar similares textos tão distintos é o cúmulo de não saber contextualizar! Ninguém tem o direito de acreditar que o capítulo 20 seja simbólico apenas porque o capítulo 13 é, cujas histórias nem sequer coincidem. É um método vulgar e desonroso ficar procurando trechos simbólicos do Apocalipse, para assim adquirir o direito de interpretar simbolicamente quaisquer outras partes do livro. Por que não encaram o problema de frente, ao invés de utilizarem estratégias evasivas?

Que obrigação temos de interpretar todo o Apocalipse simbolicamente, apenas pelo fato de que algumas partes do livro são simbólicas?

Vejamos o que disse João:

“Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João” (Ap 1.1). “Disse-me ainda: Estas

palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer” (Ap 22.6).

A intenção do anjo era revelar (*apokalupsis*) e mostrar (*deiknuo*), e não mitificar, cobrindo tudo com o véu do mistério.

Apokalupsis significa “ato de tornar descoberto, exposto”. Este vocábulo aparece em 18 versículos bíblicos. Em **todos** os casos, expõe fatos literais.

Deiknuo significa “expor aos olhos, ou fornecer evidência ou prova de algo”. Este vocábulo aparece em 29 versículos bíblicos. Em **todos** os casos, expõe fatos literais.

Grande parte do conteúdo do Apocalipse é literal, exceto quando o texto mostra claramente que não é, empregando figuras para descrever a besta, o dragão, a mulher e outros. Cabe ao teólogo prudente discernir quais textos são literais e quais não são.

E, se quisermos confrontar a literalidade do contexto dos mil anos, pesquisemos os versículos mais próximos. Por que saltar para outros capítulos, como quem está fugindo da discussão?

Pois bem, veja como o texto é literal, se lermos o contexto correto. Abaixo está uma amostra da continuação imediata do trecho:

“E sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a peleja. O número dessas é como a areia do mar. Marcharam, então, pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu, porém, fogo do céu e os consumiu. O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos” (Ap 20.8-10).

Este é o verdadeiro contexto! E, como se pode ver, todo ele é literal. Portanto, o descrédito de considerar simbolicamente a palavra “mil” é um equívoco cometido apenas por teólogos menos experientes e menos compromissados com a razão.

A DATA DO COMEÇO DO MILÊNIO

A diferença crucial entre o “pré” e o pós-milenismo é a data, ou época, em que o Milênio ocorrerá. Para o pré-milenismo esse reino começará após a vinda de Cristo.

Entretanto, segundo o pós-milenismo, o reino já teve início após a ressurreição de Jesus. E a doutrina ilustra esse fato com os seguintes versículos:

“Daí por diante, passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mt 4.17).
E também: Mt 3.2; 10.7.

Fazendo uma análise completa, Jesus disse que o reino estava próximo. Mas Ele não especificou qual reino. E não podemos supor que toda vez que se diz reino, refere-se ao Milênio. O Senhor pode muito bem estar aludindo à nossa vida futura no lar celestial, o que até está implícito em Suas palavras, pois disse “reino dos céus”.

Em segundo lugar, a proximidade mencionada nos respectivos versículos pode ser em relação à distância entre Deus e nós, e não em relação ao tempo. O vocábulo original é

eggus, que pode significar, tanto proximidade de tempo, quanto de lugar e de posição. E o vocábulo *eggizo*, por sua vez, admite apenas o sentido de proximidade espacial, sendo que o sentido de tempo pode ser empregado de forma simbólica.

Em terceiro lugar, a Bíblia informa que até mesmo a vinda de Cristo e o fim dos tempos estão próximos. Porém, já se passaram dois mil anos e o Senhor ainda não voltou:

“E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos. Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz” (Rm 13.11,12). *“Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor”* (Fp 4.5). *“Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima”* (Hb 10.25). *“Sede vós também pacientes e fortalecei o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima”* (Tg 5.8). *“Ora, o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações”* (1Pe 4.7). *“Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo”* (Ap 1.3). *“Portanto, arrepende-te; e, se não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca”* (Ap 2.16).

“Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” (Ap 3.11). “Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro [...] Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo [...] E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras [...] Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.7,10,12,20).

Desde aquela época já era considerada próxima a vinda de Cristo e o dia do fim de tudo. Como nenhuma dessas coisas já ocorreu, outrossim não podemos deduzir que o Milênio já tenha começado, simplesmente porque estava próximo.

Para solucionar o impasse entre “pré” e pós-milenismo, atentemos no seguinte texto bíblico:

“E, comendo com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias. Então, os que estavam reunidos lhe perguntaram: Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel? Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua

exclusiva autoridade; mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.4-8).

Quando Jesus estava prestes a subir às nuvens, disse aos discípulos que aguardassem o cumprimento da promessa de receberem o Espírito Santo. Na ocasião, foi interrogado se naquele dia também seria restaurado o reino a Israel. Mas observem a resposta do Mestre:

“Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade”.

Em outras palavras, não seria naquele dia que Israel reinaria. Jesus respondeu nesses termos porque a resposta seria negativa, caso pudesse ser dada. Doutra sorte, Jesus teria dito: “sim”.

Porém, os pós-milenistas pregam que o Milênio já começou desde a morte de Jesus. Na verdade, nem têm data certa, pois fazem uma confusão quanto à verdadeira data do aprisionamento do diabo no abismo. Ora dizem que foi no dia em que o Espírito Santo veio à Terra, ora dizem que foi no dia em que Jesus foi crucificado, ora dizem que foi no dia de Sua ressurreição, ora dizem que foi no dia de Sua ascensão, ora dizem que o diabo já fora amarrado antes da morte de Cristo,

desde o dia em que Ele deu aos discípulos o poder de expulsar demônios.

Quando lhes convém, dizem que o Milênio já começou desde a crucificação, pois acreditam que a vitória de Cristo sobre Satanás na cruz não é outra coisa, senão o começo do reinado de Jesus. Como conseguem associar duas coisas tão distintas? Quando lhes convém, ensinam que a data de início do Milênio foi no dia em que Jesus subiu ao céu e começou a estabelecer seu reino lá. A descida do Espírito Santo pode fazer com que eles interpretem que o diabo foi aprisionado no abismo desde aquele momento, já que a Bíblia afirma que a sua prisão se dará no começo do Milênio.

E, a respeito do dia, Jesus falou que não nos compete conhecer a data em que Ele restauraria o reino a Israel. É notório, pois, o tamanho do equívoco em que se enredou a doutrina pós-milenista. Não é da nossa conta sabermos o dia do reinado milenar! Mas os pós-milenistas conhecem perfeitamente o dia, e afirmam que o reinado já começou!

“O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo: O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos. E os vinte e quatro anciãos que se encontram sentados no seu trono, diante de Deus, prostraram-se sobre o seu rosto e adoraram a

Deus, dizendo: Graças te damos, Senhor Deus, Todo-Poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e passaste a reinar. Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, tanto aos pequenos como aos grandes, e para destruíres os que destroem a terra.” (Ap 11.15-18).

Ao toque da última trombeta, o reino do mundo se tornou de Jesus. Significa que antes desse toque o reino não era dEle. O versículo 17 afirma que o Senhor passou a reinar naquele instante. A versão bíblica Tradução Brasileira transliterou da seguinte maneira: “*entraste no teu reino*”. O reino da Terra ainda não era de Deus até aquele momento. Mas em que momento, exatamente? O próprio texto acima o declara. Repeti-lo-ei aqui:

“As nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos”.

O referido tempo é o mesmo em que os mortos serão julgados, os justos serão galardoados e os destruidores serão destruídos. Em outras palavras, quando chegar o tempo do fim, será o momento em que Jesus passará a reinar.

Paulo também compartilha da mesma opinião:

“Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino” (2Tm 4.1).

Paulo informa que o reino de Jesus começará na ocasião de Sua vinda. E esta é uma clara referência à futura vinda de Cristo, e não à Sua ressurreição passada, porque:

- 1) A ressurreição de Jesus foi anterior à data da epístola em questão, enquanto que os tempos verbais estão no futuro.
- 2) O versículo informa que, quando Jesus vier com Seu reino, julgará vivos e mortos, o que só ocorrerá no futuro.

Portanto, no momento em que Jesus vier julgar vivos e mortos, reinará sobre a Terra.

Conclui-se, a partir dos textos bíblicos acima, que os pós-milenistas erraram três vezes. A primeira é porque Jesus disse que o Milênio **não** começaria no dia da descida do Espírito Santo. A segunda é que Apocalipse 11, e 2 Timóteo 4.1 asseguram que o reinado começará nos dias do fim, quando Jesus vier julgar vivos e mortos. A terceira é que o dia certo para isto é uma informação não disponibilizada à humanidade (At 1). Portanto, qualquer especulação de possível data para início do Milênio não passa de boato.

SOBREVIVENTES DA BATALHA DO ARMAGEDOM

A doutrina pós-milenista acredita ter encontrado uma lacuna no gráfico pré-milenista. Se é preferível adotar a interpretação literal, a Batalha do Armagedom exterminará todos os ímpios, não restando ninguém para entrar no reino milenar. E assim, o pós-milenismo questiona como o Milênio poderia ocorrer no futuro se não houver nações nele.

E utilizam este versículo para demonstrar que o Milênio terá a participação apenas dos salvos:

“Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Is 11.9).

Mas que coisa sem nexos! Quer dizer que o método utilizado para a Terra se encher do conhecimento do Senhor é matando todos ímpios?! Nenhum pré-milenista jamais concordaria com essa alternativa de interpretação! O sentido do versículo não indica, de maneira nenhuma, a aniquilação das nações não convertidas.

Além disso, “ter conhecimento do Senhor” não é sinônimo de “ser salvo”. Portanto, o versículo apresentado não fornece base para afirmar que as nações ímpias não conhecerão o Senhor.

Mas a controvérsia permanece, e o pós-milenista não pode concordar que uma interpretação literal ceda espaço para que a Batalha do Armagedom deixe escapar sobreviventes.

“Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre. Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes” (Ap 19.20,21).

Afora a besta e o falso profeta, que permanecerão vivos, os restantes serão mortos. Mas quais restantes? Os restantes do exército da besta, e não de todos os habitantes da Terra.

Veja o que diz o outro versículo:

“Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso” (Ap 19.15).

Jesus matará os rebeldes, mas também os regerá! Como regerá uma população de cadáveres? O verbo “reger”, que significa “reinar, governar,” está falando exatamente do reino milenar, pois não há outra oportunidade para que Cristo reine sobre eles se não for no Milênio. Portanto, nem todos morrerão, mas serão governados posteriormente por Jesus.

Considere que a batalha se estenderá somente no vale de Josafá, em Armagedom e em Jerusalém. Não será travada em toda a superfície do planeta, tampouco todos os 7 bilhões de humanos são soldados. Há mulheres, crianças e velhos que, com certeza, não estarão armados diante de Jerusalém.

O sangue da batalha não se estenderá por toda a Terra:

“O lagar foi pisado fora da cidade, e correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios” (Ap 14.20).

Mil e seiscentos estádios correspondem a 296 Km, que são, aproximadamente, três vezes a distância entre Jerusalém e a planície do Armagedom. Todas as nações da Terra não caberiam nesse espaço. E nem precisariam, pois os convocados para a batalha serão apenas os exércitos, e não toda a humanidade:

“Então, vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs; porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso” (Ap 16.13,14).

O texto acima afirma categoricamente que somente os reis e seus exércitos serão congregados para a batalha.

E os versículos abaixo são provas literais e explícitas de que **haverá** sobreviventes da batalha do Armagedom:

“Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrar a Festa dos Tabernáculos” (Zc 14.16). “Então, as nações que tiverem restado ao redor de vós [Israel] saberão que eu, o Senhor, reedifiquei as cidades destruídas e replantei o que estava abandonado. Eu, o Senhor, o disse e o farei” (Ez 36.36).

Haverá, portanto, nações remanescentes da batalha contra Jerusalém.

De maneira geral, não existem provas bíblicas de que só participarão do Milênio pessoas convertidas. Aqueles que pretendem encontrar tais provas só conseguem mostrar

versículos que dizem que, no Milênio, Deus trará juízo e penalidade contra os perversos, os idólatras, os feiticeiros. Com isto, acreditam que os maus serão exterminados antes do reino começar.

Mas isto não quer dizer nada. Não há a menor indicação de que tal penalidade aniquilará os maus. Pelo contrário, significa que esse tipo de pessoas perversas existirá na época. Não haveria motivo para Deus castigar os depravados e cruéis, se eles não existissem. Desta forma, os defensores da tese encontraram versículos que, na verdade, mostram exatamente o contrário do que eles queriam encontrar. O juízo de Deus sobre os maus é uma prova de que eles existem.

E, de fato, Deus regerá o mundo com cetro de ferro, corrigindo a maldade humana, até atingir a paz mundial. Depois de Satanás ser aprisionado, as nações reconhecerão a soberania do Senhor, e o mundo será completamente diferente, embora não seja convertido.

Reger com cetro de ferro é usar da força para com aqueles que resistem (Gn 49.10; Sl 2.9; 110.2; Ap 2.27; 12.5; 19.15). Se todos fossem convertidos, isto não seria necessário.

“O Senhor enviará de Sião o cetro do seu poder, dizendo: Domina entre os teus inimigos” (Sl 110.2).

O versículo não diz que Deus matará seus inimigos, para reinar sobre os santos. Diz antes que Ele dominará sobre os inimigos. Só é possível fazer isso enquanto eles estiverem vivos. Essa história de que Deus matará todos os Seus adversários antes de dar início ao Milênio é uma falácia. O Milênio não conterà apenas os amigos de Deus, mas também Seus inimigos.

“Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro. E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono” (Ap 12.5). “Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso” (Ap 19.15).

Aqui é exatamente o ponto de entrada do Milênio. Depois que Jesus matar alguns com a espada que sai de Sua boca, regerá os restantes de Seus inimigos. E fará isto com cetro de ferro, que indica a utilização de força e rigidez, os quais seriam desnecessárias no trato com os santos.

“Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro” (Sl 2.9). “Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro” (Ap 2.26,27).

Estes versículos contêm uma promessa dada a todos os que vencerem. Está muito claro que os vencedores reinarão sobre as nações com cetro de ferro. E isto responde à questão de quem reina sobre quem. A palavra “vencedores” torna obrigatória a existência de perdedores. Os vencedores terão autoridade sobre os perdedores. Se todos fossem vencedores, quebraria de vez a hierarquia do reino.

E, mais uma vez, observa-se que a essência do reino não será exatamente pacífica e voluntária. Pelo menos, não no começo, pois será necessária a força e a inflexibilidade para domar as nações rebeldes com cetro de ferro, reduzindo-as a pedaços, como se fossem objetos de barro. Essa forma de reinar seria completamente desnecessária se todos os súditos fossem santos.

Existe outro versículo que pode causar confusão ao sondarmos se haverá não-salvos no Milênio:

“Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Is 11.9).

Todavia, devemos compreender que “ter conhecimento do Senhor” não é sinônimo de “ser salvo”. Portanto, o versículo apresentado não fornece base para afirmar que as nações ímpias não conhecerão o Senhor.

Os proponentes da teoria de que somente os santos participarão do Milênio só conseguem encontrar nas Escrituras textos que dizem que ninguém mais fará guerra; que o pecado será praticamente inexistente; que todos reconhecerão que Deus é o Senhor. Mas isto não nos obriga a crer que só existirão santos. Tudo isto pode muito bem ser explicado pelo fato do diabo estar amarrado durante os mil anos. É somente este fator que garantirá a paz mundial, e não a ausência dos perversos.

Abaixo veremos que no Milênio existirão famílias que não subirão a Jerusalém, para adorar o Rei. Os únicos que teriam coragem de fazer isso seriam os não-convertidos:

“Se alguma das famílias da terra não subir a Jerusalém, para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, não virá sobre ela a chuva. Se a família dos egípcios não subir, nem vier, não cairá sobre eles a chuva; virá a praga com que o Senhor ferirá as nações que não subirem a celebrar a Festa dos Tabernáculos. Este será o castigo dos egípcios e o castigo de todas as nações que não subirem a celebrar a Festa dos Tabernáculos” (Zc 14.17-19).

Além disso, o simples fato deles não habitarem dentro da Cidade Santa já os discrimina como não-salvos.

Analisemos agora a Árvore da Vida:

“No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos” (Ap 22.2).

Sabe-se que apenas cristãos com corpos incorruptíveis habitarão na Nova Jerusalém. Partindo do pressuposto de que os imortais não adoecerão, os povos que serão curados serão as nações ímpias, durante o Milênio.

Algumas pessoas refutam essa ideia, afirmando que a doença existente seria o pecado, o qual porventura poderia ocorrer na eternidade.

De um modo geral, esse argumento não é sustentável, pois, tanto a doença física, quanto o pecado, só estarão presentes na Terra, enquanto houver corpos mortais. A carne é fraca, mas o espírito não. Além disso, alegar que a cura mencionada é a espiritual seria forçar o texto e espiritualizá-lo. A interpretação simbólica não tem lugar nos capítulos 21 e 22 de Apocalipse, visto que todas as coisas ali narradas são literais.

A palavra cura é *therapeia*, que, neste caso, tem sentido de serviço médico de cura, assim como em:

“Mas as multidões, ao saberem, seguiram-no. Acolhendolas, falava-lhes a respeito do reino de Deus e socorria os que tinham necessidade de cura” (Lc 9.11).

A Árvore da Vida pode curar os enfermos da mesma maneira que os milagres de Jesus.

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus” (Ap 2.7).

Os frutos são apenas para os vencedores, mas as folhas são para os doentes. As nações serão curadas pelas folhas da Árvore da Vida, durante o Milênio.

Além da Árvore da Vida, outras árvores existirão, cujas folhas servirão de remédio:

“Junto ao rio, às ribanceiras, de um e de outro lado, nascerá toda sorte de árvore que dá fruto para se comer; não fenecerá a sua folha, nem faltará o seu fruto; nos seus meses, produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário; o seu fruto servirá de alimento, e a sua folha, de remédio” (Ez 47.12).

A doença só pode ocorrer em corpo corruptível. Mas alguém poderia imaginar que haverá salvos com corpos

mortais durante o Milênio, e que a doença a ser curada será a deles. Isto de forma alguma acontecerá, pois todos os salvos já terão passado pela primeira ressurreição, que ocorrerá antes do Milênio.

Outra prova de que haverá não-salvos no Milênio é que existirá a morte e o pecado:

“Porque a nação e o reino que não te servirem perecerão; sim, essas nações serão de todo assoladas” (Is 60.12). “Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado” (Is 65.20). “Naqueles dias, já não dirão: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram. Cada um, porém, será morto pela sua iniquidade; de todo homem que comer uvas verdes os dentes se embotarão” (Jr 31.29,30).

A existência da morte e do pecado é uma prova de que haverá não-regenerados no Milênio. Deus não puniria com a morte alguém que está com corpo glorificado. Os servos de Deus não morrerão, nem cometerão pecado, visto que já estarão em corpos incorruptíveis. No Milênio, a Igreja já não será mais “noiva” e sim “esposa”. E como tal, não terá mais nenhuma mancha de pecado:

“Para apresentar a si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Ef 5.27). Ver também: 1Co 1.8; 2Co 11.2; Cl 1.22; Tt 2.14; Jd 24.

Conclui-se que o pecado que se fará presente no Milênio é de origem dos rebeldes que nunca se converteram, e que estarão vivos durante os mil anos. Não pode ser da parte da igreja ressurrecta e regenerada.

Outra incontestável evidência de que haverá descrentes no Milênio é que, ao fim desse reinado, Satanás será solto e os reunirá para a peleja. Se não houver ímpios no Milênio, quem sairá para a batalha final?

“Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a peleja. O número dessas é como a areia do mar” (Ap 20.7,8).

Um mundo cheio de convertidos e predestinados não se deixaria persuadir pelo diabo, nem se reuniria para a peleja contra o próprio Deus.

Além disso, a própria prisão de Satanás já é uma prova da perversidade humana. Se somente as nações puras e

convertidas fossem participar do Milênio, não haveria sequer a necessidade de aprisionar Satanás no abismo. Tendo em vista que o objetivo de sua prisão é não enganar as nações, de balde seria ele preso, uma vez que a maldade não estaria presente na humanidade.

E agora um arsenal de textos bíblicos que asseguram a presença de nações ímpias no Milênio:

“Palavra que, em visão, veio a Isaías, filho de Amoz, a respeito de Judá e Jerusalém. Nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do Senhor será estabelecido no cimo dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos. Irão muitas nações e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor, de Jerusalém” (Is 2.1-3). O mesmo texto se repete em Mq 4.1-2. *“As nações se encaminham para a tua luz, e os reis, para o resplendor que te nasceu [...] Então, o verás e serás radiante de alegria; o teu coração estremece e se dilatará de júbilo, porque a abundância do mar se tornará a ti, e as riquezas das nações virão a ter contigo [...] As tuas portas estarão abertas de contínuo; nem de dia nem de noite se fecharão, para que te sejam trazidas riquezas das nações, e, conduzidos com elas, os seus reis. Porque a nação e o reino que não te servirem*

perecerão; sim, essas nações serão de todo assoladas [...] Mamarás o leite das nações e te alimentarás ao peito dos reis; saberás que eu sou o Senhor, o teu Salvador, o teu Redentor, o Poderoso de Jacó [...] Nunca mais te servirá o sol para luz do dia, nem com o seu resplendor a lua te alumiará; mas o Senhor será a tua luz perpétua, e o teu Deus, a tua glória” (Is 60.3,5,11,12,16,19). “Ouvi a palavra do Senhor, ó nações, e anunciai nas terras longínquas do mar, e dizei: Aquele que espalhou a Israel o congregará e o guardará, como o pastor, ao seu rebanho. Porque o Senhor redimiu a Jacó e o livrou da mão do que era mais forte do que ele. Hão de vir e exultar na altura de Sião, radiantes de alegria por causa dos bens do Senhor, do cereal, do vinho, do azeite, dos cordeiros e dos bezeros; a sua alma será como um jardim regado, e nunca mais desfalecerão” (Jr 30.10-12). “Então, as nações que tiverem restado ao redor de vós [Israel] saberão que eu, o Senhor, reedifiquei as cidades destruídas e replantei o que estava abandonado. Eu, o Senhor, o disse e o farei” (Ez 36.36). “As nações saberão que eu sou o Senhor que santifico a Israel, quando o meu santuário estiver para sempre no meio deles” (Ez 37.28). “Virão muitos povos e poderosas nações buscar em Jerusalém ao Senhor dos Exércitos e suplicar o favor do Senhor” (Zc 8.22). “Também Judá pelejará em Jerusalém; e se ajuntarão as riquezas de todas as nações circunvizinhas, ouro, prata e vestes em grande abundância [...] Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra

Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrar a Festa dos Tabernáculos. Se alguma das famílias da terra não subir a Jerusalém, para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, não virá sobre ela a chuva. Se a família dos egípcios não subir, nem vier, não cairá sobre eles a chuva; virá a praga com que o Senhor ferirá as nações que não subirem a celebrar a Festa dos Tabernáculos. Este será o castigo dos egípcios e o castigo de todas as nações que não subirem a celebrar a Festa dos Tabernáculos” (Zc 14.14,16-19).

“Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro” (Ap 2.26,27).

“As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória. As suas portas nunca jamais se fecharão de dia, porque, nela, não haverá noite. E lhe trarão a glória e a honra das nações” (Ap 21.24-26).

Então está provado que restarão sobreviventes da Batalha do Armagedom, os quais participarão do Milênio. Os santos governarão o mundo, juntamente com Jesus Cristo. Os vencedores reinarão sobre os perdedores.

OS ANIMAIS DURANTE O MILÊNIO

Há outro detalhe que não pode ser explicado pelos pós-milenistas: o fato de que a paz mundial abrangerá, não apenas a humanidade, mas também os animais. Como isto poderia ocorrer de forma progressiva e sem a intervenção sobrenatural de Deus?

“O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Is 11.6-9). “O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; pó será a comida da serpente. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor” (Is 65.25). “Farei com elas aliança de paz e acabarei com as bestas-feras da terra; seguras habitarão no deserto e dormirão nos bosques [...] Já não servirão de rapina aos gentios, e as feras da terra nunca mais

as comerão; e habitarão seguramente, e ninguém haverá que as espante” (Ez 34.25,28). “Naquele dia, farei a favor dela aliança com as bestas-feras do campo, e com as aves do céu, e com os répteis da terra; e tirarei desta o arco, e a espada, e a guerra e farei o meu povo repousar em segurança” (Os 2.18).

Os versículos afirmam que viveremos em comunhão com as feras da terra no Milênio, a menos que se queira interpretar de forma simbólica, o que não é tarefa difícil para o pós-milenismo.

Então, caso seja correto interpretar literalmente, os animais selvagens nunca serão domesticados durante o tempo presente. É algo que só pode ocorrer depois da vinda de Cristo, quando o verdadeiro Milênio começar.

SIMBOLISMO OU LITERALISMO

Esta é uma das questões mais discutidas quando se trata de interpretação bíblica. Sabemos que a Bíblia possui muitas metáforas, parábolas e simbologias. Mas também possui textos ricos em informações precisas, inerrantes e exatas. Devemos usar o discernimento, a lógica e o bom senso para sabermos diferenciá-los.

Quando o assunto é escatologia, há dois métodos de interpretação bíblica: o histórico-gramatical, que é literal, e o alegórico, que é simbólico. A diferença básica entre as interpretações “pré” e pós-milenista é que esta utiliza o método alegórico, enquanto aquela se serve do método literal.

De fato, a interpretação escatológica literal favorece integralmente o pré-milenismo. E, para visualizar um Milênio fora de época, é necessária boa dose de simbolismo. E isto foi admitido por Allis, grande expoente amilenista:

“... As profecias do Antigo Testamento, se interpretadas literalmente, não podem ser consideradas cumpridas ou possíveis de ser cumpridas na presente era” (Oswald T. ALLIS, Prophecy and the church, p. 238).

A interpretação literal é hermenêuticamente aceita. Mas é claro que isto não quer dizer que devemos considerar tudo ao pé da letra sempre. A dedução literalista não suprime irrestritamente as metáforas, as alegorias e os símbolos. Todavia, se o significado simples fizer sentido, não há a necessidade de buscar outro.

“O método histórico-gramatical não elimina de nenhuma forma a ‘espiritualidade’ da mensagem, mas elimina o misticismo que pode ser criado por causa de interpretações que não seguem regras” (Prof. Robson T. Fernandes, apostila ESCATOLOGIA BÍBLICA)¹.

Da mesma maneira que a experiência fornece base concreta para a ciência humana, o método histórico-gramatical garante o controle sobre a interpretação. Desta forma, o intérprete fiel e honesto repousa na solidez de seus fundamentos, e não precisa defender-se de textos bíblicos.

¹ Robson Tavares Fernandes é graduado em Teologia pelo STEC e pelo IBRMEC e Mestrando em Hermenêutica e Teologia do Novo Testamento pelo BETEL Brasileiro. Tem se dedicado desde 1998 ao ensino e pesquisa na área de Hermenêutica, Apologética, História, Teologia e Fé e Ciência. É escritor e co-autor do livro “Apostasia, Nova Ordem Mundial e Governança Global” (em co-autoria com Augustus Nicodemus Lopes, Russell Shedd, Norman Geisler, Uziel Santana e Norma Braga).

Porém, o intérprete imprudente, embora mal possa sustentar-se de pé, não se preocupa com uma argumentação sincera, uma vez que possui em mãos aquele velho artifício que nunca falha: o de simplesmente afirmar que tudo é simbólico! Com essa afirmação ele logra obter paz com sua própria consciência, pois, se um texto for considerado simbólico, logo, é desprovido de autenticidade. E assunto encerrado!

Quando a Bíblia diz que algo é algo, a simbologia tem o poder de dizer que não é. Pelo método alegórico, nada é alguma coisa, mas apenas representa alguma coisa.

Assim fica fácil! A parte da Bíblia com a qual porventura não concordamos, basta dizermos que é simbólica, que tudo se resolve. Desta forma, podemos encontrar qualquer doutrina na Bíblia. Não há limites para o número de discordâncias causadas por este método. Porventura não é assim que surgem as heresias e as seitas?

Ao discorrer sobre as origens do método alegórico, o prof. Robson T. Fernandes afirmou:

“Sabemos, hoje, que o método alegórico não nasceu do estudo das Escrituras, mas da tentativa de unificar a filosofia grega à Palavra de Deus. Não surgiu do anseio por descobrir as verdades da Palavra, mas do desejo de deturpá-las. Não surgiu da ortodoxia, mas da heterodoxia”.

Continuando com o estudo da interpretação, Fernandes passou a tratar da Idade Média:

“Foi então decidido e estabelecido que a interpretação da Bíblia tinha de adaptar-se à tradição e à doutrina da Igreja (Católica Apostólica Romana). Assim sendo a igreja desse período resolveu optar pelo método de interpretação que melhor apoiasse seus dogmas e doutrinas. Prevaleceu o alegórico”. (Grifo nosso).

É óbvio que o método alegórico é o que mais dá liberdade para interpretações excêntricas, conforme a criatividade do intérprete. Se adotarmos a simbologia onde acharmos conveniente, podemos forçar a Bíblia a dizer exatamente o que queremos. Cada um interpreta como quer, cada um fala o que quer. É por isto que Nabucodonosor não quis contar o sonho aos seus sábios. Ele queria ouvir deles, tanto a interpretação, quanto o sonho (Dn 2.4,5). Do contrário, eles poderiam inventar qualquer interpretação, que seria bem aceita. Quem poderia saber se estavam mentindo?

John Wyclif, um dos principais precursores da Reforma Protestante, observou que:

“todo erro no conhecimento das Escrituras e a fonte de sua deturpação e falsificação por pessoas incompetentes resumem-se no desconhecimento da gramática e da lógica”.

William Tyndale, defensor contemporâneo da Reforma Protestante, afirmou que:

“podemos tomar similitudes ou alegorias de empréstimo às Escrituras e aplicá-las a nossos propósitos, alegorias essas que não constituem o sentido das Escrituras, mas assuntos livres além das Escrituras... Tal alegoria nada prova; é mero símile. Deus é Espírito e todas as suas palavras são espirituais, e Seu sentido literal é espiritual”.

E assim, se formos averiguar a história da interpretação, a alegoria tem sua origem em fontes não cristãs.

De acordo com Charles T. Fritsch², o método de alegorização consiste em desprezar o sentido literal e histórico das Sagradas Escrituras, transformando cada palavra e acontecimento numa alegoria qualquer, escapando assim de dificuldades teológicas e sustentando crenças religiosas estranhas.

Segundo o Dr. Pentecost, ao que parece, a intenção do método alegórico não é interpretar, mas perverter o verdadeiro sentido das Escrituras, apesar do suposto pretexto de buscar

² Biblical Typology, Bibliotheca Sacra, 104:216, Apr., 1947.

um sentido mais espiritual ou mais profundo para a mesma (Manual de Escatologia, Editora Vida, p. 32, 1998)³.

Infelizmente os pós-milenistas, que são teólogos idôneos e eruditos, firmam-se neste método. Aliás, firmar-se não é a palavra mais apropriada, pois não existe firmeza ao pisar em areia movediça. Jesus reprovou o homem que construía sua casa sobre a areia, e usou como molde aquele que fazia o alicerce sobre a rocha.

Dizer que os eleitos já estão reinando no presente é fácil, mas necessita de uma simbologia ultra-exorbitante para isto. O mesmo se exige para supor que a primeira ressurreição significa conversão. É muito fácil dizer que mil anos não são exatamente mil. Mas crer nisto é uma questão de fé, e não de interpretação. É muito fácil dizer que a besta era Nero, ou Tito, ou o Império Romano, ou os três ao mesmo tempo. É simples e cômodo afirmar que a época do ministério terreno de Jesus marcou o fim dos tempos, quando a interpretação literal expõe exatamente o contrário. Cada um fala o que quer, se não houver a necessidade de provar o que está sendo dito e se não houver regras para a interpretação.

³ J. Dwight Pentecost é doutor em teologia e professor emérito do Seminário Teológico de Dallas, Texas, E.U.A.

O pré-milenista lê a Bíblia como ela é. Mas o pós-milenista necessita construir explicações imensas, para desviar o sentido original de centenas de versículos! Uma simples leitura não lhe basta. Precisa contornar textos, desdizer versículos, defender-se a todo instante! Por que não percebe que está lutando contra a Palavra, ao invés de pensar que está buscando melhores interpretações?

“Existe [...] uma liberdade ilimitada para a fantasia. Basta que se aceite o princípio, e a única base da exposição encontra-se na mente do expositor” (Joseph Angus & Samuel G. Green, *The Bible Handbook*, p.220).

“Abre-se assim uma enorme fenda que comporta todo tipo de especulação e imaginação desenfreados, por não possuírem um método que controle tais especulações. Elimina-se a autoridade das Escrituras. Faltam bases para verificar afirmações. Redução das Escrituras à mente do intérprete. A autoridade básica da interpretação deixa de ser a Bíblia e passa a ser a mente do intérprete” (Prof. Robson T. Fernandes).

“O estilo mais errôneo de ensino é corromper o sentido das Escrituras e arrastar sua expressão relutante para nossa própria vontade, produzindo mistérios bíblicos a partir de nossa própria imaginação” (F.W. Farrar, *History of Interpretation*, p. 232).

“... Quando o princípio da alegoria é aceito, quando começamos a demonstrar que passagens e livros inteiros das Escrituras dizem algo que não querem dizer, o leitor é entregue de mãos amarradas aos caprichos do intérprete” (F.W. Farrar, History of Interpretation, p. 238).

E assim, os pós-milenistas fazem manobras totalmente fora da lógica para tentarem encontrar uma forma de se esquivarem da clareza bíblica. Sua contumácia ferrenha, quando não encontra saída, envereda-os por caminhos tortuosos e assaz arriscados, chegando ao ponto de confundir a pessoa de Cristo com a da besta, em suas argumentações.

“... Seu hábito é desprezar o significado comum das palavras e dar asas a todo tipo de especulação fantasiosa. Ele não extrai o sentido legítimo da linguagem de um autor, mas insere nele todo tipo de extravagância ou fantasia que um intérprete possa desejar. Como sistema, portanto, ele se coloca além de todos os princípios e leis bem definidos” (Milton S. Terry, Biblical Hermeneutics, p.224).

“A primeira tarefa de um intérprete é deixar que o autor diga o que ele de fato diz, em vez de atribuir-lhe o que pensa que ele deva dizer” (João Calvino).

Uma doutrina bíblica jamais pode ter como pedra angular uma interpretação simbólica, ou metafórica. Do

contrário, não poderia ser chamada de doutrina, mas de teoria, ou suposição.

O método alegórico derroga, uma a uma, as regras da hermenêutica. Interpretar por meio de analogias e simbolismos não é exegético. Nada pode ser provado, mas apenas conjecturado. Não existe instrumento que confirme a inferência do intérprete. Aquele que se vale de tal método nunca possui a certeza de praticamente nada, de forma que é impossível haver uma interpretação real e verdadeira da Bíblia.

A busca pela verdade genuína deve ser feita com mais afincamento do que a mera defesa de uma tese. A mente do teólogo tem que estar aberta e imparcial, para se permitir aprender a verdade, ao invés de bloquear caminhos, filtrando apenas os resultados convenientes.

A interpretação deve ser feita com sabedoria, paciência, submissão e também com prudência. Lembrando que a Bíblia deve ser explicada por ela mesma. O contexto histórico ou os apócrifos servem de base para o conhecimento, mas não devem ser decisivos, nem autossuficientes na ação de interpretar. A história eclesiástica não deve ser encarada como fonte de autoridade superior às Escrituras.

Por fim, a Bíblia, objeto de estudo do teólogo, é a Palavra de Deus. Portanto, o intérprete deve respeitá-la e se

conscientizar de que todo o conteúdo, as doutrinas, as advertências e os ensinamentos são válidos. Caso contrário, parecer-se-á com um filho teimoso, que contraria as ordens de seus pais, encontrando brechas para reinterpretá-las a seu modo.

CONCLUSÃO

Não tenho a pretensão de assegurar que o gráfico escatológico previsto pela doutrina pré-milenista e pré-tribulacionista cumprir-se-á à risca. Mas, ao defender o pós-milenismo, o teólogo se defronta com vários problemas hermenêuticos. De forma que o pré-milenismo, embora talvez não seja a verdade absoluta, é a doutrina que menos discrepâncias apresenta com a interpretação bíblica.

Ainda que haja a probabilidade do pós-milenismo estar correto em suas conjecturas, o fato não muda: são apenas conjecturas. Não há provas, mas apenas teorias. A doutrina pós-milenista é sustentada unicamente pela interpretação simbólica de tudo o que se refira à escatologia, exceto dos textos que aparentemente informam que todos os eventos finais ocorrerão em um único dia de 24 horas.

Não me atrevo a abortar a interpretação literal e contextualizada pela luta ferrenha contra as Escrituras. Não é uma teologia saudável ficar se opondo a todos os versículos bíblicos. E é isto o que o pós-milenista faz. Ao invés de ter uma base bíblica própria, na qual possa fundamentar-se, fica

desdizendo as bases do pré-milenismo, fazendo ressalvas nos versículos e contestando Jesus, Paulo, João, Tiago e Pedro. Longe de mim bater de frente com a Palavra de Deus para levantar objeções!

Mas o importante, independentemente de qual corrente teológica seguimos, é que todas concordam que Satanás será derrotado e não representará mais ameaça à humanidade. O Deus que sempre cuidou dos Seus servos, continuará dando-lhes proteção e conforto, e os levará ao reino eterno.

Volume 2:

Pré-Tribulacionismo

COMO SERÁ A PRIMEIRA RESSURREIÇÃO?

O Volume 2 desta obra tem relação direta com o anterior. Desta feita, é altamente recomendável a prévia leitura do Volume 1 antes de prosseguirmos. Senão os assuntos ficariam desconexos.

A doutrina pré-milenista se subdivide em três classes de teorias: pré-tribulacionismo, pós-tribulacionismo e mesotribulacionismo.

O pós-tribulacionismo crê que a vinda de Cristo acontecerá em momento único após a Grande Tribulação.

O mesotribulacionismo visualiza a vinda de Cristo exatamente no meio da Grande Tribulação. Nessa ocasião ocorrerá também arrebatamento da igreja.

O pré-tribulacionismo ensina que vinda de Cristo será dividida em duas etapas: uma antes e uma depois da Grande Tribulação. Da mesma forma, a ressurreição dos justos ocorrerá em duas fases: uma dos justos antes da Grande Tribulação, outra dos mártires mortos nesse período. Ambas compreendem a primeira ressurreição descrita em Apocalipse

20. A segunda ressurreição propriamente dita será a dos ímpios após o Milênio.

O pós-tribulacionismo não ensina dois estágios na ressurreição dos justos, um antes e outro depois da Grande Tribulação. Partindo do pressuposto de que Jesus virá apenas uma vez após a Tribulação, a ressurreição dos justos se dará em uma única etapa, após os sete anos.

Logo, a divergência primária entre o “pré” e o pós-tribulacionismo concerne à forma da primeira ressurreição. O pós-tribulacionismo entende que os primeiros justos arrebatados constam nos seguintes versículos:

“Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição” (Ap 20.5).

A doutrina pós-tribulacionista alega que a ressurreição que ocorrerá no segundo advento de Cristo será a primeira,

conforme se lê no versículo supracitado. A palavra “primeira” sugere que antes não houvera outra ressurreição definitiva.

O pré-tribulacionismo concorda que será a primeira. No entanto, expande a primeira ressurreição para cinco estágios, todos devidamente fundamentados pela Bíblia.

“Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda” (1Co 15.22,23).

A ressurreição possui uma ordem, começando com Cristo, o Vencedor da morte. Temos, portanto, o primeiro estágio da ressurreição, provando que a primeira ressurreição não será em momento único.

Quando se diz primeira ressurreição, quer-se discriminá-la da segunda, que é a dos ímpios. Portanto, o que João tentou frisar é a diferença entre as ressurreições de justos e de injustos. Todos os estágios da primeira ressurreição redundam em reino milenar e em vida eterna. Quem não fizer parte desta ressurreição, terá parte na segunda, para a morte eterna.

Afora as duas ressurreições principais, que são a dos santos e a dos ímpios, convém relacionar que existem dois tipos de ressurreição, quanto à forma:

“Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição” (Hb 11.35).

A primeira palavra “ressurreição” mencionada neste versículo é a ressurreição comum, na qual as pessoas ressuscitam em corpo mortal, e tornam a morrer. A segunda palavra “ressurreição” do versículo refere-se à ressurreição “superior”. Foi essa que Cristo teve, sendo o primeiro. Antes de Cristo não houve ressurreição definitiva, mas provisória. Por isto se diz que Ele é o primeiro da ressurreição, e vencedor da morte.

Nas ressurreições normais os ressurectos recebem corpos mortais e tornam a morrer novamente, carecendo fazer parte de uma das duas ressurreições definitivas. São oito as ressurreições naturais registradas:

- 1) o filho da viúva de Sarepta, por Elias (1Rs 17.22);
- 2) o filho da sunamita, por Eliseu (2Rs 4.35);
- 3) a ressurreição mediante o toque nos ossos de Eliseu (2Rs 13.21);
- 4) a filha de Jairo, por Jesus (Mt 9.25);

- 5) o filho da viúva de Naim, por Jesus (Lc 7.15);
- 6) Lázaro, por Jesus (Jo 11.44);
- 7) Tabita, por Pedro (At 9.37);
- 8) Êutico, por Paulo (At 20.10).

Observe que, destas oito ressurreições, seis ocorreram antes da de Jesus. Mas, como não fazem parte das ressurreições definitivas, não interferem nas primícias de Cristo.

Mas, para a discussão inicial deste tópico, há de se provar que existem outras ressurreições definitivas antes da registrada em Apocalipse 20.4. Por que o pós-tribulacionismo exige provas que os faça crer que a primeira ressurreição não se dará em apenas uma etapa.

Pois bem, a prova que lhes apresento é exatamente esta: existem várias “primeiras” ressurreições antes de Apocalipse 20.4. A primeira ressurreição tem cinco fases, sendo que quatro delas se realizam antes da conhecida pelo pós-tribulacionismo:

- 1) a de Jesus;
- 2) a dos que saíram dos sepulcros que foram abertos depois da crucificação;
- 3) a que ocorrerá por ocasião do Arrebatamento;
- 4) a das duas testemunhas, durante a Grande Tribulação;

5) a dos mártires da Grande Tribulação.

Quanto ao primeiro estágio, não é necessário mostrar que as primícias da ressurreição são de Jesus (At 26.23; Rm 8.29; 1Co 15.20,23; Cl 1.18; Ap 1.5).

Logo em seguida ressuscitaram os santos que saíram dos túmulos que foram abertos depois da morte de Cristo:

“E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito. Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo; tremeu a terra, fenderam-se as rochas; abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos” (Mt 27.50-53).

Como sabemos que é ressurreição definitiva? Podemos chegar a essa conclusão por algumas razões. A primeira é que eles só se levantaram dos túmulos depois de Jesus, respeitando assim as primícias. Embora os túmulos foram abertos dias antes, seus ocupantes só saíram de lá depois de Jesus. Mateus não fala que foram ressuscitados antes de Jesus, mas que os túmulos foram abertos depois da morte dEle. Logo em seguida, Mateus se pronuncia detalhando o tempo em que ressuscitaram, que foi depois da ressurreição de Jesus.

A segunda razão para crermos que foi ressurreição definitiva é que eles não voltaram a muitos, mas apareceram a muitos, assim como Jesus apareceu depois de ressurrecto. Se fosse uma ressurreição com corpo mortal, eles teriam ficado com seus familiares, e não apenas aparecido a eles.

A terceira razão é que os ressurrectos são santos. Isto é uma forte evidência de que se levantaram com corpos glorificados, prontos para a partida.

Quanto à terceira etapa da primeira ressurreição, é a mais conhecida pelos pré-tribulacionistas. Dar-se-á na primeira parte da vinda de Cristo, quando vier arrebatá sua igreja:

“Num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (1Co 15.52). “Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” (1Ts 4.16). “E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt 24.31).

Na quarta etapa, as duas testemunhas enviadas por Deus pregarão durante a Grande Tribulação. Ao serem mortas

pela besta, permanecerão assim por três dias e meio, serão ressuscitadas e subirão ao céu, à vista de todos (Ap 11.11,12). Esta é uma prova concreta de que a ressurreição de Apocalipse 20.4 não é de fato a primeira em relação às anteriores, mas em relação à ressurreição dos ímpios.

A quinta e última parte da primeira ressurreição ocorrerá no segundo advento (Ap 20.4). Depois do arrebatamento, algumas pessoas se converterão e serão mortas pela besta, durante a Grande Tribulação. Deus se lembrará delas e as ressuscitará posteriormente. Haverá, portanto, um período de sete anos entre a terceira e a quinta etapas.

De acordo com o pré-tribulacionismo, Apocalipse 20 representa somente a ressurreição dos que morrerem durante a Grande Tribulação. Se observarmos bem, esta informação está explícita literalmente no versículo:

“Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos” (Ap 20.4).

O texto especifica que os ressurrectos serão aqueles que sofreram perseguição e morte pela besta. Não dá para enquadrar aqui todos os santos de todos os tempos, mas apenas os mártires da Grande Tribulação.

Findo o último estágio da primeira ressurreição, a noiva de Cristo estará completa e pronta para as Bodas, para o Tribunal de Cristo e para o Milênio.

Depois do Milênio, todos os ímpios serão ressuscitados de uma só vez recebendo corpos imortais (Ap 20.5).

E assim terminam as ressurreições. O fato de João ter usado a palavra “primeira” não significa que ele ignorava a existência de outras anteriores, mas que o objetivo do texto era distinguir justos de injustos e delimitar mil anos entre as ressurreições de ambas as classes. Não é possível admitir que nunca algum justo ressuscitou, ou ressuscitará, antes do cumprimento de Apocalipse 20.4.

O PRÉ-TRIBULACIONISMO É RECENTE?

O pós-tribulacionismo conforta-se numa posição de se autodenominar doutrina apostólica e tradicional. Alega que o pré-tribulacionismo é recente, datando século XIX, e que tal teoria deve ser desconsiderada por falta de ícones do passado que tenham postulado algo sobre ela.

Esta argumentação firma-se no silêncio, o qual não serve de base para provar coisa alguma. Não é porque algo não tenha sido dito de forma clara durante toda a história, que não seja real.

Note-se que, antes da Reforma Protestante, não só o arrebatamento, mas a maioria das doutrinas evangélicas não era ensinada por nenhum expoente do passado. Nem por isto, deixam de ter validade. Nem o “pré”, nem o pós-tribulacionismo eram ensinados com clareza. A teologia, em si, passou a existir através dos séculos. Os cristãos primitivos criam no básico e se empenhavam em difundir o Evangelho aos pagãos, e não à igreja. Esta se alimentava dos ensinamentos pastorais, que visavam a edificação espiritual, sem contudo se dedicar a debates doutrinários avançados.

Com o passar do tempo, a teologia ganhou espaço para responder às perguntas que ora pairavam diante da igreja. Com isto, doutrina após doutrina era revelada pelas Escrituras e submetida a apreciação e julgamento. Livros foram escritos e a teologia foi fundada. Apenas a partir do século XIX a igreja voltou sua atenção à escatologia.

Isto não quer dizer que coisas novas estavam sendo inventadas, mas que coisas novas estavam sendo descobertas e aprendidas, as quais passavam despercebidas anteriormente.

Por isto, cabe a pergunta: será mesmo que o pós-tribulacionismo era ensinado pelos apóstolos? Não é seguro afirmar que a igreja apostólica era pós-tribulacionista. Simplesmente ela ignorava os pormenores da vinda de Cristo, devido estes não terem reflexo direto na salvação e na missão da igreja.

Deste modo, quando surgiu o pré-tribulacionismo, foi como fruto de maior empenho dos teólogos em desvendar os detalhes escatológicos. E digo mais: antes não existia, nem o “pré”, nem o pós-tribulacionismo, pois o tema nunca fora dissecado anteriormente. É seguro ainda ir mais adiante e afirmar que o “pré” surgiu primeiro do que o pós-tribulacionismo. Este passou a existir unicamente para fazer frente àquele. Uma vez tendo aparecido os pioneiros do pré-

tribulacionismo, encontram oposição por parte de alguns teólogos, os quais fundaram o pós-tribulacionismo.

É por isto que o fundamento essencial do pós-tribulacionismo se concentra mais em atacar as bases bíblicas pré-tribulacionistas do que em possuir bases próprias.

Na verdade, não é honesto dizer que o arrebatamento antecipado é doutrina nova. A igreja primitiva acreditava na vinda iminente de Cristo. Os pais da igreja não esperavam a Grande Tribulação, mas a volta de Jesus. E o pré-tribulacionismo é assim, crê na proximidade da volta de Cristo.

Observe abaixo como a igreja, desde seus primórdios, cria na volta iminente de Jesus. Clemente de Roma escreveu na Primeira epístola aos Coríntios:

“Vocês veem como em pouco tempo o fruto das árvores chega à maturidade. Verdadeiramente, logo e de repente Sua vontade será cumprida, assim como o testemunham as Escrituras, dizendo ‘Certamente venho sem demora e não tardarei’; e ‘... de repente virá ao Seu templo o Senhor, a quem vós buscais’” (Alexander ROBERTS & James DONALDSON, *The ante-Nicene fathers*, I, p. 11).

Ainda Clemente escreve:

“Se fizermos o que é justo perante os olhos de Deus, entraremos no Seu reino e receberemos as promessas que olho algum jamais viu, ou ouvido ouviu, ou jamais entrou no coração do homem. Logo, esperemos a cada hora o reino de Deus em amor e em justiça, porque não sabemos o dia em que o Senhor aparecerá” (Ap. J. F. SILVER, *The Lord's return*, p. 59.).

No Didaquê lemos:

“Vigiai por amor às vossas vidas. Não se apaguem as vossas lâmpadas, nem estejam descingidos os vossos lombos; mas estejais prontos, pois não sabeis a hora em que o Senhor virá” (ROBERTS & DONALDSON, *Op. cit.*, VII, p. 382).

Cipriano diz:

“Seria contraditório e incompatível para nós, que oramos para que o reino de Deus venha rapidamente, estarmos procurando uma longa vida aqui...” (Ap. SILVER, *op. cit.*, p. 67).

Por isto se nota que a iminência e a imprevisibilidade da vinda de Jesus eram levadas a sério e cridas pelos cristãos primitivos. Isto é pré-tribulacionismo.

E, na época da reforma protestante, seus precursores também tinham em mente a expectativa da iminência e da

imprevisibilidade da vinda de Cristo, segundo os padrões pré-milenistas. Disse Lutero:

“Acredito que todos os sinais que precedem os últimos dias já apareceram. Não pensemos que a vinda de Cristo está longe; olhemos para cima com nossa cabeça erguida; esperemos a vinda de nosso Redentor com mente desejosa e alegre”.

Calvino escreveu:

“As Escrituras uniformemente nos ordenam a olhar com expectativa para o advento de Cristo”.

Latimer:

“Todos aqueles homens excelentes e letrados a quem, sem dúvida, Deus enviou ao mundo nestes últimos dias para dar um aviso ao mundo, extraem das Escrituras que os últimos dias não podem estar longe. É possível que aconteça nos meus dias, velho como estou, ou nos dias dos meus filhos”.

John Knox:

“O Senhor Jesus voltará, e com presteza. E Seu propósito não é outro senão reformar a face de toda a terra, o que nunca foi e nunca será feito, até que o justo Rei e Juiz apareça para restaurar todas as coisas” (CHAFER, op. cit., IV, p. 278-9.).

Com estas amostras, podemos perceber que os reformadores também esperavam a vinda de Cristo iminente. Portanto, o pré-tribulacionismo já era crido e ensinado nos séculos passados.

O mais sensato seria admitir que a teologia em si é recente, e não que apenas esta ou aquela corrente teológica seja nova. O pré-tribulacionismo, embora não difundido, era crido pela igreja primitiva e pelos reformadores. O pós-tribulacionismo, por sua vez, é mais recente, vindo a ser gerado justamente como resposta à manifestação do pré-tribulacionismo.

O ARREBATAMENTO OCORRERÁ PRIMEIRO

Há um texto bíblico que funciona como uma ferramenta pós-tribulacionista, pois evidencia que o Dia do Senhor se cumprirá depois do aparecimento da besta:

“A que não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de nós, supondo tenha chegado o Dia do Senhor. Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição” (2Ts 2.2,3).

Os pós-tribulacionistas apresentam este texto, afirmando que Jesus não virá antes da besta. E estão certos, não o podemos ignorar. Apenas consideremos que Paulo está fazendo uma referência ambígua às duas fases da vinda de Cristo. A besta surgirá antes do segundo advento de Cristo, porém, depois do primeiro advento. Note que os sinais são dois, e não somente um: a apostasia e o surgimento do iníquo. A apostasia já começou e se agravará mais, antes da Grande Tribulação.

Observe também que tais sinais precederão o Dia do Senhor, e não somente a vinda de Cristo. Ora, aquele dia será muito complexo e cheio de eventos. Deus trará juízo para Israel e para os gentios. É no Dia do Senhor que vivos e mortos serão julgados. Algumas das coisas profetizadas para o Dia do Senhor ocorrerão até mesmo depois do Milênio! Então a abrangência daquele dia fortalece a amplitude do alerta de Paulo no texto acima. Não é, portanto, uma afirmação específica apenas à vinda de Cristo.

Para termos a noção de que o primeiro advento ocorrerá antes da Tribulação, basta constatarmos na Bíblia que este evento antecede aquele. A Bíblia nos ensina a esperar a vinda de Cristo e não a Grande Tribulação:

“De maneira que não vos falte nenhum dom, aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual também vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Co 1.7,8). “Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (Fp 3.20). “Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tt 2.13). “E para aguardardes dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura” (1Ts 1.10). “Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará

naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda” (2Tm 4.8). “Assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação” (Hb 9.28).

Os cristãos primitivos aguardavam a vinda de Cristo, e não a Grande Tribulação. Isto nos leva a crer que o próximo evento que ocorrerá no plano de Deus para o fim dos tempos é a vinda do Senhor.

Os salvos devem anelar a volta do Senhor, e não temê-la. Quando o Novo Testamento fala da vinda de Cristo, trata o fato com alegria, dizendo que devemos desejá-la e nos consolarmos com ela. E isto não faria sentido se naquele dia adviesse a Grande Tribulação.

E de fato a igreja não esperava passar pela Grande Tribulação, pois confortava-se com a esperança de que Jesus a levaria antes, como prometido aos discípulos:

“E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também” (Jo 14.13).

Este fato pode ser comprovado pelas as palavras de Paulo, ao explicar sobre o arrebatamento:

“Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras”
(1Ts 4.18).

O arrebatamento era motivo de consolo para todos. Nenhum justo deve temer a Grande Tribulação, pois o arrebatamento virá primeiro.

E, na segunda carta, Paulo teve que demonstrar a eles que o iníquo ainda não surgirá, pois isto não ocorrerá antes que seja afastado a força superior que o impedia. Os teólogos pré-tribulacionistas admitem unanimemente que essa força é o Espírito Santo. Deste modo, não podemos conjecturar que a besta aparecerá antes da saída do Espírito Santo.

Repito novamente, antes que alguém faça pré-julgamento, que isto não fere a onipresença do Espírito Santo, mas apenas afasta Seu poder detentor. Recordemos que, antes daquele específico dia de Pentecostes, o Espírito Santo não estava aqui, embora sempre tenha sido onipresente.

O que importa para o momento é que o Espírito Santo, jamais sairá da Terra se a igreja não sair também. Nós somos o templo do Espírito Santo, e fomos selados por Ele. Por isto, enquanto estivermos na Terra, Ele também estará. Não se pode crer que o Espírito Santo abandonará a Igreja justamente no momento mais difícil para ela, que seria a Grande Tribulação.

“Ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28.20).

Jesus, na pessoa do Espírito Santo, jamais abandonará a igreja.

“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco” (Jo 14.16).

O Consolador estará para sempre com a igreja. E o Consolador é o Espírito Santo (Jo 14.26). É Ele quem apresentará a igreja como noiva para o Cordeiro. Isto só será possível se Ele estiver guardando-a até o dia final.

Assim sendo, não espere que a besta se manifeste ao mundo antes que o Espírito Santo saia da Terra. E, como o Consolador só partirá se a igreja também for, segue-se que o aparecimento da besta só pode ocorrer depois do arrebatamento. A igreja e o Espírito Santo precisam partir, para que a besta venha.

JESUS VIRÁ NO COMEÇO DO MILÊNIO?

O pós-tribulacionismo apresenta o seguinte versículo para localizar a vinda de Jesus no dia do começo do Milênio, ao invés do começo da Grande Tribulação.

“Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino” (1Tm 4.1).

O versículo afirma que Jesus, em Sua vinda, julgará vivos e mortos, e iniciará o Milênio. Primeiramente, observemos que estes eventos estão separados em épocas diferentes. Portanto, não se trata de uma data precisa. Sabemos, através de outras passagens bíblicas, que o julgamento dos mortos só ocorrerá mil anos depois do começo do Milênio. Por aí se nota que o versículo acima não está delimitando datas, uma vez que sugere que tal julgamento ocorrerá antes do início do Milênio. Dessarte, não podemos usar este texto para termos uma precisão cronológica exata.

E o fato de Jesus vir no começo do Milênio não anula Sua vinda antes da Grande Tribulação. A Bíblia possui versículos referentes aos dois adventos. Ora afirma que Ele virá

antes da Grande Tribulação, ora que Ele virá antes do Milênio. Isto não pode significar outra coisa, senão que Sua vinda ocorrerá nos dois períodos. Será uma vinda dupla. Além disto, os dois adventos se localizam antes do Milênio, o que está em conformidade com o versículo.

Por exemplo, 2 Tessalonicenses 2 afirma que Jesus virá depois do aparecimento do iníquo, que é a besta. De fato, isto concorda, tanto com o “pós”, quanto com o pré-tribulacionismo.

Jesus virá, não somente depois, mas também antes da Grande Tribulação:

“Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas” (2Pe 3.10).

De acordo com o versículo, a vinda do Senhor será repentina como a de um ladrão. Note também que a Terra será atingida, os céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados somente depois do Dia do Senhor. Portanto, a Grande Tribulação ocorrerá após o primeiro advento. E o texto assim continua:

“Esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão” (2Pe 3.12).

Aqui está bastante claro que os sinais catastróficos da Grande Tribulação ocorrerão após o Dia do Senhor, isto é, após a vinda de Cristo.

“Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai. Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem” (Mt 24.36-39).

A vinda de Jesus será num dia em que ninguém sabe. Porém, se for no final da Grande Tribulação, todos saberão com extrema precisão qual será o dia de Sua vinda. Mas Jesus virá de forma imperceptível, assim como veio o dilúvio e destruiu os que não estavam apercebidos.

O DIA DO LADRÃO

Jesus virá repentina, silenciosa e inesperadamente, como um ladrão. A Bíblia explica e repete isto, de forma exaustiva.

Entretanto, alguns pós-tribulacionistas desviam esse ensinamento, mudando o foco do “dia do ladrão”. Segundo a teoria, Jesus virá de forma inesperada porque, aqueles que O esperavam antes da Grande Tribulação decepcionar-se-ão por Ele não vir, e apostatarão da fé. Isso mesmo, a teoria supõe que os pré-tribulacionistas deixarão de aguardar a vinda de Cristo, quando a Grande Tribulação começar. E assim apostatarão, fazendo com que a vinda de Cristo seja inesperada para eles. O argumento arquiteta que a vinda de Cristo será imprevisível para os “pré”, e não para os pós-tribulacionistas.

Para o pós-tribulacionismo, essa apostasia é sinônimo de dormir, funcionando como oposto de vigiar. Quem estiver dormindo será rejeitado pela vinda de Jesus após a Grande Tribulação.

Este argumento é deveras e desconexo e indutivo. Não faz sentido. Eis algumas razões que o invalidam:

- 1) A existência da apostasia não mudará o fato de que o Dia de Cristo será imprevisível. E, se for imprevisível, não pode se realizar após a Grande Tribulação, pois, naquela ocasião, será altamente esperado e precisamente calculado.
- 2) Apostatar não é o mesmo que dormir. Apostatar é abandonar a fé, é abortar de vez o cristianismo, apartando-se completamente. Dormir, por outro lado, é um estado temporário, onde o crente vacila, não na fé, mas na prática da comunhão com Deus.
- 3) A apostasia atingirá apenas os não-eleitos. Mas os que creem na volta de Jesus antes da Grande Tribulação (pré-tribulacionistas) não terão motivos para apostatar, se Ele não vier naquela data. Simplesmente reconhecerão que foi um erro de cálculo e passarão a esperar Jesus depois dos sete anos. Eu grifei “esperar”, pois, neste caso, a volta de Jesus não será mais imprevisível, uma vez que não teria ocorrido no tempo começo da Grande Tribulação, mas no final.
- 4) Esta interpretação faz uma acepção errônea e desigual, na qual todos os pré-tribulacionistas apostatarão da fé, e perecerão, sendo condenados por Cristo. Enquanto isto, todos os pós-tribulacionistas serão achados fiéis e serão salvos. Todavia, uma singularidade na crença em uma

doutrina ou outra não é suficiente para fazer o cristão apostatar de sua fé. Não se pode considerar cristãos salvos apenas os pós-tribulacionista. Não é por ser pré-tribulacionista que o indivíduo deixa de ser um eleito de Deus.

- 5) O argumento inverte os lados. Porque, na verdade, como a vinda de Jesus será inesperada, surpreenderá somente os pós-tribulacionistas, os quais estarão esperando a Grande Tribulação como prenúncio da volta do Senhor. Enquanto os sete anos não começarem, eles sequer imaginarão que Jesus virá.

Mas isto não significa que os pós-tribulacionistas serão pegos desprecebidos, pois é de se supor que os verdadeiros cristãos, sendo “pós” ou pré-tribulacionistas, estão preparados para a vinda do Senhor, seja ela antes ou depois da Grande Tribulação.

Essa perspectiva de supor que o dia do ladrão signifique outra coisa que não seja a imprevisibilidade do dia da vinda de Cristo descaracteriza todas as referências bíblicas a respeito. E, crer que tal imprevisibilidade se cumprirá apenas nos pré-tribulacionistas, os quais, por alguma razão, deixarão de esperar a vinda de Cristo para serem pegos de surpresa no final da Grande Tribulação, não passa de uma desculpa patética na tentativa de burlar os ensinamentos bíblicos acerca

da analogia da vinda de Cristo com o dia do ladrão. É bom pensarem em outra forma de se esquivarem dos referidos textos bíblicos, pois esta não persuade ninguém, nem mesmo seus inventores.

Iminência ou sinais?

De um modo geral, o pós-tribulacionista acredita que a vinda de Cristo só será iminente quando os sinais previstos para tal comecem a se manifestar.

Em parte, isto está correto. Enquanto os sinais não surgirem, a vinda de Cristo não estará de fato próxima. Mas isto traz um efeito colateral que, inegavelmente, leva o cristão a ignorar a iminência, em virtude da busca incessante por sinais. Lembremo-nos de que, tanto os sinais, quanto a iminência, foram ensinados pela Bíblia. Consequentemente, ambos devem ter aceitação.

É digno ainda de atenção que os cristãos primitivos, para os quais os sinais foram pregados, também criam piamente na iminência da vinda de Cristo, e a esperavam ansiosamente, sem saberem se ocorreria em seus dias, ou nos de seus filhos. Esta conclusão pode ser auferida de uma busca superficial das Escrituras:

“Sede vós também pacientes e fortalecei o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima” (Tg 5.8).

Tiago alertou que a vinda do Senhor estava próxima. Isto sugere que poderá ocorrer a qualquer momento, sem o anúncio de eventos claros. Senão, que outra razão teria Tiago para transmitir a mensagem de que tal dia está próximo, se já se passaram dois mil anos sem que Jesus tenha voltado? É tão inesperada a vinda de Cristo, que até na era apostólica não se sabia se tal evento era iminente, ou se iria demorar mais. Nem mesmo Tiago sabia se Jesus demoraria, ou não, a voltar. Então quem somos nós para dar uma resposta conclusiva, afirmando que os sinais são mais importantes do que a iminência?

Além do versículo acima exposto, existem outras passagens bíblicas que confirmam a brevidade da vinda de Cristo:

“E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos. Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz” (Rm 13.11,12). “Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor” (Fp 4.5). “Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hb 10.25). “Ora, o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações” (1Pe 4.7). “Não retarda o

Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2Pe 3.9). “Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que é a última hora” (1Jo 2.18). “Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo” (Ap 1.3). “Portanto, arrepende-te; e, se não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca” (Ap 2.16). “Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” (Ap 3.11). “Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro [...] Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo [...] E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras [...] Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.7,10,12,20).

A vinda de Cristo já era esperada desde a era apostólica, tal era a noção de sua iminência. Os discípulos já pregavam a proximidade da volta de Jesus desde o princípio da igreja. Portanto, nunca passou pela cabeça deles que sete anos de tribulação precederiam aquele esperado dia, tampouco

deixaram de esperar a volta de Cristo por causa da ausência de sinais.

É bom considerarmos que, se Jesus disse para ficarmos apercebidos, atentos, e ansiosos pela Sua vinda, isso tem alguma finalidade. Algum motivo Ele teve para falar tal coisa. Com certeza, Jesus **não** disse isso para dar à igreja razões para **não** estar pronta para Sua volta. Não há a possibilidade de que o Mestre tenha proferido essas palavras para incentivar os crentes a **não** esperarem que Ele venha a qualquer momento. Seguramente, não foi esse o objetivo de Jesus. Deste modo, não tem lógica supor que Cristo não poderá voltar a qualquer instante.

E as referências bíblicas da iminência não devem ser ignoradas, pois não sabemos se os sinais já se cumpriram, ou não. De fato, é seguro afirmar que tais sinais têm previsão para acontecer antes da Grande Tribulação. E já começaram, como vimos em capítulos anteriores. Portanto, a vinda de Cristo é como uma bomba-relógio, a qual não se conhece o tempo programado para explodir.

Imprevisibilidade

Enquanto alguns pós-tribulacionistas repelem o conceito de vinda de Cristo iminente, esquecem-se de considerar que, além da iminência, há também imprevisibilidade.

Se a vinda de Cristo e o arrebatamento acontecerem só depois da Grande Tribulação, já não serão imprevisíveis como ensina a Bíblia. Porque, neste caso, ao começar a tribulação na Terra, todos saberiam com precisão qual seria o dia do arrebatamento. Porém, sem sinais de tribulação, o dia do arrebatamento será inopinado, podendo ocorrer a qualquer instante. Tal dia virá inesperadamente como um ladrão, e será um laço para os que não estiverem preparados.

Como os versículos abaixo estão repetidos em nosso estudo, o leitor pode visualizar apenas o que estiver sublinhado:

“Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai [...] Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor. Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o

ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso, ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá [...] Virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera e em hora que não sabe” (Mt 24.36,42-44,50). “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” (Mt 25.13). “Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas” (2Pe 3.10). “Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti” (Ap 3.3). “Eis que venho como vem o ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja a sua vergonha” (Ap 16.15). “Irmãos, relativamente aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu vos escreva; pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o Dia do Senhor vem como ladrão de noite. Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão. Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse Dia como ladrão vos apanhe de surpresa; porquanto vós todos sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas. Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiem e sejamos sóbrios” (1Ts 5.1-6).

“Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço. Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra. Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do Homem” (Lc 21.34-36). “Estai de sobreaviso, vigiai e orai; porque não sabeis quando será o tempo. É como um homem que, ausentando-se do país, deixa a sua casa, dá autoridade aos seus servos, a cada um a sua obrigação, e ao porteiro ordena que vigie. Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã; para que, vindo ele inesperadamente, não vos ache dormindo. O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai!” (Mc 13.33-37).

De modo geral, Jesus e os autores bíblicos asseveraram que o dia da volta do Senhor será como o dia do ladrão, que não avisa quando virá. Daí as várias advertências bíblicas para nos precavermos, vigiarmos e não dormirmos.

Mas, se ocorresse da forma planejada pelo pós-tribulacionismo, quando começar a Grande Tribulação, a vinda de Cristo deixaria de ser inesperada, pois todos veriam claramente que restarão apenas sete anos. E isto é o contrário

do que Jesus disse: “*ninguém sabe*”. O dia da volta do Senhor é um segredo Divino.

Na verdade, alguns pós-tribulacionistas fazem uma confusão. Pensando estarem combatendo o argumento da imprevisibilidade, atacam somente o da iminência da volta do Senhor. De nada adianta, porque, embora a vinda de Cristo talvez não esteja iminente, por falta de sinais, mas tem a certeza de que será imprevisível. Os sinais não anulam a imprevisibilidade. Quanto a isto, a Bíblia não negocia, nem cede espaço para refutações.

De forma resumida, temos três estágios de espera da vinda de Cristo:

- 1) No passado era inesperada, mas não era iminente, pois aguardava o aparecimento dos sinais.
- 2) No presente é inesperada e iminente, pois os sinais já começaram.
- 3) Após o início da Grande Tribulação seria iminente, mas não inesperada, porquanto todos conhecem a duração daquela tribulação.

Por isto, ao afirmar que a Grande Tribulação surgirá primeiro, o pós-tribulacionista faz mentirosos o Senhor e seus discípulos, que ensinaram que ninguém sabe o dia da vinda de Cristo. Se, ao começar a Grande Tribulação, todos puderem

prever que Jesus voltará em sete anos, tal vinda será conhecida e esperada por todos, ao contrário do dia do ladrão. Tal previsão é antibíblica, pelo que, um dos adventos de Jesus deverá ser desconhecido.

Por isto, debalde se esforça o pós-tribulacionismo em combater apenas o argumento da iminência, deixando de lado o da imprevisibilidade da vinda de Cristo.

ARREBATAMENTO DE QUEM?

O pós-tribulacionismo judaico afirma que o arrebatamento de 1 Tessalonicenses não é da igreja, mas o ajuntamento natural de Israel na volta de Cristo.

Baseia-se em versículos como:

“Ainda que os teus desterrados estejam para a extremidade dos céus, desde aí te ajuntará o Senhor, teu Deus, e te tomará de lá” (Dt 30.4). “Levantará um estandarte para as nações, ajuntará os desterrados de Israel e os dispersos de Judá recolherá desde os quatro confins da terra” (Is 11.12).

O pós-tribulacionismo associa os versos acima com este:

“E ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu” (Mc 13.27).

A semelhança entre os versículos acima é o suficiente para suprir a necessidade pós-tribulacionista de afirmar que o arrebatamento constante em 1 Tessalonicenses é de Israel.

Mas essa teoria cai, por várias razões.

Se observarmos melhor os versículos acima, veremos que as pessoas a serem ajuntadas são diferentes. Nas referências de Israel, elas são chamadas de “desterradas”, enquanto que nas referências de Mateus e Marcos, são chamadas de “escolhidas”. Só esse pequeno detalhe é bastante para concluirmos que se trata de um grupo diferente de pessoas, mesmo se ignorarmos as várias outras razões que contribuem para isto.

“Desterrado”, no hebraico é *nadach*, que significa: desterrado, banido, expulso. Trata-se de Israel, que foi exilado várias vezes de sua pátria.

“Escolhido” é a referência bíblica que se dá aos predestinados para a salvação. Muito embora o povo de Israel seja considerado escolhido, mas reporta-se a escolhas totalmente distintas. Uma é a escolha de Israel, outra é a dos eleitos, cujos nomes estão arrolados no Livro da Vida. Um é o Israel material, outro é o espiritual.

“Para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?” (Rm 9.23,24). “Assim pois também agora neste tempo ficou um resto,

segundo a eleição da graça [...] Pois quê? O que Israel buscava não o alcançou; mas os eleitos o alcançaram, e os outros foram endurecidos” (Rm 11.5,7).

Os trechos evidenciam palavras como “chamados”, “eleitos”, “preparados”. São alusivos à predestinação, e se referem à igreja, a qual é composta, tanto de judeus, quanto de gentios.

“Também Isaías clamava acerca d’Israel: ainda que o número dos filhos d’Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo” (Rm 9.27; Is 4.2,3; 10.20-22).

E falta espaço aqui para demonstrar que nem todo o Israel segundo a carne será salvo, que a verdadeira circuncisão é a do coração, que Abraão é pai de todos os que creem, sendo judeus, ou gentios.

Também não vou explicar sobre predestinação, pois suponho que todos já conheçam essa doutrina. O equívoco de presumir que os escolhidos do Novo Testamento constituem apenas o Israel material é ainda maior do que o primeiro.

Voltemos agora ao texto principal. Outro erro grosseiro, que passou despercebido pelo argumento de que o arrebatamento seja de Israel, pode ser revelado ao observar que Paulo levava uma mensagem à igreja de Tessalônica. Sua

prioridade era ensiná-los sobre Cristo e Sua vinda. Tessalônica é uma cidade grega. Por que Paulo se interessaria em informá-lo sobre o futuro do Israel material, mudando completamente de assunto?

Veja, pela sintaxe dos versículos, que os tessalonicenses também participarão do arrebatamento:

“Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4.15-17).

Paulo incluiu a si mesmo e aos tessalonicenses, quando disse que seremos arrebatados. Portanto, não está referindo-se a Israel. É uma clara referência aos vivos. Sim, qualquer eleito que estiver vivo no dia da volta do Senhor será arrebatado, seja ele judeu ou tessalonicense.

Mas alguém poderia perguntar:

“Paulo não poderia estar ensinando sobre Israel para os tessalonicenses?”

Não, de forma alguma! Ele jamais se referiu aos judeus naquele trecho. Observe como foi a continuação do tópico:

“Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras”
(1Ts 4.18).

Se o arrebatamento servia de consolação aos tessalonicenses, significa que eles também terão parte no arrebatamento. Era precisamente para eles aquelas palavras.

Observemos agora outro texto bíblico que fala do arrebatamento:

“Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soar, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (1Co 15.51,52).

Corinto também é uma cidade grega. Mas Paulo disse aos crentes de lá que eles também participarão do arrebatamento, se estiverem vivos naquele dia. O apóstolo utiliza a forma verbal na primeira pessoa do plural, incluindo

todos os coríntios. Portanto, o referido arrebatamento não é exclusivo de Israel.

O outro grave erro da pretensão pós-tribulacionista de supor que 1 Tessalonicenses trata apenas dos israelitas é que a palavra **arrebatamento**, que no grego é *harpazo*, significa literalmente “agarrar, levar pela força, arrebataram”. No caso de Israel, o verbo **ajuntar** denota algo muito diferente. O sentido muda.

Vejamos exemplos de outros empregos de *harpazo*:

“A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebata o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho” (Mt 13.19). “O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge; então, o lobo as arrebata e dispersa” (Jo 10.12).

Assim como o maligno arrebatava a palavra de Deus, quando semeada no coração do homem, e assim como o lobo arrebatava algumas ovelhas, Jesus arrebatará Sua igreja. Em outras palavras, Ele a tomará irresistivelmente e as levará ao céu. Não pode ser um simples ajuntamento, agrupamento, ou reunião.

“Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, não o vendo mais o eunuco; e este foi seguindo o seu caminho, cheio de júbilo” (At 8.39).

Felipe, depois de ter ensinado o eunuco, foi arrebatado pelo Espírito, de forma que não pôde mais ser visto. Num piscar de olhos, desapareceu daquele lugar, tornando a aparecer em outro.

“Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir.” (2Co 12.2-4).

Paulo foi ao céu. Isto é inegável. E é exatamente isto que Jesus fará com seus escolhidos, arrebatará e levará ao céu. Não se trata de mero ajuntamento, ou repatriamento.

Caso o leitor deseje conferir, aqui estão todas as referências de *harpazo*:

Mt 11.12; 13.19; Jo 6.15; 10.12,28,29; At 8.39; 23.10; 2Co 12.2,4; 1Ts 4.17; Jd 23; Ap 12.5.

Podemos comprovar, portanto, o sentido de arrebatatar que *harpazo* tem. A Bíblia registra 17 ocorrências deste vocábulo. Seria coerente supor que em todas as ocorrências há sentido de arrebatatar, exceto em 2 Tessalonicenses 4.17? Por que, justo no arrebatamento da igreja, o significado da palavra teria que ser diferente de todas as outras referências? É algo a refletir e analisar, para não ocorrer que, porventura, estejam deturpando a Palavra a benefício próprio.

Outro argumento pós-tribulacionista que pretende defender que o arrebatamento será de Israel, fundamenta-se na relação entre a data do arrebatamento e a da destruição da morte. Segundo esse argumento, o arrebatamento não poderá ocorrer antes da Grande Tribulação, pois se dará no momento em que a morte for destruída:

“E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória” (1Co 15.54).

Segundo a interpretação pós-tribulacionista, o versículo acima afirma que a morte já não existirá no momento do arrebatamento, onde os santos receberão corpos incorruptíveis. Por isto, tal arrebatamento consistiria no ajuntamento de Israel.

Há, entretanto, duas coisas que devem ser esclarecidas. A primeira é que a verdadeira reunião de Israel se dará no início do Milênio, e não depois dele, quando a morte for destruída.

A segunda é que o texto deixa evidente que a morte já não mais existirá unicamente para os que receberem corpos imortais! E isto não significa que não haverá mortes de outras pessoas depois daquele dia. Aqueles que forem ressuscitados ou transformados terão vencido a morte. Os demais não. Lembremo-nos de que a ressurreição dos ímpios só acontecerá depois de mil anos.

Este assunto já foi minuciosamente discorrido no capítulo chamado “Quando será a vitória sobre a morte”.

Aproveitando a deixa, convém explicar um versículo que confunde alguns pós-tribulacionistas a esse respeito:

“Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado” (Is 65.20).

A existência da morte durante o Milênio não fortalece o argumento de que o arrebatamento ocorrerá somente nos últimos dias, pois todos sabemos que a morte será o último

inimigo a ser destruído. E isto está de conformidade com o restante das Escrituras, as quais informam que haverá sim morte durante o Milênio. Mas quem será mortal naquele período? As nações ímpias que restarem da Batalha do Armagedom.

Todavia, os pós-tribulacionistas encontraram outra semelhança entre o ajuntamento de Israel e o arrebatamento: o fato de ter trombeta:

“Naquele dia, se tocará uma grande trombeta, e os que andavam perdidos pela terra da Assíria e os que forem desterrados para a terra do Egito tornarão a vir e adorarão ao Senhor no monte santo em Jerusalém” (Is 27.13).

Pelo amor de Deus! Será possível que todas as vezes que encontrarem a palavra “trombeta” na Bíblia ela estará se referindo à mesma coisa? Existem 113 menções dessa palavra no Livro Sagrado. Cada trombeta tem um objetivo específico e diferente. Além disso, a última trombeta de Apocalipse posiciona-se no meio da Grande Tribulação, não no final dela, tampouco no início do Milênio. Portanto, não se adequa à exigência pós-tribulacionista. Este assunto será ilustrado no capítulos referentes ao mesotribulacionismo.

Portanto, ainda que tentássemos driblar a sintaxe, a hermenêutica e a lógica, não conseguiríamos inferir que o

textos de 1 Tesalonicenses, 1 Coríntios e Mateus 24.31 tratam do ajuntamento de Israel. É muito mais plausível crer que falam literalmente do arrebatamento da igreja.

JESUS SÓ SAIRÁ DO CÉU APÓS A GRANDE TRIBULAÇÃO?

O pós-tribulacionismo, para sustentar que o arrebatamento não pode ocorrer antes da Grande Tribulação, apresenta versículos que mostram que Jesus estará no céu até o cumprimento das últimas coisas. Estando Ele no céu, não poderá descer antes para arrebatá-los os santos:

“Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés” (At 2.34,35). “A fim de que, da presença do Senhor, venham tempos de refrigério, e que envie ele o Cristo, que já vos foi designado, Jesus, ao qual é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade” (At 3.20,21).

Há duas objeções a esse argumento. A primeira é que, se for preferível interpretar literalmente que Jesus ficará no céu até que os inimigos sejam derrotados e até que todas as coisas sejam restauradas, nem o “pré”, nem o pós-

tribulacionismo acertaram na localização cronológica do arrebatamento. O arrebatamento necessita ocorrer antes do Milênio, e não no fim de todas as coisas, pois, antes do reino, os inimigos ainda não terão sido derrotados. Satanás só cairá após a chegada de Jesus.

A segunda objeção é que o ensino pré-tribulacionista prevê que, depois do arrebatamento, Jesus voltará ao céu. Nenhum pré-tribulacionista imagina que Jesus, ao arrebatá-la igreja permanecerá na Terra durante a Grande Tribulação. Pelo contrário, o pré-tribulacionismo ensina que Jesus descenderá somente até as nuvens, e retornará ao céu novamente. Depois, findos os sete anos, Ele voltará à Terra com os santos, para a Batalha do Armagedom e para o Milênio.

E assim, o argumento de que Jesus não terá tempo para fazer o arrebatamento, por estar no céu, não tem sustentação.

A TRIBULAÇÃO DOS SERVOS DE DEUS

O pré-tribulacionismo ensina que a igreja de Deus será arrebatada antes da Grande Tribulação, enquanto que o pós-tribulacionismo acredita que a igreja passará por ela.

Existem muitas indicações bíblicas de que os servos de Deus sofrerão a Grande Tribulação, as quais, muitas delas, foram mal interpretadas. Algumas referências realmente falam da Grande Tribulação, mas não falam da igreja. Outras, ao inverso, tratam da igreja, mas não da Grande Tribulação.

“Ah! Que grande é aquele dia, e não há outro semelhante! É tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será livre dela” (Jr 30.7).

A partir deste texto, o pós-tribulacionismo afirma que a igreja passará pela Grande Tribulação. É um erro comum, mas grotesco, confundir Israel com a igreja. O Velho Testamento, quando diz Israel, ou Jacó, jamais quer dizer igreja. A formação desta se deu somente após a morte de Jesus Cristo.

Outra premissa irrevogável é que todas as referências bíblicas da Grande Tribulação relacionam-se com Israel, e não

com a igreja (Jeremias 30, Daniel 9, 12, Mateus 24, Marcos 13, Lucas 21, Apocalipse). As setenta semanas, por exemplo, representam um plano de Deus para seu povo escolhido. Abrangem unicamente Jerusalém e Israel. Se as primeiras sessenta e nove semanas se referem à Israel, por que pensar que a septuagésima não? Se lermos atentamente Daniel 9.26,27, veremos que, até na última semana está a menção do templo e dos sacrifícios. E assim, em todos os textos bíblicos atinentes à Grande Tribulação estão inseridos nomes como: Jerusalém, templo, sacrifício, Israel.

Quando não tratam apenas de Israel, aludem à punição das nações ímpias. As nações são formadas por gentios que não fazem parte da igreja, pois esta nunca foi citada nas profecias da Grande Tribulação.

Prosseguindo, vejamos mais versículos que falam, **ou** da igreja, **ou** da Grande Tribulação:

“Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteram, caso não se arrependam das obras que ela incita” (Ap 2.22).

Este aviso consta na carta à igreja de Tiatira. Muitos teólogos associam as sete igrejas a sete estágios da igreja visível durante os séculos entre a ressurreição de Jesus e Sua

vinda posterior. E o presente versículo é, muitas vezes, usado para mostrar que a igreja será atribulada.

O termo “grande tribulação”, usado na carta, não parece aludir à Grande Tribulação mencionada em Mateus 24, a qual é de abrangência mundial, e maior do que todas as que já ocorreram durante a história da Terra. A autêntica Grande Tribulação abrangerá crédulos e incrédulos, e assumirá caráter global.

Tiatira possuía duas classes de pessoas. Uma delas era aprovada por Deus, pois possuía amor, fé, perseverança e obras. A outra se desviou da sã doutrina, por seguir uma falsa profetiza. E a advertência lavrada na carta não se direciona ao mundo todo, mas à igreja de Tiatira. Também não envolve toda a igreja de Tiatira, mas somente alguns de seus membros, os quais adulteraram com Jezabel. E isto apenas se não se arrependerem de suas obras. Significa que os rebeldes que se arrependerem escaparão da tribulação. Desta feita, a Grande Tribulação não é para a igreja, mas para os ímpios.

A profecia abaixo, entretanto, refere-se aos santos, e não aos ímpios:

“Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes

postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2.10).

Esta tribulação não foi imposta ao mundo inteiro, mas a alguns membros da igreja de Esmirna, com o fim de prová-los. Além disto, não se trata da Grande Tribulação de sete anos, pois durará apenas dez dias.

O que devemos discernir é que a Bíblia profetiza dois tipos de tribulações. A comum, e a cognominada Grande Tribulação. Aquela já ocorreu várias vezes no passado, ocorre no presente e ainda ocorrerá no futuro. Esta se cumprirá em data determinada, a qual somente Deus sabe quando. Aquela é sofrida somente pelos servos de Deus. Esta afligirá todo o globo terrestre. Aquela serve como provação de fé, enquanto que esta não será imposta à igreja.

Abaixo estão alguns exemplos de profecias de tribulações comuns:

“Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33). “Tornou Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com

perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna” (Mc 10.29,30).

Ver também: Mt 13.21; 24.9; Mc 4.17; At 20.23; Ap 2.10,22.

Tais tribulações já estão cumprindo-se no presente, notadamente nas cartas de Paulo, nas quais ele descreve as perseguições e os sofrimentos que ele e a igreja sofreram por amor a Cristo:

At 8.1; 11.19; 13.50; 14.22; Rm 5.3; 8.35; 12.10,12; 2Co 1.4,6,8; 2.4; 4.8,17; 6.4; 7.4,5; 8.2; Ef 3.13; Fp 4.14; Cl 1.24; 1Ts 1.6; 3.3,4,7; 2Ts 1.4,7; 2Tm 3.11; Hb 10.33; 11.36,37; Ap 1.9; 2.9.

Não se pode confundir as tribulações normais com a Grande Tribulação, que se destaca de maneira marcante, como se pode ver nos versículos seguintes:

“Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais [...] Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados” (Mt 24.21,29). E também: Mc 13.19,24; Lc 21.23; Rm 2.9; Ap 7.14.

Em Mateus 24, Jesus estava explicando os sinais que anunciarão Sua vinda. A partir do versículo 15, começou a

explicar sobre o que acontecerá durante a Grande Tribulação. Podemos estimar com precisão que o primeiro advento está interposto entre os versículos 14 e 15. Contudo, Jesus retoma o assunto dos sinais de Sua vinda a partir do verso 23. Não existe uma ordem cronológica na história contada por Ele.

No que tange à Grande Tribulação, ali está expresso:

“Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados” (Mt 24.22).

Aqui se registra que até mesmo os escolhidos serão participantes da Grande Tribulação. Para reforçar esta ideia, há também algumas passagens de Apocalipse:

“Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro” (Ap 7.14).

As vestiduras brancas denunciam que as almas que estão diante do trono são servas de Deus. Não somente a cor das vestes, mas principalmente o instrumento que as alvejou: o sangue do Cordeiro. Quem tem vestes brancas lavadas por aquele sangue é salvo, e reinará com Cristo durante o Milênio eternamente.

“Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos” (Ap 20.4).

Presume-se que estas almas que confrontaram a besta na Grande Tribulação são do mesmo grupo das que estão debaixo do altar, e das que estão diante do trono, acima mencionadas. Observe que o segundo grupo é parte constituinte do primeiro:

“E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram” (Ap 6.11).

Faltava morrer o restante dos conservos daquelas almas, para se completar o número dos salvos que participaram da Grande Tribulação e negaram a própria vida a fim de se tornarem mártires, por amor a Cristo.

As referências acima provam que os eleitos de Deus sofrerão a Grande Tribulação. Não gastarei tempo provando que os mártires acima são realmente eleitos e que terão vida

eterna, para não nos desviarmos do assunto principal. O que importa no momento é identificar quem são eles, e por que não foram arrebatados.

Alguns pré-tribulacionistas preferem acreditar que se trata de Israel, e não da igreja. Porém, outros pré-tribulacionistas (como eu) entendem que são realmente parte da igreja. Observe que o texto não fala de judeus, mas de gentios:

“Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos [...] São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro” (Ap 7.9,14).

O fato dos mártires da Grande Tribulação serem de diferentes nações, tribos, povos e línguas denota claramente que não constituem o Israel material. Isto implica que são pessoas que se converterão após o arrebatamento, tornando-se parte integrante da igreja, a noiva de Cristo. Certamente se trata de pessoas que ouviram falar do Evangelho antes do arrebatamento, mas não chegaram a se converter no devido tempo. Ou provavelmente serão pessoas introduzidas no seio da igreja, sem no entanto, nunca terem sido salvas. Depois do

arrebatamento, tais indivíduos lembrar-se-ão das advertências bíblicas, e decidirão se é preferível conservar a vida terrena, ou a vida espiritual. Esta escolha determinará a salvação de suas almas, integrando-as, ou não, aos santos.

Então as promessas bíblicas de tribulação dadas a servos de Deus cumprir-se-ão nos mártires da Grande Tribulação, e não na totalidade da igreja, nem em Israel.

Este argumento, contudo, não tem muita aceitação pelo pós-tribulacionismo, uma vez que as almas redimidas durante aquele período constituem inumerável multidão:

“Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos” (Ap 7.9).

Justifica-se este grande número citado no Apocalipse pelo fato de que a Terra é muito grande e que qualquer migalha dessa população seria inumerável. É bem provável que, dentre 7 bilhões de pessoas, os mártires compreendam um grupo de vários milhões. E assim, o fato de serem muito numerosos, não significa que representam toda a igreja.

O pré-tribulacionista, portanto, crê que a igreja não passará pela Grande Tribulação, embora admita que parte dela

só se converterá após o arrebatamento. Isto não se trata de arrebatamento parcial, pois todos os que estiverem preparados subirão naquele dia.

Em suma, a Grande Tribulação será apenas para as nações gentílicas, para Israel e para os últimos mártires. Assim como a água não se mistura com o óleo, não se pode encontrar na Bíblia o nome da igreja envolvido com o tema Grande Tribulação. As referências que tratam da Grande Tribulação, repito, referem-se a Israel, às nações e aos mártires. Já as referências que tratam da igreja fazem alusão às tribulações normais do presente.

A igreja será atribulada?

As especulações sobre que razões teria Deus para não arrebatá-la, antecipadamente apontam para a intenção de prová-la, discipliná-la ou purificá-la na Grande Tribulação.

A doutrina de um purgatório existe desde 1274 na igreja Católica Apostólica Romana. Seu desígnio era tornar puras as almas que ainda não alcançaram o direito de serem salvas. Obviamente, este não é o caso da igreja evangélica. As pessoas por quem Cristo morreu obtêm redenção absoluta através de Seu sangue. A necessidade de **purificar** aqueles que dantes foram purificados pelo sacrifício de Jesus tornaria nula sua validade. Isto aviltaria o poder salvífico do sangue do Filho de Deus.

“Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue” (At 20.28).

Desta feita, é um sacrilégio acreditar que os eleitos de Deus precisam completar sua purificação.

No que diz respeito à **provação**, não é coisa nova, pois, no decurso da história da igreja, alguns cristãos foram perseguidos, torturados e mortos por causa de sua fé. Aquele que for digno de sofrer por amor a Cristo, terá sua fé provada e fortalecida, além de receber galardão nos céus.

Mas Deus sempre resguardou Seu povo. A cada pessoa, individualmente, vinha provação equivalente ao que podia suportar. Nunca toda a igreja foi sentenciada à morte em um único período, de forma global. Se todos os missionários sofressem o que Paulo sofreu, muitos não teriam resistido até o final. Deus prova a cada um conforme as forças individuais. Submeter a igreja à Grande Tribulação seria generalizar toda a classe, condenando-a a martírios.

“Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar” (1Co 10.13).

A palavra *peirasmos*, acima, pode ser traduzida, tanto por “tentação”, quanto por “provação”. Deste modo, submeter toda a igreja ao mesmo tipo de provação distancia-se das formas usadas por Deus durante os séculos passados.

Além disso, devemos analisar até que ponto se pode considerar a Grande Tribulação semelhante às tribulações

normais sofridas pela igreja no passado. A Grande Tribulação supera todas elas, tornando impraticável que seja utilizada como método de provação que envolva toda a igreja.

Então, se o objetivo da igreja passar pela Grande Tribulação não pode ser a purificação, nem a provação, qual seria? Disciplina?

Toda **disciplina** é aplicada com o fim de corrigir os desobedientes, sancionando leve pena ou perda de privilégios. No entanto, os convertidos da época da Grande Tribulação não se caracterizam como servos desobedientes. Pelo contrário, são novos convertidos e mártires! A maior prova de amor a Deus é dar a própria vida por Ele! E isto não é sinal de desobediência, pelo que não lhes cabe penalidade alguma.

Na verdade, os principais objetivos da Grande Tribulação não incluem disciplinar para o aproveitamento, mas sim punir os incrédulos, enquanto ceifa a vida dos recém convertidos e os prepara para a ressurreição.

E, de qualquer forma, se de fato a igreja necessitasse ser purificada, provada, ou disciplinada, não faz sentido submeter apenas os vivos à Grande Tribulação. Seria um jugo desigual em relação aos santos que morreram durante os seis mil anos de história da Terra. Não merecem eles a mesma coisa dos que estiverem vivos até aquele dia?

Desse modo, esvaem-se os motivos que tornam necessário a igreja passar pela Grande Tribulação. Mesmo antes de transferir a discussão para a análise bíblica, nota-se que não tem precisão impor este ônus à igreja.

A igreja escapará da ira

No livro de Lucas, Jesus começou a revelar as coisas que antecederão Sua vinda e as que ocorrerão durante a Grande Tribulação. Ele conclui a explanação dizendo:

“Para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço. Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra. Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do Homem” (Lc 21.34b-36).

O contexto do livro de Lucas vem falando sobre o fim dos tempos, a vinda de Cristo e a Grande Tribulação. Estes versículos transmitem a nítida mensagem de que aqueles que vigiarem escaparão das coisas que têm de suceder. O original grego de “escapar” é *ekpheugo*, que significa literalmente: escapar, fugir, procurar refúgio. Então o fato de estarmos vigiando, não impede a vinda da Grande Tribulação, mas impede que estejamos ao seu alcance.

Esta mensagem é encontrada também em:

“Pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o Dia do Senhor vem como ladrão de noite. Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão. Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse Dia como ladrão vos apanhe de surpresa” (1Ts 5.2-4).

A Grande Tribulação só apanhará os que estiverem em trevas. O texto acima é a continuação imediata da narrativa do arrebatamento. As pessoas falarão de paz e segurança, quando, de repente, surgirá um mal tão grande sobre a Terra, comparado à dor do parto. Ninguém escapará, exceto os filhos da luz.

Isto nos leva a refletir sobre o prenúncio da vinda de Cristo. O texto evidencia claramente que o Dia do Senhor será precedido por um período de paz, ao contrário do que supõe o pós-tribulacionista. Portanto, não será a Grande Tribulação que anunciará a volta de Jesus. E ninguém, por mais que distorça o texto, será capaz de nos fazer imaginar que o povo, ao ser massacrado por árduas tribulações e flagelos, seja ludibriado com a visão de que a paz e a segurança reinam. Aquela paz será tão nítida, que as pessoas ficarão despreocupadas, assim como hoje, e assim como ficaram os

contemporâneos de Noé e os de Ló. E aquele dia lhes surpreenderá como um laço.

Logo após a paz daqueles dias, Paulo disse que virá o Dia do Senhor inesperada e repentinamente como um ladrão, trazendo Grande Tribulação, a qual afligirá toda a Terra. Escaparão porém os que estiverem preparados. E o texto continua:

“Porquanto vós todos sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas. Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios” (1Ts 5.5,6).

Isto confirma que a Grande Tribulação não atingirá os que estiverem vigiando.

“É porque o Senhor sabe livrar da provação os piedosos e reservar, sob castigo, os injustos para o Dia de Juízo” (2Pe 2.9). “Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra” (Ap 3.10). “Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro” (Dn 12.1).

Como pudemos ver acima, a coleção de versículos bíblicos que dizem que não passaremos pela tribulação dos últimos dias é muito vasta. Podemos agregar a elas as referências que contêm a palavra “ira”, ou “cólera”.

Primeiramente, antes de constataremos que a igreja escapará da ira, é necessário termos a compreensão de que a Grande Tribulação é uma ira de Deus:

“Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo” (Lc 21.23). “E disseram aos montes e aos rochedos: caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o Grande Dia da ira deles; e quem é que pode suste-se?” (Ap 6.16,17) “Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, tanto aos pequenos como aos grandes, e para destruíres os que destroem a terra” (Ap 11.18). “E vi outro grande e admirável sinal no céu: sete anjos que tinham as sete últimas pragas, porque nelas é consumada a ira de Deus [...] E um dos quatro animais deu aos sete anjos sete salvas de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre” (Ap 15.1,7). “E ouvi, vinda do templo, uma grande voz, que dizia aos sete anjos: Ide e derramai sobre a terra as sete taças da ira de Deus

[...] *E a grande cidade se dividiu em três partes, e caíram as cidades das nações. E lembrou-se Deus da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira*” (Ap 16.1,19).

Todos os textos acima mencionados representam nitidamente a Grande Tribulação, que está sendo chamada de “ira de Deus”. E agora podemos comprovar que os santos escaparão desta ira:

“Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira” (Rm 5.9). *“E para aguardardes dos céus o seu Filho a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura”* (1Ts 1.10). *“Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo”* (1Ts 5.9). *“Ninguém vos engane com palavras vãs; porque, por essas coisas, vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência”* (Ef 5.6).

A Bíblia é clara ao afirmar que seremos salvos da ira, e que esta é destinada apenas aos filhos da desobediência. Vejamos ainda outros versículos que confirmam essa ideia:

“Se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em

chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus” (2Ts 2.6-8).

O texto acima afirma que a tribulação é somente para os que atribulam a igreja aqui na Terra. Diz também que, quando Jesus vier do céu, tomará vingança apenas contra os desobedientes, enquanto que a igreja terá alívio.

“Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência e a avareza, que é idolatria; pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência” (Cl 3.5,6).

A ira de Deus vem apenas para os filhos da desobediência, aqueles que não mortificam os membros do corpo para a depravação. A igreja não se ajusta a esse quadro.

“A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça” (Rm 1.18).

A ira de Deus é destinada apenas aos impiedosos, os perversos e os injustos. E assim, vários versículos como estes são encontrados, nos quais a ira é só para quem tem coração duro, é contencioso e desobediente à verdade e pratica o mal:

“Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus [...] mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça [...] Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego” (Rm 2.5,8,9). “Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição. Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteram, caso não se arrependam das obras que ela incita” (Ap 2.21,22).

A tribulação não é para todos, mas para aqueles que praticam o mal. É para os que se prostituem física ou espiritualmente. A ira é destinada somente aos facciosos desobedientes, injustos, com coração impenitente. A igreja não se enquadra nestas descrições. Por isto, a Grande Tribulação, como é considerada ira, não pode ser destinada a toda igreja, como supõe o pós-tribulacionismo.

Na realidade, falta espaço para transcrever todos os textos atinentes ao assunto. Há versículos em que os homens são chamados de “vasos de ira”, os quais foram preparados para a perdição, enquanto os “vasos de misericórdia” foram preparados para a glória (Rm 9.22,23).

Há versículos que denominam “filhos da ira” os que andam nos desejos da carne (Ef 2.3). Desta forma, os que não satisfazem a vontade da carne não sofrerão ira.

Os saduceus erraram ao pensar que poderiam fugir da ira vindoura (Mt 3.7; Lc 3.7).

A ira de Deus permanece apenas sobre aqueles que não creem no Filho (Jo 3.36).

E isto não é coisa nova, pois é comum que Deus livre os seus da hora da provação, como sempre tem feito, a exemplo de Noé e de Ló (Gn.18:22-32; 2Pe 2.5-9). Se a presença do justo Ló foi suficiente para Deus não atingir Sodoma e Gomorra com fogo, quanto mais a presença da igreja O impediria de castigar a Terra com a Grande Tribulação? Desta feita, assim como Ló teve que sair da cidade para que Deus faça cair fogo do céu, a igreja também deverá se ausentar da Terra, para que os flagelos da Grande Tribulação possam ser derramados sobre as nações ímpias.

Diante de todas essas evidências bíblicas, é seguro crer que a igreja será livrada da Grande Tribulação. Não obstante, alguns teólogos afirmam que, embora haja esse livramento, a igreja permanecerá na Terra durante aquele período, mas sem ser atingida pela Grande Tribulação.

Se consultarmos as páginas do Apocalipse, veremos forte oposição a este argumento. Lá se registra que os servos de Deus que estiverem na Terra jamais escaparão da ira:

“E lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta” (Ap 13.15).

Quem adorar a besta não pertence à igreja, e está condenado. Mas qualquer que não adorar a imagem a besta será morto. Portanto, se a igreja (os novos convertidos da época) estiver presente na Terra, será inevitavelmente assassinada. E isto é exatamente o oposto de escapar ilesa!

“A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a fronte, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome” (Ap 13.16,17).

Se a igreja estiver na Terra, não receberá a marca da besta e, conseqüentemente, não poderá comprar nem vender. Por fim, morrerá de fome, a menos que tenha alimentos estocados para três anos e meio. Isto é passar por tribulações.

“Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos

decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos” (Ap 20.4).

Mais uma vez, se os membros da igreja estiverem na Terra durante a Grande Tribulação, não adorarão a besta e serão decapitados. Ser decapitado não significa escapar da Tribulação.

Vejamos agora o que foi dito à igreja de Filadélfia:

“Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra” (Ap 3.10).

A igreja, além de escapar da tribulação que há de vir sobre toda a Terra, escapará da hora da tribulação. Isto põe em descrédito a teoria de que a igreja ficará na Terra sem ser atingida pela tribulação. Observe ainda que João, devidamente inspirado pelo Espírito Santo, escreveu “da hora”, e não “na hora”, o que corrobora ainda mais o argumento de que a igreja não permanecerá na Terra no momento da Grande Tribulação. No original consta a preposição *ek*, que translitera “de”. João bem que poderia ter usado *en*, que é a preposição “em”.

Ser guardado “na hora” tem relação com o tempo, enquanto que “da hora” abrange também o espaço, indicando que haverá uma separação física entre a igreja e a Tribulação.

Além disso, ainda que seja possível permanecer na Terra sem sofrer a ira, não faz sentido, nem há razão para Deus deixar seu povo na Terra, se não quer que este seja atingido pela Grande Tribulação.

Mas, quando a Bíblia diz que a Igreja será salva da ira, subentende que a mesma estará apartada do meio dos ímpios. Foi assim no dilúvio, no incêndio de Sodoma e Gomorra, na morte dos filhos de Coré. Aqueles que Deus queria livrar não estavam intercalados, convivendo com os aqueles que Deus queria atingir. Foram previamente separados.

Entretanto, alguém poderia usar, como prova de que a igreja estará presente na hora da Grande Tribulação, o texto que relata a visão da mulher que fugia do dragão:

“A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias [...] E foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse até ao deserto, ao seu lugar, aí onde é sustentada durante um tempo, tempos e metade de um tempo, fora da vista da serpente” (Ap 12.6,14).

De fato, essa mulher não sofrerá os danos da segunda metade da Grande Tribulação, pois escapará da vista da serpente. Mas a maioria dos teólogos acredita que a mulher é Israel, e não a igreja. E não era para menos, pois a Bíblia o declara indubitavelmente.

A figura de uma mulher é utilizada várias vezes na Bíblia para descrever a igreja como noiva do Cordeiro. Porém, antes de tudo, na visão de João, a mulher não é noiva de Jesus, e sim Sua mãe. A igreja não gerou Jesus, mas foi Jesus quem criou a igreja.

A interpretação mais unânime entre os teólogos é que a mulher seja Israel, pois é deste povo que descende o Messias (Rm 9.5). Pela genealogia, Jesus é filho de Davi e de todos os patriarcas.

Israel também assumiu a identidade feminina e foi chamado de esposa de Deus (ínfel, na maioria das vezes) em várias referências bíblicas: Is 1.1,21; 47.7-9; 54.5,6; 66.7-9; Jr 3.1-13; 4.30,31; 22.20,22; Ez 16.3,7-63; 23.2-45; Os 2.1-12,16,19; 3.1-3; 9.1; Mq 4.9,10; 5.3; Ap 12.1.

O contexto da visão também aponta para a informação de que a mulher é Israel, visto que o capítulo anterior se desenvolve principalmente em Jerusalém (Ap 11.8).

A própria aparência da mulher evidencia traços das tribos de Israel. Tinha uma coroa com doze estrelas, e também tinha relação com o sol e a lua. Isto se assemelha ao sonho de José sobre os doze filhos de Israel:

“Viu-se grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça, que, achando-se grávida, grita com as dores de parto, sofrendo tormentos para dar à luz.” (Ap 12.1,2).

“Teve ainda outro sonho e o referiu a seus irmãos, dizendo: Sonhei também que o sol, a lua e onze estrelas se inclinavam perante mim. Contando-o a seu pai e a seus irmãos, repreendeu-o o pai e lhe disse: Que sonho é esse que tiveste? Acaso, viremos, eu e tua mãe e teus irmãos, a inclinar-nos perante ti em terra?” (Gn 37.9,10).

Nesse sonho, as estrelas representam os filhos de Israel, o sol representa o próprio Israel, e a lua simboliza sua esposa. Posteriormente, esses doze filhos vieram a se tornar as doze tribos de Israel.

E assim fica biblicamente estabelecido que a mulher não é a igreja, mas Israel. Não obstante, por alguma razão, alguns estudiosos acharam por bem afirmar que a mulher deixa de figurar Israel, a partir do nascimento do Messias, passando a personificar a igreja doravante.

Porém, essa conclusão não foi auferida do texto. É um dado extrabíblico. Não perderei tempo aqui combatendo um argumento que não saiu das páginas das Escrituras. Além disto, não tem lógica uma única personagem figurar duas entidades distintas no mesmo contexto, sem que a Bíblia faça uma ressalva indicando essa mudança.

Portanto, é plausível crermos que Israel será salvo **na** hora da Grande Tribulação, embora não seja salvo **da** hora dela, pois permanecerá na Terra. Quanto à igreja, será salva, tanto na hora, quanto da hora da Tribulação, pois será previamente arrebatada.

Cita-se os 144 mil israelitas, que estarão presentes na Grande Tribulação. Eles serão selados para escaparem de dois flagelos: o dos gafanhotos e o dos quatro anjos (Ap 7.2-4; 9.4). Afora estes dois tormentos, provavelmente, serão salvos também do restante da tribulação. Ademais, não há respaldo bíblico para supormos que outras pessoas, além dos 144 mil israelitas, receberão o selo. De fato, como pudemos constatar acima, os outros servos de Deus não o receberão, pois estarão sujeitos à morte pela besta.

E assim podemos concluir que há muitas dificuldades bíblicas em defender que a igreja sofrerá a Grande Tribulação. Deste modo, torna-se viável um arrebatamento prévio, para

que Deus possa levar os Seus, assim como a arca levou a família de Noé, tirando-a do meio do povo.

ARREBATAMENTO PARCIAL?

Em Apocalipse 20 se registra que serão ressuscitados os mártires da Grande Tribulação. Mas de onde surgirão essas pessoas, se todas foram arrebatadas na primeira fase da vinda de Cristo?

Certos estudiosos nutrem o conceito de que o arrebatamento será parcial. Para tanto, apoiam-se na ideia de que Jesus vem buscar somente os que estiverem aguardando Sua vinda (1Co 1.7,8; Fp 3.20; Tt 2.13; 2Tm 4.8; Hb 9.28).

Essa teoria, entretanto, apresenta algumas falhas. A primeira é que agrega oferta de segunda chance de salvação aos que tiveram sua oportunidade perdida antes do arrebatamento. E isto não concorda com a doutrina salvífica bíblica.

A segunda falha é que a teoria descaracteriza a essência da obra redentora de Jesus na cruz. O preço pago por Cristo nos trouxe salvação pela graça, e não pelas obras. Ninguém, na verdade, é salvo pelo que faz, mas pelo que é. Se alguém não está atento, aguardando a vinda do Senhor, significa que não é salvo. Não pode ser considerado “crente desavisado”, mas

“incrédulo”. Não há meio termo. Ou somos de Cristo, ou não. Todos os convertidos que estiverem vivos no dia do arrebatamento estarão aguardando a vinda do Senhor, devidamente preparados para tal.

A terceira falha consiste em admitir que parte da igreja passará pela Grande Tribulação, o que é considerado inaceitável pela maioria dos pré-tribulacionistas, cujas razões já foram examinadas nos capítulos anteriores. A igreja não precisa ser provada, nem passar por purgatório para se purificar, uma vez que o sangue de Cristo é suficiente para salvar todos por quem foi derramado.

A quarta falha é ignorar o fato de que a condição final de uma pessoa é a mesma em duas ocasiões: o fim de sua vida, ou o dia de um arrebatamento repentino. O que determina se tal pessoa é salva é exatamente sua condição espiritual no dia de sua morte, ou no dia do arrebatamento, o que vier primeiro. E ninguém admite que seja dada outra oportunidade salvífica depois da morte. Então por que apenas os vivos teriam segunda chance, e os mortos não? Isto seria uma condição desigual em relação aos que já morreram.

De qualquer forma, a regra discutida acima ainda é válida, na qual todos os salvos genuínos estão preparados para

uma vinda repentina de Jesus. Quem não estiver apercebido é porque não pertence ainda ao grupo dos escolhidos.

A quinta falha de um arrebatamento parcial é a desconsideração do facto de que a igreja é unida, e não pode desmembrar-se. A igreja é o corpo de Cristo, é a noiva do Cordeiro, é a construção na qual Ele é a pedra angular, é a oliveira formada de ramos judeus e ramos gentios. A Bíblia insiste na ideia da unidade, de forma que não é possível supor que Jesus virá e levará somente uma parcela desse corpo, deixando o restante para trás. Quando Ele vier, arrebatará todos os membros da igreja vivos. Quem não fizer parte da igreja ficará.

Além das argumentações bíblicas expostas acima, a Bíblia traz a informação literal e direta que contraria um arrebatamento parcial:

“Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soar, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (1Co 15.51).

Todos os justos que estiverem vivos serão transformados. Jesus não fará acepção de pessoas, escolhendo alguns em detrimento de outros.

Então como se explica a multidão de mártires na Grande Tribulação? A resposta cabível é que serão novos convertidos. Sua dedicação ao Senhor terá início apenas depois do arrebatamento, como já vimos anteriormente.

É válido frisar que a argumentação contra um arrebatamento parcial não pretende anular as advertências bíblicas de aguardarmos a volta do Senhor. Nem é da opinião de que os que não estiverem prevenidos serão arrebatados incondicionalmente. Pelo contrário, Jesus só levará aqueles que amam a Sua vinda, e que estiverem preparados.

Observa-se, entretanto, que aqueles que não estiverem preparados para a vinda de Cristo não podem ser chamados de cristãos. O genuíno servo de Deus está ansioso e aguarda Sua chegada. Quem realmente é membro da igreja, seja ele “pré”, ou pós-tribulacionista, previne-se para a volta inesperada de Jesus, ainda que não creia que tal volta seja de fato inesperada. Não é por ser pós-tribulacionista que o indivíduo deixa de ser cristão, ou perde o direito de ser arrebatado.

DUAS FASES DA VINDA DE CRISTO

Conforme o ponto de vista pré-milenista e pré-tribulacionista, a vinda de Cristo será dividida em duas fases. Não se trata de primeira e segunda vinda, mas de dois estágios de uma única vinda, separados por apenas sete anos.

O período de sete anos pode ser considerado grande aos nossos olhos. Mas, se comparado com o intervalo entre as visitas do Senhor à Terra, é um lapso quase irrelevante. Os hebreus esperaram dois milênios para o nascimento de Jesus. Mais outros dois mil anos separam a primeira vinda da segunda. Portanto, considera-se as duas manifestações futuras como partes de uma única vinda.

A primeira marcará o início da série de eventos que antecederão a consumação do fim dos tempos terrenos. Como não ocorrerá nenhuma solenidade ou cataclismo antes do primeiro advento de Cristo, será inesperado e surpreenderá todos. Jesus descerá somente até as nuvens, onde Se encontrará com os santos arrebatados e com os ressurrectos. Nessa fase, ninguém verá o Senhor, exceto os seus servos, que subirão com Ele ao céu.

Depois disto, ocorrerá a Grande Tribulação sobre a Terra. Findo este período, Jesus voltará novamente. Mas, desta vez, virá com os ressurrectos, com os arrebatados e com os anjos. Na ocasião acontecerá a ressurreição dos mártires que se converterem e morrerem durante a Grande Tribulação. Nesta fase, Jesus ficará na Terra, juntamente com todos os salvos e instituirá o reino milenar sobre as nações que ainda permanecerem vivas após a Batalha do Armagedom.

Resumidamente, na primeira etapa Jesus virá só até as nuvens e não será visto por nenhum incrédulo. Na segunda, descerá até a Terra, com grande glória, sendo contemplado por todos. Na primeira fase Ele virá para os santos e, na segunda, com os santos.

“Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez, para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação” (Hb 9.28).

Podemos ver neste versículo que o aparecimento de Jesus será apenas aos que o esperam para a salvação. E isto ajuda a compreender que haverá uma etapa de Sua vinda em que não se manifestará a todos, mas somente aos salvos. Apenas os olhos dos eleitos poderão vê-Lo.

Entretanto, parece insustentável a ideia de que Ele possa vir ao mundo e fazer secretamente ressurreições e

arrebatamentos, que são eventos de escala mundial. Mas sabemos que, para Deus, tudo é possível. Por isto, não descartamos a possibilidade de que Sua Vinda possa ser silenciosa e sigilosa. Além disso, à luz do texto bíblico que narra o arrebatamento, não é incoerente o pensamento de que ninguém poderá ver Jesus, pois Sua descida não será até a Terra, mas esperará seus escolhidos nas nuvens:

“Depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4.17).

Isto prova que a primeira fase da vinda de Cristo será somente até as nuvens, e que é perfeitamente normal admitir que ninguém poderá vê-Lo, exceto os que subirem nelas juntamente com Ele.

Um encontro nas nuvens apoia a ideia de que Jesus não virá para ficar, mas para voltar. Porque, senão, não faria sentido interromper a descida nas nuvens. Se Ele fosse vir para ficar, poderia descer até o solo, de onde orquestraria o arrebatamento e a ressurreição. Nada impede que esses eventos possam ser comandados da Terra, até porque ainda há várias outras coisas a se realizarem em solo depois da vinda de Cristo.

Desta feita, a descida às nuvens evidencia que, em uma das etapas de Sua vinda, Jesus não cumprirá várias das profecias previstas para o Dia de Cristo, como a de ressuscitar os ímpios, julgar as nações, vencer a besta, estabelecer o Milênio e várias outras. Resta, portanto, a necessidade de vir segunda vez para que todas as profecias sejam cumpridas com êxito.

Na segunda vez, Ele será visto por toda a Terra:

“Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem [...] Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória” (Mt 24.27,30).

A segunda vinda será a consumação final do chamado Dia do Senhor, no qual Jesus julgará vivos e mortos, trazendo juízo para os ímpios e recompensas aos justos. É nessa ocasião que Jesus desce com os santos, para guerrear contra os exércitos em Armagedom. Seu exército são os homens santos (1Ts 3.13; Ap 17.14) e os santos anjos (Zc 14.5; Mt 16.27; 25.31; Mc 8.38; 2Ts 1.7; Jd 14).

Sobre 1 Tessalonicenses 4.13-18, a maioria dos estudiosos concorda que a palavra “encontro”, que no original

grego é *apantesis*, significa “encontrar para voltar junto”. Não é muito frequente o uso desse vocábulo no Novo Testamento. Encontra-se apenas em: Mt 25.1,6; At 28.15; 1Ts 4.17.

Nestes versículos, vemos a narração do encontro de Jesus com os santos para voltar ao céu com eles. Vemos também o encontro dos irmãos com Paulo, na praça de Ápio, para retornarem com ele a Roma. E vemos também as dez virgens, que saíram para se encontrar com o noivo da parábola. Certamente não morarão no local de encontro, mas voltarão para o lugar de onde vier o noivo.

Estes são indícios de que o primeiro encontro de Jesus será para voltar ao céu, pois que *apantesis* sugere a ideia de encontrar para voltar.

Se o arrebatamento fosse depois da Grande Tribulação, Jesus poderia vir para ficar no Milênio, e não para voltar, como diz 1 Tessalonicenses 4.13-18. A Grande Tribulação é um motivo para não começar de pronto o Milênio.

Diga-se de passagem que, se Jesus viesse diretamente para o Milênio, nem precisaria arrebatá-la Igreja, pois o Milênio será na Terra.

Quando Ele vier, levar- nos-á ao céu:

“E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também” (Jo 14.3).

O versículo afirma que, quando Jesus voltar, nós estaremos onde Ele está, e não onde nós estamos. É um encontro para voltar ao céu.

“Depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arreatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4.17).

O versículo traz a indicação de que o encontro será nas nuvens, e que seremos arrebatados ao céu, onde estaremos para sempre com o Senhor. Analisando sob esse ponto de vista, o versículo acima está em desconexão com a crença numa única vinda após a Tribulação. Porque, quando Ele voltar depois da Grande Tribulação, necessário é que fique na Terra durante mil anos, para derrotar os exércitos da besta, para reinar e para julgar vivos e mortos.

Portanto, ou Jesus vem para ficar, ou vem para arreatar. Se Ele ficasse e arrebatasse ao mesmo tempo, descaracterizaria o significado da palavra “arreatar” e o propósito deste ato. Arreatar significa tomar e levar irresistivelmente. A referência de 1 Tessalonicenses nos obriga

a considerar a probabilidade de que haja realmente dois estágios na vinda de Cristo. Um em que Ele nos arrebatará ao céu, e outro em que reinará na Terra. Doutra sorte, não seria possível conciliar o versículo em questão. Como poderemos ir ao céu e reinar na Terra ao mesmo tempo?

Outra incompatibilidade com uma única vinda é a identidade das pessoas que são o objeto da primeira ressurreição:

“Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição” (Ap 20.4,5).

A proposição pós-tribulacionista assume que a ressurreição acima é a de todos os santos que viveram em todos os tempos do mundo. Assim, a primeira ressurreição seria feita em uma única etapa, envolvendo todos os justos de uma vez.

No entanto, isto não é o que está explícito no texto. A revelação deixa claro que João viu somente os mártires da Grande Tribulação ressuscitarem. São os que morreram por preferirem adorar Jesus a adorar a besta. Por isto, é plausível crer que houve outra etapa da primeira ressurreição antes.

Se relacionarmos o texto de Apocalipse 20 com o de 1 Tessalonicenses 4, veremos que não há nenhuma semelhança. Isto denota que são duas ressurreições distintas. Isto já foi pormenorizado em capítulos anteriores.

Portanto, vários argumentos lógicos, além de várias passagens bíblicas, exigem a necessidade de que a vinda de Cristo seja dividida em duas etapas. Do contrário, grande confusão escatológica permaneceria sem explicação.

Os originais hebraicos da vinda de Cristo

A solenidade mais esperada pelos cristãos é a chegada do Senhor, conforme as profecias. É o que a Bíblia chama de vinda, ou manifestação, ou revelação de Jesus.

Alguns teólogos pré-tribulacionistas convencionaram identificar as duas fases da vinda de Cristo de acordo com os vocábulos gregos originais. A teoria atribuiu a esses vocábulos um significado específico, onde cada um deles representa uma ocasião própria da vinda de Jesus. Segundo essa concepção, o primeiro advento é chamado pelo original de *parousia*, que quer dizer “presença, chegada, vinda”. A segunda fase é conhecida através dos originais *apokalypsis* e *epiphaneia*. *Apokalypsis* é, em português, “revelação”. O verbo correspondente é *apokalupto*. E *epiphaneia* significa “aparição, manifestação”.

Vejamos exemplos:

“No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda [parousia] e da consumação do século” (Mt

24.3). “E a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar [apokalupsis] o Senhor Jesus com os anjos do seu poder” (2Ts 1.7). “Que guardes o mandato imaculado, irrepreensível, até à manifestação [epiphaneia] de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Tm 6.14).

Na verdade, são três palavras comuns do idioma grego, as quais são empregadas livremente em diferentes construções gramaticais. Não podemos separá-las, de forma que sejam dedicadas apenas para descrever a vinda de Cristo.

Por exemplo, existem várias referências dando a indicação de que a *parousia* **não** será uma vinda secreta até as nuvens. E isto faz com que a palavra perca a exclusividade de descrever o primeiro advento:

“Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda [parousia] do Filho do Homem” (Mt 24.27).

Segundo o versículo acima, a vinda de Cristo será visível a todos, tanto quanto um relâmpago na região em que ocorre. Por isto, não é um versículo referente à primeira parte, apesar de conter a palavra *parousia*.

“A fim de que seja o vosso coração confirmado em santidade, isento de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na

vinda [parousia] *de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos*” (1Ts 3.13).

Como é vinda com os santos, retrata a segunda parte da vinda de Cristo, e não a primeira, como se esperava pela interpretação do vocábulo original.

“Então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação [epiphaneia] de sua vinda [parousia]” (2Ts 2.8).

Esta profecia não se cumprirá na primeira parte da vinda de Cristo, e sim na segunda, quando Ele tornará inoperante o iníquo, que é a besta apocalíptica.

Além disso, num mesmo versículo estão expostas as duas palavras. Onde se lê “manifestação”, está o original *epiphaneia*, e, onde se lê “vinda”, o original é *parousia*. Portanto, não se pode acreditar que *parousia* seja especificamente a primeira parte da vinda de Cristo, enquanto que *epiphaneia* seja a segunda parte. Porque ambos os vocábulos estão falando da mesma vinda, um complementando o sentido do outro.

A palavra *parousia* não é usada exclusivamente para descrever a primeira parte da vinda de Cristo. Além de narrar a

ambas as partes, também é utilizada para falar da vinda de outras pessoas, como podemos ver nos versículos abaixo:

“Alegro-me com a vinda [parousia] de Estéfanos, e de Fortunato, e de Acaico; porque estes supriram o que da vossa parte faltava” (1Co 16.17). E também: 2Co 7.6,7; 10.10; Fp 1.26; 2.12; 2Ts 2.9.

Não há, portanto, a menor razão para separarmos essa palavra e adotá-la unicamente como referência à primeira vinda de Cristo.

Quanto à palavra *epiphaneia*, a regra não muda. Não é uma palavra exclusiva para a vinda de Cristo, uma vez que também foi utilizada para narrar a vinda passada de Jesus, na era apostólica:

“E manifestada, agora, pelo aparecimento [epiphaneia] de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho” (2Tm 1.10).

Consideremos agora a palavra *apokalupsis*, utilizada para descrever a segunda parte da vinda de Cristo. Como o significado literal da palavra é “revelação”, é óbvio que também é empregada em diversas ocasiões que não se relacionam com aquele dia:

“Agora, porém, irmãos, se eu for ter convosco falando em outras línguas, em que vos aproveitarei, se vos não falar por meio de revelação [apokalupsis], ou de ciência, ou de profecia, ou de doutrina?” (1Co 14.6). “Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado [apokalupto] o homem da iniquidade, o filho da perdição” (2Ts 2.3).

Como se pode ver, é uma palavra comum que não implica em resultado técnico, o que nos impossibilita reservá-la apenas para retratar a vinda de Cristo.

Para eventuais conferências, estas são todas as ocorrências do vocábulo *parousia*:

Mt 24.3,27,37,39; 1Co 15.23; 16.17; 2Co 7.6,7; 10.10; Fp 1.26; 2.12; 1Ts 2.19; 3.13; 4.15; 5.23; 2Ts 2.1,8,9; Tg 5.7,8; 2Pt 1.16; 3.4,12; 1Jo 2.28.

Aqui, o substantivo *apokalypsis*:

Lc 2.32; Rm 2.5; 8.19; 16.25; 1Co 1.7; 14.6,26; 2Co 12.1,7; Gl 1.12; 2.2; Ef 1.17; 3.3; 2Ts 1.7; 1Pe 1.7,13; 4.13; Ap 1.1.

A forma verbal *apokalupto*:

Mt 10.26; 11.25,27; 16.17; Lc 2.35; 10.21,22; 12.2; 17.30; Jo 12.38; Rm 1.17,18; 8.18; 1Co 2.10; 3.13; 14.30; Gl 1.16; 3.23; Ef 3.5; Fp 3.15; 2Ts 2.3,6,8; 1Pe 1.5,12; 5.1.

E estas, as ocorrências de *epiphaneia*:

2Ts 2.8; 1Tm 6.14; 2Tm 1.10; 4.1,8; Tt 2:13.

Com estas considerações, está claro que não podemos associar as duas etapas da vinda de Cristo com os originais: *parousia*, *apokalypsis* ou *epiphaneia*. As palavras são sinônimas e, ao mesmo tempo, independentes. Isto não significa, entretanto, que não haverá uma divisão da vinda de Cristo em duas fases.

CONCLUSÃO

Na verdade, não existem versículos que nos obriguem a crer que o arrebatamento ocorrerá antes, depois, ou no meio da Grande Tribulação.

Contudo, entre o “pré” e o pós-tribulacionismo, a Bíblia tende a apoiar aquela teoria, em detrimento desta. De fato, para harmonizar as previsões escatológicas, há a impreterível necessidade da vinda de Jesus se dividir em duas partes. Precisa haver duas ressurreições de justos no fim dos tempos. Precisa também haver arrebatamento, para livrar a igreja da Grande Tribulação. Necessita haver intervalo entre a penúltima e a última semana de Daniel. Jesus deverá voltar antes dessa Tribulação, para que fique caracterizado a imprevisibilidade do dia de Sua volta.

Enfim, tudo converge ao cronograma prescrito pelo pré-tribulacionismo, o qual garante o menor número de problemas hermenêuticos.

Volume 3:

Mesotribulacionismo

A PRIMEIRA METADE TAMBÉM É TRIBULAÇÃO

O Volume 3 desta obra, igualmente, tem ligação direta com os anteriores. Sendo assim, é impreterível a leitura dos Volumes 1 e 2, a fim de que a compreensão seja plena.

Mesotribulacionismo é a corrente teológica que crê que a vinda de Jesus e o arrebatamento ocorrerão no meio da Grande Tribulação. O mesotribulacionista acredita que a Grande Tribulação não durará sete anos, mas apenas três e meio. Considera a primeira metade da última semana de Daniel como tempo normal, antes do arrebatamento.

Porém, não justifica chamar de Grande Tribulação apenas a parte em que a besta se manifestar. A besta é apenas uma das calamidades constantes na Grande Tribulação. Diga-se de passagem que a besta governará o mundo desde o começo dos sete anos, vindo a se rebelar apenas na metade do período.

A primeira metade da última semana, como se pode ver abaixo, é sim marcada por uma tribulação tão grande como nunca ocorrera antes:

- 1) Primeiro selo. Surge um cavaleiro que muitos teólogos interpretam como um conquistador que se faz passar pelo Cordeiro.
- 2) Segundo selo. Aparece um cavaleiro que tira a paz da terra para que os homens se matem uns aos outros.
- 3) Terceiro selo. Ocorre fome gravíssima, que atingirá primeiramente os pobres.
- 4) Quarto selo. Surge um cavaleiro de nome Morte, que matará a quarta parte da terra.
- 5) Quinto selo. Aparecimento de mártires.
- 6) Sexto selo. Sobrevirá grande terremoto, o Sol se tornará negro, a lua toda, como sangue, as estrelas do céu cairão pela terra e o céu recolher-se-á como um pergaminho quando se enrola. Todos os montes e ilhas serão movidos do seu lugar. Até mesmo os reis e os poderosos pedirão a própria morte para não sofrerem aqueles dias.
- 7) Sétimo selo. Os sete anjos se preparam para tocarem as sete trombetas.
- 8) Primeira trombeta. A terça parte da terra será queimada.
- 9) Segunda trombeta. A terça parte do mar será transformada em sangue.

- 10) Terceira trombeta. A terça parte das águas doces ficarão amargas.
- 11) Quarta trombeta. A terça parte do sol, da lua e das estrelas parará de brilhar.
- 12) Quinta trombeta. Gafanhotos com poder de escorpiões atormentarão os homens durante cinco meses.
- 13) Sexta trombeta. Serão soltos os quatro anjos que se encontram atados junto ao grande rio Eufrates, para que matem a terça parte dos homens. Surgirão as duas testemunhas.
- 14) Sétima trombeta. A besta quebrará a aliança.

São fatos que ocorrerão na primeira metade. Se tudo isto não puder ser chamado de Grande Tribulação, torna-se inútil e inválido qualquer estudo acerca deste assunto.

Jamais devemos nos esquecer de que a própria Bíblia chama de tribulação a primeira metade dos sete anos:

“Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos [...] Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro” (Ap 7.9,14).

Esta grande multidão de mártires veio dos primeiros 3,5 anos, antes da abertura do sétimo selo. Ela já padeceu a Grande Tribulação e já morreu em função dela, em meados da primeira metade.

O fato da primeira metade também ser considerada Grande Tribulação implica em algumas consequências. A primeira é que, se houver a necessidade de um arrebatamento que salve a igreja da Grande Tribulação, deveria ocorrer no início dos sete anos, e não no meio.

A segunda é o conhecimento da data da vinda de Cristo, a qual poderia ser prevista e devidamente calculada pelo homem. Quando forem tocadas as seis trombetas, ficaria claro que a sétima se aproxima. Então, como o mesotribulacionismo atribui à sétima trombeta o dia da vinda de Cristo, no momento em que as consequências das seis primeiras trombetas ficarem visíveis na Terra, é de se esperar a volta do Salvador. E isto está em desconformidade com a imprevisibilidade que a Bíblia atribui ao dia da vinda de Cristo.

Conclui-se que o primeiro advento não pode estar localizado no meio da Grande Tribulação. Necessário é que ocorra no começo.

TROMBETAS

O mesotribulacionismo aponta uma suposta falha nas doutrinas “pós” e pré-tribulacionista, que é a não equiparação das trombetas do arrebatamento com as da Grande Tribulação:

“Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4.15-17). “Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (1Co 15.51,52). “E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt 24.31).

A teoria julga ser correto considerar que a trombeta de 1 Tessalonicenses, de 1 Coríntios e de Mateus é a mesma de Apocalipse. A última das sete trombetas do livro das revelações de João é entendida pelo mesotribulacionismo como a que anuncia o arrebatamento.

No geral, a trombeta era um instrumento utilizado para anunciar algo, seja a chegada de uma pessoa, ou um comando de guerra. Existem várias trombetas, cada uma para um ofício e propósito diferente. Em Números, capítulo 10, podemos ver um exemplo disto, onde havia trombetas para a reunião da congregação, reunião de príncipes e líderes, partida, guerra, solenidade, festa. Cada toque representava uma coisa diferente.

A trombeta que anunciará o arrebatamento não será necessariamente a mesma que convocará os flagelos da Grande Tribulação. É bom diferenciarmos as coisas, para não nos confundirmos ao interpretar textos bíblicos. Existem 113 ocorrências da palavra “trombeta” na Bíblia. Quem reputa coerente com a hermenêutica interpretar que todas são a mesma lê a Bíblia mais para a própria obscuridade e tropeço do que para a elucidação.

O mesotribulacionismo se apoia na palavra “última”, de 1Coríntios, quando diz que a “última trombeta” anunciará o

arrebatamento. Como a sétima trombeta de Apocalipse é a última, a teoria aceita como satisfatória esta particularidade para equiparar ambas as trombetas. Ignora, porém, que a palavra “última” pode ter dois tipos de significados. Um que atesta que jamais existirão trombetas depois daquele dia, e outro que denota apenas o fim de uma sequência de trombetas.

Por exemplo, o povo de Israel ficou sete dias rodeando as muralhas de Jericó, tocando trombetas. No último dia, tocaram as trombetas pela última vez, e as muralhas caíram. Mas, nem aquele dia era o último literalmente, nem aquela trombeta era a última existente. Era a última em relação às seis primeiras. Portanto, a palavra “última” não é contexto suficiente para extrairmos a informação de que as trombetas do arrebatamento são as mesmas das da Grande Tribulação.

Em 1 Coríntios há uma sequência de trombetas, na qual uma é a primeira e outra é a última. Em Apocalipse a primeira trombeta é a do primeiro anjo, e a última é a do sétimo. Existem várias primeiras trombetas, como existem várias últimas trombetas. Não podemos eleger uma única para ser considerada a primeira ou a última.

Para ficar claro, no Apocalipse encontramos sete trombetas, oriundas do sétimo selo. Elas anunciam respectivamente:

- 1º) A terça parte da terra foi queimada (Ap 8.7).
- 2º) A terça parte do mar foi transformada em sangue (Ap 8.8).
- 3º) A terça parte das águas doces ficaram amargas (Ap 8.10).
- 4º) A terça parte do Sol, da Lua e das estrelas parou de brilhar (Ap 8.12).
- 5º) Gafanhotos com poder de escorpiões atormentaram os homens durante cinco meses (Ap 9.1).
- 6º) Foram soltos os quatro anjos que se encontram atados junto ao grande rio Eufrates, para que matassem a terça parte dos homens (Ap 9.13). Anuncia também as duas testemunhas (Ap 11.14).
- 7º) Manifestação da verdadeira faze da besta. A sétima trombeta se divide em sete flagelos, que também fazem parte da Grande Tribulação (Ap 11.15; 15.1; 16.1).

Nenhuma delas anuncia o arrebatamento. E isto comprova o que já foi dito acima, que as trombetas do arrebatamento não são as mesmas da Grande Tribulação.

Observe ainda que a sétima trombeta anuncia tribulações aos inimigos de Deus, enquanto que a trombeta do

arrebatamento anuncia a vida de Seus servos. Esta é uma diferença aberrante.

Para entender que a sétima trombeta de Apocalipse é a mesma do arrebatamento, o mesotribulacionismo deve abrir mão da interpretação literal das profecias escatológicas, nas quais se fundamenta o pré-milenismo. É desconexa a suposição de que todas as profecias escatológicas podem ser interpretadas literalmente, menos a essência da sétima trombeta.

Por estes motivos, não deve o teólogo comparar as trombetas do Apocalipse com as de 1 Tessalonicenses, de 1 Coríntios e de Mateus. E assim, o argumento que é o pilar principal do mesotribulacionismo cai, por falta de sustentação. Por conseguinte, os outros argumentos, que se originaram através deste, desabam junto.

AS DUAS TESTEMUNHAS

A teoria mesotribulacionista acredita que as duas testemunhas não são duas pessoas, mas correspondem ao conjunto de salvos antes da Grande Tribulação. E assim, a ressurreição das duas testemunhas equivale ao arrebatamento, que supostamente ocorrerá no início dos últimos três anos e meio.

O objetivo da doutrina é localizar o arrebatamento e a ressurreição no meio da Grande Tribulação, comparando a voz que as duas testemunhas ouviram com a voz do arcanjo que anuncia o arrebatamento.

“E as duas testemunhas ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: Subi para aqui. E subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram” (Ap 11.12).

“Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor

nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4.16).

Outra semelhança apontada pelo mesotribulacionismo é a presença de nuvens nos dois arrebatamentos. Isto não prova nada, já que as nuvens sempre estão no céu, e que, qualquer pessoa que suba ou desça, deve passar por elas (Lc 21.27; At 1.9; Ap 10.1).

Dizer que as duas vozes acima são as mesmas não é exegese. Depende mais de fé do que de interpretação. E ninguém se obriga a acreditar nisto, uma vez que não há a menor correlação entre os dois versículos.

Faz parte da teoria a suposição de que as duas testemunhas são Moisés e Elias, os quais apenas figuram vivos e mortos. No primeiro advento, Jesus ressuscitará os mortos e os arrebatará juntamente com os vivos.

Isto difere do texto alvo, no qual se lê que ambas as testemunhas morrem, e ambas são ressuscitadas. Então uma delas não pode representar os vivos.

Soma-se a isto o fato de que as duas testemunhas se apresentam como pessoas literais, agindo como pessoas. Têm boca, ouvidos, pés e possuem comportamento específico que as qualificam como pessoas físicas. Um terremoto derruba a

décima parte da cidade, mata sete mil pessoas e aterroriza outras (Ap 11.13). São dados literais, indicando que o simbolismo não se aplica à narrativa do texto. Em Zacarias 4.3 se lê que as duas oliveiras são dois ungidos. Portanto, são duas pessoas físicas, não há simbolismo nisto.

Quando as duas testemunhas morrerem, seus cadáveres jazarão na praça da cidade e serão contemplados por todos (Ap 11.8,9). Estatisticamente, os corpos de todos os santos não caberiam na praça de uma cidade. Assim, as duas testemunhas não podem representá-los.

É oportuno considerar que a teoria mesotribulacionista errou na cronologia dos selos, trombetas e taças, e na sua relação com as duas testemunhas. A manifestação destes dois personagens terá início a partir da segunda metade da Grande Tribulação, os quais serão mortos apenas no fim desse período. Este fato não se ajusta à primeira metade, como supõe o mesotribulacionismo.

As duas testemunhas surgem ao toque da sexta trombeta, e a besta, ao toque da sétima. Em hipótese alguma, poderíamos supor que a sexta trombeta se localiza no início da primeira metade da Grande Tribulação. A sexta trombeta, assim como a sétima, delimitam o início da segunda metade.

Repare ainda que as três últimas trombetas trazem os três “ais”:

“Então, vi e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: Ai! Ai! Ai dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar!” (Ap 8.13).

Cada uma das três trombetas corresponde a um “ai”. Esta frase foi dita depois da quarta trombeta. Então as últimas três trombetas, referentes aos três “ais”, são a quinta, a sexta e a sétima.

E, atenção! A sexta trombeta é das duas testemunhas:

E as duas testemunhas ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: Subi para aqui. E subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram. Naquela hora, houve grande terremoto, e ruiu a décima parte da cidade, e morreram, nesse terremoto, sete mil pessoas, ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas e deram glória ao Deus do céu. Passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai” (Ap 11.12-14).

O primeiro “ai”, que é da quinta trombeta, são os gafanhotos.

O segundo “ai”, que é da sexta trombeta, são os quatro anjos do Eufrates (Ap 9.13,14) e as duas testemunhas (Ap 11.14).

O terceiro “ai”, que é da sétima trombeta, são a besta (Ap 13.1) e os sete flagelos (Ap 15.1; 16.1).

O mesotribulacionismo, que preza tanto pelo cumprimento literal da ordem cronológica dos selos, das trombetas e das taças, confunde-se ao utilizar simbolismo na data das duas testemunhas, as quais surgirão após o toque da sexta trombeta, que é exatamente no início dos últimos três anos e meio. E isto marca o começo, e não o final do ministério delas.

“Darei às minhas duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco” (Ap 11.3).

O verbo “darei” está no tempo futuro. Devemos entender o tempo, não em relação ao ano 96 d.C., no qual foi escrito o Apocalipse, mas em relação aos fatos desenrolados dentro do livro. Certamente o leitor já se deparou com muitos versículos em que João utiliza o tempo passado para profetizar coisas que se cumprirão no futuro:

“Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição” (AP 20.5).

O tempo da ressurreição é futuro, mas está registrado no passado. E isto é normal em Apocalipse, onde o autor ajusta o tempo verbal à sequência de acontecimentos, e não ao dia em que recebeu a revelação na ilha de Patmos.

Desta forma, quando João diz que as duas testemunhas profetizarão por três anos e meio, está dizendo que seu ministério começa a partir da posição em que foi escrito no rolo do livro de Apocalipse. Está dizendo que elas ainda não começaram a profetizar. E assim, conclui-se que o trabalho das duas testemunhas tem seu início no capítulo 11, e não seu fim.

“Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge do abismo pelejará contra elas, e as vencerá, e matará, e o seu cadáver ficará estirado na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado” (Ap 11.7,8).

João insiste em utilizar o tempo futuro em toda a narrativa das duas testemunhas. E, como seu ministério durará três anos e meio, assim como o da besta, resta-nos inferir que todos estes personagens serão contemporâneos,

com diferença de um ou mais dias, conforme a diferença do tempo entre a sexta e a sétima trombeta.

Observe que sua atuação durará três anos e meio:

“Darei às minhas duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco” (Ap 11.3).

Todas as vezes que se encontra três anos e meio em alguma profecia bíblica, refere-se à segunda metade da Grande Tribulação, e nunca à primeira (Dn 7.25; 8.14; 12.7,11,12; Ap 11.2,3; 12.6,14; 13.5). Esta é uma regra inviolável das Escrituras.

Note ainda que os 1260 dias das duas testemunhas estão atrelados aos 42 meses em que os gentios calcarão a Cidade Santa:

“Mas deixa de parte o átrio exterior do santuário e não o meças, porque foi ele dado aos gentios; estes, por quarenta e dois meses, calcarão aos pés a cidade santa. Darei às minhas duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco” (Ap 11.2,3).

Jamais os gentios calcarão Jerusalém na primeira metade da Grande Tribulação, e sim na segunda, quando o pacto da besta for desfeito.

Desta forma, o trabalho das duas testemunhas está alocado na segunda metade da Tribulação. E, como o ministério delas terminará apenas no final absoluto da Grande Tribulação, seu arrebatamento não pode simbolizar a arrebatamento da igreja. Senão o mesotribulacionismo converter-se-á em pós-tribulacionismo.

Além disso, as duas testemunhas não podem ser a igreja, pois a besta as matará (Ap 11.7). A figura da igreja perde o nexos, uma vez que nem todos os santos do passado morreram pela besta. Mormente, considera-se “mortos pela besta” apenas os que forem contemporâneos da Grande Tribulação, e não de toda a era da igreja.

Outra incompatibilidade que existe em relacionar as duas testemunhas com a igreja é que elas trarão tormento aos moradores da terra, através de catástrofes:

“Se alguém pretende causar-lhes dano, sai fogo da sua boca e devora os inimigos; sim, se alguém pretender causar-lhes dano, certamente, deve morrer. Elas têm autoridade para fechar o céu, para que não chova durante os dias em que profetizarem. Têm autoridade também sobre as águas, para convertê-las em

sanque, bem como para ferir a terra com toda sorte de flagelos, tantas vezes quantas quiserem” (Ap 11.5,6).

E isto será de tal modo aterrador, que as pessoas festejarão quando elas morrerem:

“Os que habitam sobre a terra se alegram por causa deles, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porquanto esses dois profetas atormentaram os que moram sobre a terra” (Ap 11.10).

A igreja não atribula o mundo. Pelo contrário, é atribulada por ele.

As duas testemunhas denominam um dos três “ais”, ou seja, uma das três coisas que afligirão as pessoas com tormentos. E a igreja não pode ser considerada um “ai”, tampouco surgiu na sexta trombeta. Somente a doutrina pós-milenista considera as trombetas como fatos presentes, e não escatológicos. O mesotribulacionista, portanto, deve saber de que lado está, pois o pré-milenismo ensina que as trombetas realizar-se-ão no futuro.

Assim, fica insustentável crer que as duas testemunhas são figuras dos santos do passado. E, mesmo que se aceite esta ideia, o arrebatamento ficaria localizado no final da Grande Tribulação, ao invés de no meio.

A visão pós-milenista

Aproveitando a pauta em discussão, faço aqui uma nota explicativa no que tange ao reflexo desta profecia na doutrina pós-milenista.

O início de Apocalipse 11 fala simultaneamente do templo e das duas testemunhas. Primeiramente, vemos que o templo é terreno, e não celestial, pois será pisado pelos gentios (Ap 11.2). A Jerusalém em questão também é a terrena, pois foi nela que Cristo foi crucificado (Ap 11.8).

Os pós-milenistas querem transportar o tempo da profecia das duas testemunhas para o passado. Para isto, afirmam que o templo mencionado no capítulo 11 foi o templo destruído no ano 70, por Tito.

Mas o templo que será pisado pelos gentios por quarenta e dois meses será construído no futuro. Note que a profecia não pode ser uma referência à destruição de Jerusalém, pois essa revelação foi dada a João no ano 96, que é posterior ao ano 70. E o tempo dos versículos está no futuro: “calcarão a Cidade Santa”. Trata-se de uma profecia, e não de um relato histórico.

Para o pós-milenista, Deus rejeitou Jerusalém, tanto que foi chamada de Sodoma e Egito em Apocalipse 11.8. Por isto a destruiu no ano 70. O pós-milenismo cria a ilusão de que Israel foi rejeitado e substituído pela igreja no Novo Testamento. Segundo essa corrente teológica, as bênçãos que cabiam a Israel foram transferidas à igreja.

Mas Deus não rejeitou Jerusalém. Repare que, embora ela tenha sido chamada de Sodoma e Egito no verso 8, foi chamada de “Cidade Santa” no verso 2, que é onde se registra que os gentios a pisarão:

“Mas deixa de parte o átrio exterior do santuário e não o meças, porque foi ele dado aos gentios; estes, por quarenta e dois meses, calcarão aos pés a cidade santa” (Ap 11.2).

Na época em que Tito invadiu a cidade ela não era chamada de santa.

Por estas e outras razões, entendemos que o capítulo 11 de Apocalipse, bem como todos capítulos de 4 a 22 devem ser interpretados como profecia escatológica.

LITERALIDADE OU SIMBOLISMO?

O mesotribulacionismo aposta no simbolismo exagerado da interpretação da revelação de João. Métodos de interpretação baseados em analogia, e não na literalidade, são sempre vagos, subjetivos, e não oferecem fontes fidedignas. Não se pode fundamentar doutrinas em símbolos, pois perdem totalmente a confiabilidade. Outrossim, transformar textos literais em simbólicos é uma péssima exegese, e não oferece prova de coisa alguma.

A doutrina pré-milenista, em geral, firma-se na interpretação literal das Escrituras. De fato, se todas as profecias escatológicas forem interpretadas literalmente, o pré-milenismo sobressai-se como verdadeira doutrina, em relação ao pós-milenismo. Como, pois, o mesotribulacionismo, sendo parte integrante do pré-milenismo, aborta a interpretação literal e dá preferência ao simbolismo? É uma incoerência exegética aplicar a literalidade na última parte da Grande Tribulação, e se valer do simbolismo na primeira parte. Não tem procedência confiável ser literal de um lado, ao confrontar o pós-milenismo, e ser simbólico do outro, ao confrontar o pré-

tribulacionismo. Contradições sempre aparecem com esta alternativa de interpretação.

O mesotribulacionismo enfatiza literalidade na ressurreição e no Milênio, mas transforma em símbolos as passagens apocalípticas que julgam referir-se ao arrebatamento. As figuras das duas testemunhas foram mitificadas e correlacionadas com a igreja. A sétima trombeta de Apocalipse foi folclorizada para se parecer com a trombeta de 1 Coríntios.

E, mesmo assim, a interpretação que foi forjada, inventada e esculpida ao bel prazer de seus teólogos ainda não consegue ajustar o texto bíblico à sua teoria sem prejudicá-lo. Existe grande desordem em sua proposição.

OS 144 MIL ISRAELITAS

Uma impossibilidade do arrebatamento ocorrer na metade da Grande Tribulação, é que os 144 mil israelitas serão escolhidos naquele período. Assim, se houver arrebatamento naquela data, certamente deveria incluí-los, arrebatando-os juntamente com os outros.

“Então, ouvi o número dos que foram selados, que era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel” (Ap 7.4).

Estes judeus receberão selos para escaparem dos quatro anjos e dos gafanhotos que surgirão na quinta trombeta, a qual se localiza na primeira metade dos sete anos:

“E foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma e tão-somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre a fronte” (Ap 9.4).

Os 144 mil permanecerão na Terra mesmo depois do começo da segunda metade da Grande Tribulação, como se registra em Apocalipse 14.

Como Deus arrebataria a igreja e deixaria de lado os israelitas escolhidos, selados e sem mácula, para sofrerem sozinhos a perseguição religiosa e as catástrofes da Grande Tribulação? Num período em que o número de salvos estará aumentando e acrescentando-se à igreja, Deus faria acepção, arrebatando os gentios, em detrimento dos judeus?

A Bíblia não apoia um arrebatamento parcial, onde alguns salvos sobem e outros não. A noiva do Cordeiro não pode ficar desmembrada, supondo que parte dela é mais importante do que outra.

CONCLUSÃO

A vinda de Jesus no meio da Grande Tribulação não possui amparo bíblico, tampouco um arrebatamento nessa data. A teoria mesotribulacionista nasceu de uma base infundada, que confunde a trombeta do arrebatamento com a da Grande Tribulação. A partir desse frágil alicerce, outras teorias tiveram que ser criadas para darem suporte à primeira. No entanto, o uso de simbologia não lhes confere credibilidade, nem lhes atribui caráter de provas bíblicas.

BIBLIOGRAFIA

AVRAHAM, Rosh Gilnei Bem. **Setenta Semanas Para o Povo Judeu**. 2008. 16 p.

BAHNSEN, Greg L. **Dez Coisas nas Quais os Pós-Milenistas Creem**. 3 p.

BIBLEWORKS. PROGRAMA DE EXEGESE BÍBLICA.

BÍBLIA ONLINE. CD ROM DA SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL.

BÍBLIA. Português. **Bíblia A Mensagem**. Vida, 2011. 1790 p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Hebraica**. 5. ed. Sociedade Bíblica do Brasil, 1997. 1520 p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia King James Atualizada**. BV Books, 2012. 2560 p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. A Tradução Ecumênica da Bíblia. Edições Loyola, 1994.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Almeida Corrigida Fiel. Sociedade Bíblica Trinitariana brasileira, 1994.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, 1959.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Almeida Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Almeida Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Almeida Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2010. 1824 p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Bíblia da Ave Maria. Ave Maria, 1959. 1650 p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Bíblia de Jerusalém. Paulus, 1981.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Pastoral. 82. ed. Paulus, 1990. 1584 p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Nova Versão Internacional. Vida, 2001.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Sociedade Bíblica de Portugal. Lisboa, Portugal. 2005.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução Brasileira. Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 4. ed. CNBB, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas. Sociedade Torre de Vigia para Bíblias e Tratados, 1967.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Versão dos Padres Capuchinhos. 1968.

BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Viva**. Mundo Cristão, 2010. 1056 p.

CHILTON, David. **A Igreja Cristã: Pós-Milenista ou Amilenista?** 5 p.

CHILTON, David. **Paradise Restored**. P. 199-200.

COELHO, Isaltino Gomes. **Teologia Sistemática II**. Campinas. 2001. 88 p.

COELHO, Isaltino Gomes. **Teologia Sistemática I**. Campinas. 2000. 120 p.

DEMAR, Gary. **Ainda Esperando por uma Tribulação de Sete Anos**. 2 p.

DEUS DE MILAGRES. **As Setenta Semanas de Daniel**. 18 p.

FERNANDES, Hermes C. **O Milênio**. 5 p.

FERNANDES, Robson Tavares. **Escatologia Bíblica: Últimas Coisas**. 2012. 33 p.

FINNEY, Charles. **Teologia Sistemática**. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. 630 p.

FRANK, Ewald. **As Setenta Semanas de Daniel e os Acontecimentos Atuais à Luz das Profecias Bíblicas**. 28 p.

GENTRY, Kenneth L. Jr. **As Setenta Semanas de Daniel**. 24 p.

GENTRY, Kenneth L. Jr. **O Homem da Iniquidade: Uma interpretação preterista pós-milenista de 2 Tessalonicenses 2**. 12 p.

GENTRY, Kenneth L. Jr. **O Milênio:** 3 pontos de vista. Vida. P. 20-23.

GENTRY, Kenneth L. Jr. **O Significado do “Milênio”.** 5 p.

GENTRY, Kenneth L. Jr. **Sobre Preteristas e Pós-milenistas.** 5 p.

GRAHAM, Billy. **A Segunda Vinda de Cristo:** Perspectiva do Sofrimento. 233 p.

GRUDEM, Wayne. **A Volta de Cristo.** 2013. 19 p.

HANKO, Ronald. **Doctrine According to Godliness.** Reformed Free Publishing Association, P. 297-300.

HANKO, Ronald. **Doctrine According to Godliness.** Reformed Free Publishing Association, P. 305-308.

HANKO, Ronald. **Theological Bulletin.** Vol. 7, No. 20.

HANKO, Ronald. **Theological Bulletin.** Vol. 7, No. 26.

HOEKSEMA, Herman. **Behold, He Cometh!** Reformed Free Publishing Association. P. 640-643.

LINDSAY, Gordon. **Sinais da Próxima Vinda de Cristo.** Dallas. 2006. 16 p.

PATE, C. Marvin. **Apocalipse**. Vida, P. 85-90.

PEREIRA, Herbert A. **Teorias Sobre o Arrebatamento**. São Paulo. 2009. 8 p.

PERGUNTE E RESPONDEREMOS. **As Setenta Semanas de Daniel 9, 24-27**. 1995. 5 p.

REVELAÇÃO DA BÍBLIA. **A Volta de Jesus e o Arrebatamento**. 2015. 175 p.

SANTOS, Leonan dos. **Arrebatamento: Volta de Cristo**. 2014. 9 p.

SAYÃO, Luiz. **O Milênio: Interpretações**. 2006. 96 p.

SCHWERTLEY, Brian. **A Ilusão Pré-Milenista: O Quiliasmo analisado à luz da Escritura**. 2006. 76 p.

TOLEDO, Luiz E. **A Volta de Jesus Cristo**. 2011. 24 p.

VASCONCELLOS, João Marcos. **A Eternidade Futura**. 2011. 25 p.

WHITE, Ellen Gold. **Profetas e Reis**. P. 358-360.